

Este livro foi baseado em fatos reais, modificados ao sabor da magnífica e única maneira de escrever de seu autor.

COMO O AUTOR FOI SUICIDA EM SUA ÚLTIMA ENCARNAÇÃO, VOLTAR A ESCREVER FOI O MODO ENCONTRADO PARA QUE ELE FIZESSE UMA TERAPIA NATUIRAL.

NO DESENVOLVER DA TRAMA, AO MESMO TEMPO, PROMOVIA TAMBÉM UMA TERAPIA NATURAL NA MEDIANEIRA.

Isto proposto pelo mentor Tomás Antônio Gonzaga, que determinou também o máximo de 100(cem) páginas para o desenvolvimento da trama.

Qualquer um que iniciar a leitura não conseguirá parar até o final, porque se sentirá preso ao texto e, ao mesmo tempo, desejará saber qual o fim da aventura.



Nunca Foi

Marilusa Moreira Vasconcellos

Nunca Foi

Pelo Espírito
do Santo Antônio

Marilusa Moreira Vasconcellos



NUNCA FOI

MARILUSA MOREIRA VASCONCELLOS

NUNCA FOI

pelo espírito de
Ryuno Suke Akut Agawa.

EDITORIAL ESPIRITA RADHU LTDA

RUA MARIA OLIANO GERASSI-288-MOINHO VELHO

SÃO PAULO CEP-04284-065

www.radhu.com.br

radhu@terra.com.br

catalogação da editora

Vasconcellos, Marilusa Moreira

Nunca foi- ficção, aventura-mediúnico/Marilusa

Moreira Vasconcellos-ditado p/ espírito de Ryuno

Suke Akut Agawa-São Paulo- RADHU- 2012

1.Brasil. Romance mediúnico- 2010/2012

2.Psicografia- 2-Ryuno Suke Akut Agawa

índice para catálogo sistemático

1.escritos psicografados.Espiritismo

2 romance de ficção-literatura brasileira

3.romance mediúnico. Espiritismo

capa- foto da estátua de Sócrates- Grécia

c-Marilusa Moreira Vasconcellos

Todos os direitos pertencem a médium Marilusa Vasconcellos
e a Editorial Espírita Radhu Ltda.

Proibida qualquer citação sem autorização do autor ao direito
autoral e a fonte.

INTRODUÇÃO

Este livro foi baseado em fatos reais, modificados ao sabor da magnífica e única maneira de escrever de seu autor.

COMO O AUTOR FOI SUICIDA EM SUA ÚLTIMA ENCARNAÇÃO, VOLTAR A ESCREVER FOI O MODO ENCONTRADO PARA QUE ELE FIZESSE UMA TERAPIA NATURAL.

NO DESENVOLVER DA TRAMA, AO MESMO TEMPO, PROMOVIA TAMBÉM UMA TERAPIA NATURAL NA MEDIANEIRA.

Isto proposto pelo mentor Tomás Antônio Gonzaga, que determinou também o máximo de

100(cem) páginas para o desenvolvimento da trama.

Durante a recepção do livro todos foram se sentindo envolvidos pelos conceitos e a forma como eram colocados no texto, de forma a se sentirem de certo modo privilegiados por participarem dos eventos.

Os avaliadores da Editora também sentiram o ambiente delicioso em que a história se colocou, e a forma de sua apresentação, ao mesmo tempo lúdica e profunda.

Deste modo, o que se iniciou como uma forma de tratamento dos problemas evidenciados pelo espírito e pela médium, acabou por produzir uma obra magistral, envolvente, e, ao mesmo tempo, elucidativa.

Qualquer um que iniciar a leitura não conseguirá parar até o final, porque se sentirá preso ao texto e, ao mesmo tempo, desejará saber qual o fim da aventura.

SEM MAIS DELONGAS, PROSSIGA E SE DELICIE COM A VERVE DO AUTOR ESPIRITUAL,O MAIOR ESCRITOR JAPONES DO SÉCULO PASSADO, E COM AS

DELICIOSAS AVENTURAS DOS MENINOS NAS TERRAS DE BLACK RIVER'S CITY.

marilusa

Capitulo I- ENTRE PIRATAS.

Vivia num local tórrido, em Black Large River's City, um pirata de nome Cir Diz Gracia, com seu bando vivendo de sortidas contra os pobres e indefesos ribeirinhos, de preferência viúvas, velhinhos e órfãos.

Seu título de “Cir” fora herdado de seus ancestrais, que à época da descoberta das Américas, foram contratados pela Rainha da Inglaterra, para assaltar os navios carregados de ouro e prata, que seguiam para a grande potência, cujo símbolo é um leão.

Interessante observar que a família Diz Gracia trazia uma marca na testa, semelhante a marca do Zorro, mas que era o símbolo do dinheiro. (\$)

Verdade que, nesta época, esta família encontrou em terras brasilíndias um país onde a impunidade e a corrupção eram garantidas pelo bando dos Petralhas, que aviltavam a lei e a consciência, portanto, a terra ideal para perpetrar suas maldades e falcatruas.

Ali palavras como honra, justiça e liberdade eram adulteradas, no que tinham de mais sagrado e passavam a significar o oposto.

Vivia, portanto, de sortidas Cir Diz Gracia nos assaltos que fazia com sua marujada, servido à bordo pela cozinheira Sue Li Van Lendea, mais conhecida por Tola, uma oriental mestiça de holandeses, que o servia e a tripulação no barco Zé Pilantra, ou nas ilhas e praias tórridas de Black River`s City.

O que tirava o sono do pobre capitão Diz Gracia, era uma menina, amiga da Fada da Luz Doirada, cuja beleza e bondade incomodavam o terrível pirata.

Vivia a pequena Mariu, descendente de antigos donos da região, os índios e colonos portugueses, italianos e espanhóis, numa gruta que os nativos haviam denominado de Gruta de Platão, um velho gedai que

morara lá, e que temiam, porque se dizia que abrigava um lobo e que fadas, duendes e espíritos a habitavam e se reuniam ali, nas noites de lua cheia.

Mariu também se albergava nas árvores das AMOREiras e nos JEQUItibás, com seus meninos órfãos, da Terra de Véritas, todos amparados pelos elementais da água, terra, fogo e ar e pela Fada da Luz Dourada.

Um dia, estava a menina à beira das águas de Black River's, apanhando frutos silvestres, quando inopinadamente a embarcação de Cir Diz Gracia virou a curva do rio e seus canhões foram direcionados para a cabana dos órfãos sobre o JEQUItibá. Tiros atroaram no ar e o barco atracou velozmente na margem, através do vento que enfunava as velas.

Vinha Diz Gracia acompanhado da marujada e Sue Li Van Lendea, mais conhecida por Tola, não apenas pela lentidão de raciocínio, como pelos olhos enormes e míopes, com os dentes a lhe saltarem da boca, correndo com suas perninhas tortas atrás do bando dos salteadores.

A pobre cabana das crianças indefesas fora atingida por um dos tiros e partiu-se ao meio, sendo que as crianças correram, cada uma para um lado, combinando encontro na gruta que os piratas não ousavam adentrar.

Vários potes de mel e sementes caíram pelo chão e os marmanjos os pegaram com avidez e gula.

Roupas, sapatos e algumas moedas que, pelo seu brilho, atraíram o chefe da gangue, cujo DNA marcava a dependência fatal pelo ouro, não podendo conter a influência que lhe exercia.

Nota de rodapé- DNA: componente único e individual de cada ser humano, que o identifica.

Cir Diz Gracia sentiu uma comichão incontrolável e já não pode perseguir Mariu, porque a coceira só parava se ele pegasse algum \$.

Com isto, as crianças puderam ganhar distância na mata, enquanto Van Lendea gritava:

-Peguem aquela garota! Quero fazer um guisado com ela !

Apesar da rapidez das crianças um dos meninos John Vaz Cello foi atingido mortalmente. Caiu da altura em que estava e seu coração infantil parou de funcionar.

Cir Diz Gracia tinha especial aversão por aquele menino, que muitas vezes o vencera nos duelos de espada, porque ele era um verdadeiro Peter Pan, que jamais crescera, embora enfrentasse com valentia os bandidos do mundo dos adultos.

-Ele morreu!- gritou Van Lendea coçando o capacete de cabelos armados, que cobria sua grotesca figura. As riscas do cabelo se juntavam as listras da blusa de mangas compridas dela, lembrando o uniforme dos presidiários das Histórias em Quadrinhos.

E, feliz, ela também se pôs a catar as moedas e a saltitar animalescamente em volta do audaz garotinho.

Foi quando Ne, um marujo fugido dos USA, gordo, negro e desengonçado, se juntou a eles, e falou:

-Capitão Diz Gracia, joguemos o corpo no rio, para que sirva de comida aos peixes!

A dupla de meliantes gargalhou com a ideia , e, tomando o corpo do infeliz John Vaz Cello o lançaram no ar.

Antes que ele atingisse a água, contudo, Fada da Luz Dourada o envolveu num raio tão brilhante que jogou por terra os piratas e levou pelos ares, como se fosse uma estrela doirada, o corpo do menino.

Dizem até hoje os índios que habitam as margens de Black River's que a partir daquela sortida, uma nova estrela surgiu no firmamento, bem ao lado do Cruzeiro do Sul.

Mariu e seus meninos pararam na aldeia de Maria e Fernando, índios aculturados, que mantinham sua aldeia itinerante, antes de seguir para a Gruta de Platão, enquanto a marujada no barco Zé Pilantra festejava com bebida e comida a aparente vitória sobre os meninos.

Visitavam a aldeia naquele dia o Príncipe Rama e seu companheiro Príncipe Lou, que, sensibilizados pela tristeza do grupo com a morte de John Vaz Cello, resolveram ajudar os órfãos contra as diatribes do pirata maldito.

Ao saber da destruição da cabana e do saque aos bens que lá havia, falou o primeiro com voz pausada e com equilíbrio:

– Em qualquer lugar do mundo, esta atitude de se apropriar dos bens que não lhe pertencem, a pessoa incorre num crime de apropriação

indébita.

Nota de rodapé- apropriação indébita: tomar posse de algo que não lhe pertence, de forma ilegal.

Mariu perguntou:

-Isto pode ser realmente comprovado?

-Sem dúvida. Pelo que você me disse as moedas que Diz Gracia pegou, pertencem à sua herança pessoal, tem a efígie de sua família, e ele não poderia levá-las, nem ao mel e sementes, que não lhe pertenciam.

Além disto, pelas leis de seu país, pelo que sei, pode você abrir um inquérito policial contra ele e seu grupo.

Mariu ficou pensativa. Sabia da maldade do pirata, pelos muitos relatos que podiam ser levantados sobre ele na Internet.

Nota de rodapé: Internet.-meio de comunicação internacional por computadores.

Sabia inclusive que ele tivera sua carteira de habilitação caçada pelo número de inflações que perpetrara.

Sabia também que Diz Gracia ganhara um terreno na Bahia Ati, quando o prefeito da cidade, um seu primo, criara uma lei específica, para lhe doar as terras que pertenciam ao município.

A boca pequena se sabia que processos corriam em diversos locais, em Black River 's e Saint Paul, em diversos fóruns, ora o tendo como requerente, ora como requerido, na Vila Real, em Mont Parnasse e no Monte Vivo.

Nota de rodapé: requerente(o que pede) e requerido(o que é solicitado ou acusado)

Até o pessoal do Hospital Sírio e do Banco do Brasil e da Caixa Econômica

havam lhe sofrido as investidas...

Tudo demonstrava a personalidade dissimulada e mesquinha do capitão.

Mariu suspirou fundo. Não desejava que as demais crianças, tão órfãs quanto ela, se tornassem alvos da brutalidade e

desfaçatez do meliante que espalhava desgraças, por onde caminhava, pela sua personalidade violenta e interesseira.

Lou, o príncipe que viera do Oriente milenar, teve sua atenção atraída pela conversa e aduziu:

-É forçoso observar que Diz Gracia não apenas a quer prejudicar, Mariu, abiscoitando tudo o que lhe pertence, mas estende sua ambição aos demais membros de seu grupo. Tudo leva a crer que a ambição e insensibilidade dele, somados ao incentivo de Tola e Ne dos USA, e da marujada de Black River's são enormes e eles não descansarão enquanto não lograrem seus negros intentos, porque não se detiveram, nem diante da morte de John Vaz Cello, antes, pelo contrário, se apropriaram de seus despojos, e só não colimaram seu propósito, porque foram logrados nisto pela Fada da Luz Dourada.

Rama, por sua vez, explicou:

-Pelo que eu ouvi, nestes dias em que aqui estou, Diz Gracia entrou em um processo obsessivo contra você, dizendo a todo mundo que o ofendeu, que você disse que ele é “mau caráter”.

-Nunca disse isto!- falou Mariu, entre admirada e indignada.- Deixei um recado pelo peixinho vermelho, pedindo que ele nos restituísse o que nos tirou.

É notório e sabido que aquelas moedas me pertencem e aos órfãos que vivem comigo, mas ele respondeu que vai tirar o pouco que temos e se referiu aos órfãos como se eles fossem bandidos, “sem ocupação sabida”. Um colibri me trouxe sua resposta. Os meninos são artistas na pintura, escultura e música, alguns são educadores, ensinam a ler e escrever, e outros curam com seus conhecimentos. Todos da floresta de Black River's podem atestar isto. Ninguém é desocupado ou vagabundo, como ele quer fazer aparecer.

-Isto implica em um pedido formal por danos morais, que vou encaminhar ao juiz da Comarca, com meus efusivos cumprimentos, já que sou conhecido por promover a justiça.- falou o príncipe Rama- Claro, se você me permitir.-acrescentou.

-Também quero fazer parte disto, porque sou conhecido em minha terra como

um governante justo e honesto.

-Minha neta,-disse Maria, com seu jeito caboclo, o Grande Pai que tudo vê e sabe, conhece o que vai no coração das pessoas e a ajudará no combate ao mal. Vamos esta noite fazer uma cerimônia para ajudar a alma de John Vaz Cello, para que fique feliz onde está e pedir que Tupã nos abençoe.

-Você nunca foi de desanimar, minha neta- falou Fernando.- Lembro que quando nasceu o cacique pediu ao pajé que falasse sobre seu espírito e ele disse:

-Esta menina é tão teimosa que se morrer e jogarmos o corpo no rio, ao invés de descer o rio, ela vai subir contra a corrente.

Todos deram risada do comentário do velho índio e foram se preparar para as cerimônias que se fariam logo mais à noite.

Homens, crianças, jovens de ambos os sexos começaram a preparar a festa e se ajeitar para ela.

Ninguém falava muito, só para dar ciência do que estavam preparando e para dar ordens para que nada faltasse.

Flores, frutos, peixes, potes sendo lavados, redes estendidas e esteiras, sementes, lanças enfeitadas, flechas, arcos, tacapes, saias de palha, cocares, colares, pulseiras, adereços para os pés, como chocalhos, e até os animais pareciam colaborar com a azáfama que era imensa.

Instrumentos musicais eram preparados para a cerimônia, comida era cozida, bebida era fermentada, pedaços enormes de árvore, esculpidas com carantonhas dos deuses, tintas feitas de sementes, do urucum e outras, sementes de guaraná, e ao longe se ouvia os sons de alguns instrumentos e o tam - tam dos tambores de madeira e borracha.

O cheiro gostoso dos condimentos do mato a preparar o banquete para a noite envolvia as cercanias.

Não querendo fazer feio, respeitando e participando, os servos e amigos dos dois príncipes Rama e Lou, também trouxeram as oferendas do Oriente, com seus tapetes artesanais de requintada beleza, os enfeites de marfim e das árvores de seu país, mais gemas preciosas que, se Cir Diz Gracia visse, por certo, teria uma crise de

dependência que o poderia levar até a morte, devido ao valor e beleza das mesmas.

Um rico vaso de ouro e prata foi colocado no centro do pátio redondo, cercado pelas ocas, e era de ver-se sua beleza admirada pelos índios, que o reconheceram de alto valor religioso, representante da luz do sol, e não pela ambição que, por certo, provocaria nas almas mais atrasadas, presas a cobiça.

Sabendo da tristeza das crianças com a morte de John Vaz Cello, tanto o pajé, quanto o cacique decidiram fazer por quatro dias a festa do Kuarup, de origem Tupi, que acontecia com o amparo do deus Mawutsimin, e que se fazia pra ressuscitar os mortos.

O pagé conhecido como Cosmo procurou Mariu e informou-a sobre o que pretendiam ele, o líder espiritual do grupo, ou curandeiro e o moruxama, ou cacique, para ajudar o menino que morrera e seu bando.

Mariu e os meninos ficaram muito comovidos com a deferência que lhe faziam os índios, através de seus representantes.

No meio do círculo de ocas foi fincado um tronco da madeira kuarup, e os índios o enfeitaram lindamente com colares e penas, das mais bonitas que podia haver.

Foram buscar duas cotias e dois sapos cururu, muito conhecidos pelo seu canto

forte e diferente dos demais sapos, enquanto os índios se pintavam para a cerimonia.

Os índios vinham até o tronco e falavam com ele, como se fosse o menino que morrera.

Uma fogueira foi acesa na frente do tronco, e depois disto, cada índio vinha buscar na mesma uma chama e ia acendendo as demais fogueiras que haviam preparado toda a volta da aldeia.

Cada fogueira representava um grupo, já que várias aldeias, sabendo da festa, tinham vindo participar, além dos visitantes do Oriente, com sua comitiva e mais as crianças que tinham vindo de Black River's.

Infelizmente as mulheres não podiam participar da dança sagrada

Máscaras, que se chamavam dominós, cobriam todo o corpo dos índios.

Os índios gritavam e gritavam, junto com os sapos, batendo os pés em cadência, com chocalhos nos tornozelos, para marcar o ritmo.

A noite chegara e o primeiro dia terminava, logo viria o segundo e no terceiro o tronco teria virado metade o morto e metade o tronco, quando o dia estivesse ao meio todos podiam sair e participar da festa.

Admirados os meninos viram que o tronco era metade madeira e metade era o rosto de John, que parecia tão admirado quanto eles.

A alegria do grupo foi enorme, e foi preciso contê-los, para que não corressem em direção ao recém-morto, no desejo de falar com ele e abraçá-lo.

Foi ele quem quebrou a expectativa falando:

-Estou ao lado daqueles que partiram antes de mim, e estou bem. Fiz tudo aquilo que pude, e agora vocês é que terão que fazer o que está faltando.

Os dançarinos continuavam a dançar em círculo, marcando suas pisadas com as maracas, feitas de cabaças secas, cheias de sementes ou pedrinhas.

Cantos mais fortes se ouviam, levados a efeito pelas carpideiras, com seu choro ritualístico.

Logo o dia chegaria e com ele cessariam as danças, os cantos, e o choro e os visitantes chegavam aos gritos, para as competições que se dariam.

Lutas em grupos e lutas dos jovens e numa atitude de humildade e cordialidade, o moruxana da aldeia se ajoelhava diante de cada chefe e lhes oferecia biju e peixe.

Terminada estas, os visitantes vinham com suas oferendas, trazendo coisas que eram sua especialidade, entre cerâmica, objetos ornamentais, armas, etc.

Quando tudo terminou os meninos olharam para o tronco e ele voltara a ser apenas um enorme pedaço de madeira ornamentada, que os índios tomaram e jogaram no rio.

Três dias haviam se passado, e após dormir aquela noite os meninos ainda muito tristes assistiram a cerimônia de Atiani, que era feita para afugentar os maus espíritos e chamar os bons.

Mulheres e homens participavam desta cerimônia, que começou ao entardecer. Dois índios com cocares de penas, trazendo numa das mãos uma flauta com mais de um metro e meio de comprimento, de nome Yapurutu, chocalhos nos tornozelos, que marcavam o ritmo, iam executando passos rápidos de marcha para a direita e para a esquerda apoiando a mão no ombro do companheiro.

Dois outros sentavam-se ao lado da maloca maior, até que os dois primeiros, após muito dançar entravam maloca adentro.

Dali há instantes, saíam cada um acompanhado de uma índia, que acompanhava os passos, com a mão sobre o ombro do companheiro, e em cada maloca ia acontecendo o mesmo.

De repente tudo terminava e o pagé disse a Mariu:

-Vai com seus meninos, que nada de mal lhes acontecerá. O espírito de John os acompanha, mais os seus ancestrais e protetores.

Apesar da noite que caíra, os meninos se despediram e seguiram pelo caminho que já conheciam.

Os guerreiros do príncipe Rama e do príncipe Lou os acompanharam em parte do percurso, receosos que o pirata e sua súcia de pilantras viessem pelo rio, em busca de fazer mais maldades

-Como seria bom se todas as pessoas agissem com tanta generosidade, ao invés da má-fé que dita suas atitudes...-pensou Mary Lou, sabendo que daí para a frente teriam que fazer a sua parte, como dissera John.

Não seria fácil. As sendas por desbravar a noite, até que pudessem chegar a Gruta de Platão, e os víveres que estavam levando talvez nem dessem até o final da jornada.

E depois, o que seria deles, agora que haviam perdido sua cabana sobre a árvore e parte do pouco que haviam guardado ali?

A Lua refletia suas sombras no meio do arvoredor, e eles não pensavam em nada mais do que a saudade imensa de John, que sempre fora o líder de todos, e na Fada Luz Dourada que misteriosamente não havia mais aparecido, nem mesmo durante a festa que a tribo tupi havia feito para eles.

Onde andaria a fadinha? Era de se esperar que ela viesse, durante a cerimônia que pretendia ressuscitar o menino, já que o arrebatara.

Além disto, aquela nova estrelinha no céu seria mesmo o espírito de John a acompanhá-los?

Tomara que assim fosse, porque Mariu sabia que Diz Gracia não desistiria de persegui-los, e quantos mais apareceriam tentando prejudicá-los?

Seguiam durante o dia, com cuidado, atentos a todos os ruídos da floresta, e procuravam abrigo à noite, sobre as árvores ou onde pudessem acampar.

Naqueles dias de incerteza, a caminho da Gruta de Platão, as crianças estavam exaustas e precisavam descansar um pouco mais e Mariu lembrou-se de uma aldeia formada por um grupo de indianos, que viviam no meio do mato. Ali este grupo dava vazão à sua cultura milenar, aos seus deuses, costumes e crenças.

Capítulo II- NA ALDEIA INDIANA

O grupo de crianças foi recebido com profundo carinho e respeito, na hospitalidade dos homens e mulheres que adoravam Ganeshi(o deus com cabeça de elefante) e Shiva, seu pai.

Tão logo chegaram, cansados, empoeirados e sedentos, os indianos lhes ofereceram refrescos e chás, feitos de flores, entre eles o vermelho ibisco, planta que simboliza a família.

A comida lhes foi ofertada e, aos poucos, eles entraram em contato com os sabores exóticos, que lhes eram apresentados.

O sal orgânico, a pimenta, os temperos azedos, amargos, , mais de 25 tipos de especiarias, com propriedades medicinais.

A seguir, ouviram-se as orações e as danças características.

Os meninos sentiam-se mergulhar num mundo exótico, cheio de cheiros, sabores, colorido, e sons.

Uma calma e doçura tomava conta de suas almas, abaladas pelos últimos acontecimentos.

Foram levados a uma casa rústica, feita de tijolos fabricados com o barro do chão e a palha das plantações, que mantinha o ambiente aconchegante e fresco, com o cheiro de ervas colocadas no ambiente.

Mariu sabia que dificilmente os piratas chegariam até eles, porque sentia que os perseguiam, julgando que houvessem ido pelo rio.

Era também muito improvável que os piratas liderados por Cir Diz Gracia, não os houvessem seguido até a tribo guarani, pois era certo que eles, covardes como eram, não enfrentariam os bravos guerreiros indígenas.

E, agora, por primeira vez, iam dormir abrigados, graças ao grupo indiano que não lhes perguntara nada a respeito do porquê de sua parada ali.

Na tranquilidade da noite, cujo céu estava bordado de estrelas magníficas, a menina foi adormecendo, e naquele momento de quase desligamento do corpo, ela viu a Fadinha Azul, e a figura de homens que ela conhecia de milênios de vidas a lhe proteger o sono.

Muitas eram as vezes em que adormecia e ia com eles a locais que não conhecia, para resolver os problemas para os quais não achava solução.

Dormir não era apenas bom, no sentido de descansar dos eventos do dia, mas também de poder passear por aqueles locais diferentes e tão reais, numa nova dimensão de vida.

Mulheres e homens com trajes indianos guardavam o local, e ela só sentiu que havia um regime de castas entre os hindus, que lhe causava mal estar e apreensão.

Lembrou-se das músicas ouvidas, em sistemas de ragas memorizadas e das danças, contando aventuras dos deuses e heróis míticos.

Aquela diversidade de línguas, hábitos, e modo de vida, com sua profusão de deuses e crenças, formava uma unidade com tolerância, busca de conhecimento e remoção de toda a ignorância.

Uma chama lhe fora ofertada, significando a luz, e uma lamparina feita de barro, que representava o homem, também feito de

barro, deixava sua luz bruxulear no ambiente. Seu nome indiano era “deepak”. O óleo que queimava representava o poder da vida.

Ao seu lado uma flor de lótus mostrava seu valor, acima do mundo material e apesar de viver no pântano, continuar bela, com o sol centrando seu miolo.

-Descanse.-falou a fadinha da Luz Doirada- hoje vamos conhecer um palácio magnífico.

-Quem é aquele deus com cabeça de elefante?- perguntou ela.

-Ele representa o começo, o meio e o fim e nos conduz no mundo material e espiritual, dentro da crença hindu. Ele é a chave para algo que precisa ser aberto.

-Tem uma história muito estranha.-comentou a menina.

-Todos os povos têm a sua história.

E, vendo que os meninos iam adormecendo e passavam a fazer parte da comitiva espiritual, Fadinha comentou:

- Mariu a história de Ganesh é simbólica. Shiva, o deus maior, saiu de casa um dia e deixou sua esposa Durga só. Ela, então resolveu criar um filho, para lhe fazer companhia e assim fez, deixando-o cuidando da porta, pedindo-lhe que não deixasse ninguém entrar, que ela iria tomar banho.

Assim fez o menino. Ninguém entrava por aquela porta, até que Shiva retornou.

Ele queria entrar, mas Ganesh não sabendo que o deus era seu pai tentou impedi-lo e o deus cortou-lhe a cabeça.

Durga entrou e ficou desesperada. Ela se dividiu em 7 formas diferentes e pos-se a consumir o Universo. Shiva chamou então o sábio Viashadeva e pediu uma nova cabeça, para reviver Ganesh. Vishnu veio e foi buscar uma cabeça, como não achasse uma, acabou por trazer a que encontrou, uma cabeça de elefante, que foi substituir a cabeça do menino. Durga ficou feliz, por ter de novo seu filho.

Mariu e os meninos ouviram a história e saíram voando sobre a floresta, indo longe, para a Índia, a 200 km ao sul de Delhi, visitar os templos de Agra, e o Castelo Vermelho, onde o filho do Imperador que construía o Taj Mahal o prendera.

Guardas espirituais cuidavam do magnífico Templo, e era muito difícil adentrar o recinto magnífico.

Os meninos foram tomados por um respeitoso sentimento de consternação e amor, que se podia sentir no ambiente.

Sem que ninguém lhes informasse, eles sabiam intimamente que aquele local era uma demonstração de amor do imperador, para com sua amada esposa, de uma beleza e amor infinitos.

Diante deles a figura do antigo e admirado casal, se plasmou com incrível nitidez.

Os garotos foram tomados por forte emoção, e mal conseguiam conter as lágrimas, que espontaneamente lhes brotaram nos olhos

O imperador Shah Jahan, pois era ele e a esposa Aryumand Banu Begam, também conhecida por Muntaz Mahal(a jóia do palácio) emitiam uma luz prateada ao seu redor.

Com imenso carinho a antiga esposa do rei, para quem o esposo construíra o mausoléu, após sua morte ao dar a luz do décimo quarto filho do casal, o famoso mausoléu Taj Mahal, uma das sete maravilhas do mundo, afagou e sentou-se a frente do edifício que brilhava à luz da Lua, tomando-os junto de si, com imensa ternura.

- Que lindas crianças, como têm inteligência e criatividade! Que almas bondosas abrigam seus corpos bem formados!

Mariu não sabia se a beleza da mulher a sua frente a impressionava ou a aura de amor e bondade que se evolava dela, na simplicidade que a caracterizava.

- Me conta sua história ! Pediu a pequena Mayliz.

A jovem mulher não se fez de rogada e olhou com cumplicidade para seu esposo que falou:

-Vivemos no século dezessete e nos amamos muito. Eu era um rei poderoso e naquele tempo, como acontece até hoje em alguns lugares do mundo, podia ter muitas esposas.

- Que horror!- disse a pequena Miriam- fazendo com que todos rissem muito.

- Pois assim era, e eu tinha muitas mulheres, e as amava muito e cuidava delas, mas somente uma tinha meu coração e é esta jovem que aqui

vêm. Tivemos muitos filhos e, quando chegou o 14º filho, ela não resistiu e veio a morrer.- falou o rei.

- Pudera!- comentou o pequeno John, causando olhares entre as crianças e Shah.

- Ela faleceu e minha tristeza foi imensa. Resolvi construir um túmulo que expressasse meu amor por ela.

De 1630 a 1652 mais de 20 mil homens trabalharam, com bois, elefantes e camelos, para construir este mausoléu em forma de palácio, para honrar a memória do nosso amor.

- Mármore branco, pela primeira vez, utilizado em construções deste porte, pedras semipreciosas, adornos, tudo era escolhido com esmero, mas, mesmo diante do sacrifício e da dedicação que me impunha na demonstração do meu afeto, eu ainda assim, me sentia vazio, inútil, e apequenado. Nada no mundo poderia representar a altura o amor que sentia pela minha pequenina e adorada esposa.

Diante do casal se via a imensa construção magnífica, com seus jardins maravilhosos, com o rio a frente refletindo o palácio e todos imaginavam o trabalho imenso para construir aquela demonstração viva do amor do monarca, há tão longínquos anos, quando, inesperadamente, o barco de Cir Diz Gracia veio pelo rio, a frente do palácio, singrando as águas com seus marinheiros, e tendo a frente, Ne dos EUA e Tola, que gritava a plenos pulmões:

- Quero o pescoço desta menina!

As crianças, que haviam se abrigado ao lado da antiga rainha, ouvindo as palavras do rei, foram tomadas de susto, diante do inesperado.

- Abriguem-se!- falou Mariu, buscando refúgio nas portas da imensa construção.

Mas o rei parecia melhor preparado para aquela eventualidade, de um ataque tão inesperado, num momento e num lugar tão inusitado, porque tomou de um instrumento de sopro milenar e levou-o à boca, tocando-o num som monocórdico, que soou por toda a parte.

Imediatamente, na paisagem paradisíaca, começaram a se formar figuras com estes trajes antigos, típicos do momento em que aquele rei

havia vivido na terra.

- Parecia que ele convocava com seu instrumento, uma imensa variedade de pessoas.

- Elefantes montadas por fogosos guerreiros, homens com arcos e armas, pagens, generais e marechais de campo, homens a cavalos e uma miríade de seres foram se materializando entre as crianças, o casal real e os marujos que desciam armados do barco Zé Pilantra.

Foi como deitar água na fervura.

Ninguém esperava por aquela aparição, naquele momento.

Boquiabertos os piratas de Black River`s se atrapalharam de forma incrível.

Uns choravam de pernas trêmulas, enquanto outros literalmente borravam as calças.

Voltando correndo para o barco, Cir Diz Gracia chamou-os enraivecido:

- Idiotas! Voltem ao barco, imediatamente!

Foi um Deus nos acuda! Os afoitos marinheiros fugiram rapidamente para o barco, que zarpou sumindo na frente do palácio.

Mariu estava ainda assustada e não entendia como os piratas do veleiro haviam aparecido ali, sem mais aquela.

O rei deu uma gargalhada, ao perceber a rapidez com a qual os bandidos haviam fugido de seus guerreiros e comentou:

- Mariu, você pensa que há limites para a atuação do mal? Estes ataques ocorrem sempre, estando você acordada ou dormindo.

As crianças e o casal real retomaram seu carinhoso interlúdio e o rei os levou aos jardins do palácio, onde rosas, narcisos e flores exóticas deixavam-se admirar com a sua beleza e perfume.

A rainha pegou uma linda rosa branca e deu a Mariu e o rei deu uma vermelha a cada uma das meninas que se sentiram como se fossem, naquele momento, verdadeiras rainhas.

- Então, a rainha morreu e, com isto, você, majestade, construiu em pedra a maior declaração de amor do mundo?- perguntou

Miriam.

- Isto mesmo.- falou o rei, rindo da forma como ela colocava as coisas.

Iria construir um outro monumento de mármore negro, para ser enterrado sob ele, quando morresse, para demonstrar a imensidade do meu sofrimento e do meu luto, mas fui destronado por um de meus filhos, que me aprisionou num forte, à frente do mausoléu.

- Da janela de minha prisão via dia e noite o palácio que construía para Muntaz, e ficava imaginando se um dia poderia me reunir a ela e pedir seu amor.

- Eu o acompanhava e procurava diminuir seu sofrimento e o esperei, quando ele partiu para o Mundo das Almas, para selar mais uma vez nossa união.-falou com encantador sorriso a rainha.

- E vocês não ficaram com raiva do filho que destronou seu pai?

- Não. Os bens do mundo são pequenos diante do amor espiritual das almas. Meu filho me é muito amado, porque onde me colocou eu podia ver diariamente o monumento que erguera, para demonstrar ao mundo o meu amor eterno, por aquela por quem eu vivera de amor e estava morrendo também de amor.

-Que lindo! - deixou escapar com um suspiro Mayliz.

As crianças caíram na risada e o rei, despedindo-se dos meninos pediu que tomassem cuidado na volta aos seus corpos carnis, para acordar, porque, o pirata poderia estar em algum lugar pronto para novas investidas.

Preocupado com isto, ordenou que um dos seus maiores guerreiros acompanhasse as crianças no voo de retorno ao local onde dormiam tranquilamente.

E, entre encantados com o encontro noturno com o famoso casal, e os sustos havidos com o ataque de Cir Diz Gracia, os meninos acordaram quando o sol se levantava entre as árvores e o cantar dos pássaros encantados que habitavam a região,

pensando em como não seria fácil chegar à Gruta de Platão, pois o maldoso perseguidor não os esquecia e os buscava para perpetrar suas

maldades, dia e noite.

O dia amanheceu cheio de luz e os habitantes daquele recanto premiam as crianças com seus mantras e suas orações matinais.

- Que civilização antiga e cheia de encantos.- comentou a menina com os órfãos. -Vou sentir ter que partir, mas levarei comigo todas as lembranças vividas enquanto estivemos juntos.

- Podemos nos ver muitas vezes, mesmo que não seja fisicamente,- falou com doçura o indiano Jihan, com uma mesura e um sorriso enigmático, como se ele também houvesse, de algum modo, participado da aventura noturna.

- Que mundo é este? -perguntou Mariu- Já nem sei qual o mais real, se o físico ou o espiritual. E pensar que vivemos quase um terço da vida mergulhados no sono, visitando o Mundo Real do qual viemos. E ela ficou cismando em quando poderia encontrar-se novamente com John Vaz Cello, e se ele tinha conhecimento das aventuras, desventuras e venturas que ela e os órfãos estariam vivendo.

Só sabia de uma coisa. Estaria lutando com todos os Diz Gracia da vida e todas as pessoas más que tentassem atacá-la e aos meninos, e levaria sua vida dentro daquele sonho de amor e bondade, da qual fazia parte.

As crianças prepararam um farnel, digno de um rei, e, descendo a montanha, com cuidado, atentos a qualquer ruído, prosseguiram em direção a Gruta que os albergaria, e de onde haviam saído, antes de construir a casa da árvore em Black River's.

A lembrança do encontro que haviam tido no Taj Mahal, os envolvia numa aura de encanto e sonho.

Porém, por mais que desejassem permanecer naqueles momentos, a realidade se impunha, e era mister continuar com muita atenção.

À frente as sendas por desbravar se desdobravam misteriosas e intrincadas.

Cada um sabia a saciedade os perigos que os aguardavam a cada curva do caminho.

Mariu sentia um cansaço enorme, que não sabia a que atribuir, porque sempre fora destemida e disposta, para qualquer eventualidade.

Parecia que os pés tinham chumbo e os sapatos e a cabeça fervilhavam de preocupações diferentes daquelas que antes sentira.

- “Eu fiz a minha parte, agora cada um trate de fazer a sua.”

As palavras de John repercutiam em sua mente, como se fossem repetidas por um milhão de vozes, em eco contínuo, atordoando-a.

Ela se sentia fragilizada e os meninos, aos seus olhos, não estavam preparados para enfrentar as investidas dos perigos que a vida as vezes traz.

Como haveriam de se sair das armadilhas que apareceriam em seus caminhos?

A Gruta de Platão seria suficientemente segura, para os abrigar, principalmente da sanha das maldades de Cir Diz Gracia e sua súcia de pilantras?

Os pensamentos pareciam um emaranhado cheio de nós em sua cabeça e talvez fosse isto que lhe causasse tanto cansaço.

Capítulo III- O BALÃO

Resolveram acampar no final do dia, após uma marcha exaustiva à beira de uma cratera de um vulcão extinto. que encontraram.

Mariu repartiu parte do farnel que trouxera. Os exóticos lanches trazidos como que despertou neles a lembrança da noite anterior.

-Você acha que o rei e a rainha estão bem, lá nos jardins do Taj Mahal? Será que Cir Diz Gracia não voltará para atacá-los?

-Claro que não, sua boba!- respondeu um dos meninos.-Eles devem estar correndo até agora, de tanto medo e susto.

E a criança deu longas risadas, diante de tal comentário.

Só Mariu não riu. Não sentia que os órfãos estivessem preparados como era necessário, segundo o aviso de John Vaz Cello.

Após a refeição os meninos se ajeitaram como puderam, para repousar, a fim de prosseguir no dia seguinte a empreitada que tinham diante de si.

Sorte que aquela noite não choveu, porque eles estavam desabrigados.

Embora tivessem saído do corpo à noite e terem participado de outros eventos, quando o dia raiou eles não se lembravam dos sonhos e menos de onde teriam estado.

É assim mesmo, porque nem sempre trazemos lembranças do que andamos a fazer, durante o momento do sono.

O Sol prometia um dia cheio de luz e calor. Os meninos levantaram acampamento e tomaram a trilha, que serpenteava morro abaixo.

Iam cantando despreocupados canções que haviam aprendido com os indianos, mas Mariu ficou atenta, percebendo que um casal de urubus os seguia.

De repente uma sombra se projetou no solo e, olhando para o alto, a menina viu admirada que um balão pairava no céu e alguém o manobrava em direção ao grupo.

Firmando a vista, a menina viu entre admirada e estarrecida, a figura de Cir Diz Gracia com parte de seu bando de pilantras.

O desenho do barco Zé Pilantra se via no desenho do balão.

Onde aquele homem conseguira o veículo aéreo para a sortida que empreendia?

Mariu mostrou o balão para os meninos, ordenando:

--Abriguelmo-nos nas árvores !

Foi um Deus nos acuda. As crianças saíram correndo em direção ao complexo de árvores que se via adiante.

Eles sabiam que uma daquelas árvores tinha um oco dentro do qual poderiam entrar e foi o que fizeram, mal podendo carregar o material que vinham levando.

--Se eu tivesse aquele chifre que Shaj usou para chamar seu exército, aquele bandido ia ver!-falou o pequeno Johnny.

--Mas não temos. Busquemos abrigo.

A criança foi descendo quase como se estivessem num tobogã gigante, um depois do outro em direção ao final do túnel, que ia dar numa enorme garganta do rio.

Foram dar numa praia paradisíaca, mas parecia que o pirata sabia de antemão onde eles iriam aparecer, porque o balão logo pairou sobre o local, de forma ameaçadora.

Olhando para cima a menina percebeu que o aparelho perdia altura e que eles logo estariam no solo.

Percebendo um barco atracado na areia ela gritou:

-Ao mar!

Imediatamente os meninos correram para a pequena embarcação e, tomando os remos e empurrando, logo estavam em águas mais profundas.

O balão os seguia de perto, mas sem chance de baixar mais, porque poderiam ser tomados pelas águas, o que os levaria a afundar.

-Mariu ! Você não vai conseguir! -gritou o pirata, cheio de raiva.

- Isto veremos!- falou a menina olhando para cima, mas o pirata não podia suportar fitá-la e desviou os olhos, como todo mentiroso e pilantra.

Incrível como a maioria das pessoas que mente não consegue olhar nos olhos dos outros. Ele fitou Sue Li Van Lendea, e Ne dos EUA e sua marujada, e esbravejando continuou com a perseguição.

As crianças se fizeram ao mar alto e aos poucos foi acabando o gaz que mantinha no ar o balão.

Era isto mesmo que a menina desejava, pois pensava que aquele balão era como a maioria das pessoas só voava porque estavam cheios de gaz, sem isto, permaneceriam no chão, como as pessoas medíocres.

Logo o desespero se impôs entre a marujada, elevada nas alturas. Se o balão caísse no mar, como eles

sobreviveriam?

O barco seguia, e viram que o balão finalmente, não tendo mais como sustentar-se no ar, foi baixando e, por sorte, foi dar numa ilha, no meio do oceano.

Foi um alívio! Mariu lembrou-se da cerimônia que haviam feito antes de partir da aldeia indígena e entendeu que estavam sob a proteção dos espíritos amigos que os acompanhavam.

Com isto, eles retornaram e foram seguindo pela praia, porque sabiam que este era o caminho que os conduziria ao local onde pretendiam chegar.

Estavam cansados pela correria pelo mar afora, remando em desespero, mas agora poderiam retomar seu caminho.

--Mariu, -falou Johnny- você acha que ele virá ainda atrás de nós ?

-Não sei. Gente como o senhor Diz Gracia tem uma doença quase incurável, chamada ambição. Por dinheiro eles não pensam em nada, nem em ninguém. In- felizmente, Johnny, o mundo tem sido dirigido pelo ouro, pelo poder, pela ganância.

-Então o ouro, o dinheiro é uma coisa ruim.

-Não, meu querido. Na verdade, o ouro não é ruim, ou o dinheiro. Ele é um avanço da civilização, nas regras do comércio, mas o que as pessoas fazem, escravizando-se a eles, é que faz com que o mundo esteja da forma como está.

Seguiam os meninos conversando, para espantar o cansaço, quando um pombo pairou sobre eles e acabou pousando perto, em atitude de quem os buscasse.

A menina lembrou-se então que o príncipe Rama tinha em seu séquito um bando de pombos, que ele explicou que eram pombos correios, treinados para levar mensagens.

-Estas avezinhas sempre foram muito úteis aos homens, em todas as épocas.-falara o príncipe, acrescentando- Elas foram portadoras de mensagens entre os exércitos, com ajuda de espiões e gente que se

predispunha a conseguir a paz a qualquer custo. Se não fosse por elas, muitas vezes o bem não teria prevalecido.

O príncipe contara a Mariu os fatos incríveis em que estas aves haviam feito toda a diferença em meio ao caos da guerra.

E aquela ave parecia ser uma daquelas que ela vira no séquito do príncipe árabe.

Como se seus pensamentos tivessem feito sintonia com a avezinha, a mesma voou do galho onde pousara e veio pousar em sua mão.

A menina percebeu que o pombo trazia numa das patas uma argolinha onde fora preso um papelzinho enrolado e tão bem condicionado que nada o faria perder-se ou se molhar.

Tomando o mesmo, a menina desdobrou-o e leu o seguinte:

“Querida Mariu,

Que sua viagem pelas terras esteja transcorrendo de forma tranquila, como desejamos.

Eu e o príncipe Lou, preocupados com o que lhe aconteceu, apresentamos às cortes dos juízes uma petição, solicitando que o Sr. Diz Gracia lhe devolva os bens que surrupiou, e também a casa que lhe tirou, através do ataque realizado.

Não sabemos se conseguiremos atingir nossos objetivos, mesmo porque a justiça nesta terra tem tido atuações bastante discutíveis neste mundo.

Dizem que a justiça verdadeira vem de Deus, e nisto não vamos discutir, porque é assunto que foge à nossa alçada, mas se prepare para ter que comparecer a audiências, até que tudo se resolva.

Saudações de seu amigo,

Príncipe Rama”

A garota lembrou-se que, quando vira os pombos trazidos pelo príncipe este lhe contara a história do pombo mais famoso da História da Humanidade, de nome Cher Ami, querido amigo, em francês.

-Os pombos são espécies muito especiais, e apesar de serem considerados símbolos da paz, sabem ser muito guerreiros quando querem, voam alto e mergulham como se fossem para a morte ou se dirigem rumo

aos penhascos e, no último momento, rapidamente, mudam de rumo, de tal sorte, que, se uma outra ave os persegue, não consegue em tempo mudar a rota, batendo no obstáculo à frente, ou caindo para a morte.

Mas o pombo correio é diferente. Possui uma espécie de cestinha sob o bico, onde guarda cristais de magnetita, que, se pensa atualmente, lhe dão este sentido de direção, esta memória do lugar de onde partiu, para retornar a ele.

Cher Ami era um pombo correio, na época da Primeira Guerra Mundial.

Um grupo de mais de cem homens, soldados americanos, se viu certa vez entre dois fogos, porque os alemães os atacavam e, pela posição em que estavam, os franceses, crendo que bombardeavam os alemães, também os atacavam.

Estavam entre dois fogos, sem condição de escapar, quando enviaram o pombo para avisar aos franceses sobre sua posição, pedindo-lhes para parar com o ataque e auxiliá-los.

O pobre pombo voou em sua missão, passando por sobre as baterias do inimigo que atirou nele, prevendo qual seria sua missão.

Mas, mesmo atingido, a ave continuou bravamente.

Quando chegou no campo francês, mal conseguia respirar, havia perdido uma das patas, tinha uma asa machucada e uma ferida no peito.

Lida a mensagem, cessaram as hostilidades e o contingente americano foi salvo.

Tudo fizeram para salvar a heroica avezinha, mas ela não resistiu. Acabou morrendo depois de cumprir sua missão, diante dos soldados entristecidos. Ficou sendo conhecida pelo cognome de Cher Ami.”

Lembrando da conversa que ouvira sobre os pombos, a garota ficou contente que este pombo, pelo menos estava vivo e bem, e tratou de pegar a mensagem que ele trazia dentro de um pequeno tubo preso à pata.

A menina ficou admirada com o teor do bilhete e pôs os meninos a par do que estava acontecendo.

Verdade que a atitude de Rama e de Lou a deixavam com esperanças, para ver se conseguiria ao menos receber de volta o que o mau homem lhes tirara, mas também era verdade que não desejava prolongar

aquelas perlangas, nem perder mais tempo se encontrando com aquele homem vil e sua súcia de pilantras.

-Mas estes homens malvados não vão conseguir sair da ilha onde caíram.-falou Mayliz, aprovada em seu raciocínio pelas demais crianças.

-Ao contrário.- retrucou a menina- Neste momento ele já deve ter dado um jeito de sair de lá e pode já estar em nosso encalço.

Instintivamente as crianças olharam para o alto, em busca da sombra de um balão que os seguisse.

E, como sempre acontece, apesar do cansaço, criaram forças novas para dar prosseguimento a sua caminhada.

Mas já não iam cantando, pois temiam que suas vozes atraíssem o pirata e denunciasse sua localização.

As crianças desejavam que os príncipes resolvessem suas questões, mas Mariu sabia que tudo tinha um preço e, mesmo que eles fossem pessoas cheias de virtudes, talvez para ganhar na justiça a devolução do que lhe fora tirado de forma tão cruel, tivesse que pagar por isto o mesmo valor que já perdera.

As coisas no mundo dos adultos era muito mais complicada do que o simples raciocínio lógico, e era por isto que os ricos se saíam bem das empreitadas e os pobres ficavam à espera da Justiça Divina. Raras eram as vezes que os tribunais da terra eram justos e demorava tanto para se fazer a tal justiça, que, quando a sentença benéfica era proferida, muita vez o requerente já estava morto, mortíssimo, seu corpo debaixo da terra.

Percebendo o cansaço que tomava conta da turma, a menina propôs que descansassem um pouco, e tomassem um lanche com o pouco que se salvara durante a fuga do balão.

E foi o que fizeram, acampando sob uma frondosa árvore, e ouvindo o murmúrio de um rio nas imediações, um deles tratou de ir buscar água em uma vasilha, para que pudessem também beber um pouco do precioso líquido chamado água.

Como sempre acontece, após a refeição, veio um sono a tomar conta do grupo e Mariu os instou a que descessem até as margens do rio

próximo, porque assim se reabasteceriam de água e talvez até pudessem se banhar um pouco, com o que vencer o calor do dia.

E foi o que fizeram, sem muito ruído, pois a todo momento olhavam os céus, com medo que o pirata viesse novamente a atacá-los do alto.

O rio pequeno e marulhante logo se deixou ver, diante do bando das crianças.

Sua simples visão os reconfortou.

Mariu enviara pelo pombo uma mensagem sua que dizia:

“Prezado príncipe Rama,

Recebemos sua mensagem e ficamos imensamente gratos pelas providências tomadas, seguindo para nossa Gruta.

Não temos ilusões com relação à justiça nestas terras de Blak River`s, mas lhe agradecemos mesmo assim.

Estamos sobrevivendo, como se diz, como a maioria das pessoas, nestes tempos tão turbulentos.

Fomos atacados por Cir Diz Gracia, que, vindo com um balão, nos tentou atingir.

Mas, apesar de termos saído um pouco de nossa rota, seguimos.

Que esta mensagem lhe chegue as mãos, encontrando-o muito bem.

Agradecida,

Mariu

A menina percebeu que o pombo seguiu livre pelos ares, levando seu recado e aconselhou a que as crianças repousassem um pouco, o que eles receberam muito bem, porque estavam cansados.

A menina, contudo, não conseguiu conciliar o sono, preocupada com o rumo que as coisas estavam tomando. Afinal, Cir Diz Gracia não se contentara com dismantelar sua casa na árvore, nem em pegar parte do pouco que tinham, e os vinha perseguindo acintosamente.

Como ela e os meninos fariam para conseguir permanecer unidos e sobreviverem, neste mundo, se tudo lhes parecia cada vez mais

difícil e cruel?

Com estes pensamentos nem apreciava a beleza do local onde se encontravam, deixava de ouvir o canto dos pássaros, que sempre apreciara, porque a tristeza fizera morada em seu coração.

No entanto, estava ciente das dificuldades que ainda teriam pelo caminho e isto mais do que tudo é que lhe tirava o sono.

Ela sabia que a tristeza mina a alma, tira-lhe a força para dar continuidade a seus trabalhos, emperra o raciocínio e rouba a alegria de viver e de lutar.

Apesar de saber disto, a menina não encontrava mais graça em continuar, porque a ausência de John Vaz Cello e as investidas do mal a achacavam e a enfraqueciam.

Lembrou-se de meditar um pouco, segundo o que havia aprendido e relaxou o corpo, recostado num imenso tronco, começando como que a orar.

Aos poucos os pássaros vieram cantar na copa da árvore onde se recostara, como que participando de sua meditação.

A menina se lembrava de outros momentos, quando haviam passado por aquele trecho, e como estavam felizes, então.

Iam em busca de um local onde construiriam sua casa da árvore e todos vibravam cheios de entusiasmo.

Depois cada um contribuiu de algum modo para que a moradia fosse a mais confortável possível, e haviam trabalhado com afinco durante muito tempo, para levar a madeira e montar a casa nos troncos do jequitibá.

Os dias ali vividos, ao lado do rio, guardando seus pequenos tesouros, lhe passavam pela mente e lágrimas de saudade e tristeza corriam sem parar de seus olhos, como se quisessem rivalizar com o rio e suas águas.

-Ainda bem que os meninos dormem e não podem me ver a chorar deste jeito, senão vão ficar sem esperanças.- pensou a menina.

O que ela não sabia era que, com aquele seu jeito atraía para si alguns espíritos que foram se aproximando.

Trazidos pela fadinha da Luz Dourada, que não se deixava ver naquele momento, chegaram Johnny Vaz Cello, o doce

Chiquinho(Francisco de Assis) e Otaviano César, mais o outro Chico, o Xavier.

Percebendo a tristeza de Mariu, puseram-se ao redor dela e começaram a dar-lhe energias novas.

A menina sentiu que algo diferente acontecia, porque não se sentiu mais sozinha, naquele momento.

Era como se ela fizesse parte de uma dimensão maior, como se a natureza ao redor fizesse parte dela e estaria em sintonia com a água e a terra, a luz, o ar, as plantas e os animais.

Aquilo como lhe deu energias novas, muito maiores do que se ela adormecesse como os meninos para descansar e acordar melhor.

Pensamentos novos lhe vieram a mente, como se tivessem sido insuflados por aqueles amigos que ali estavam, sem se fazer ver:

-Sim. Estavam a salvo e continuariam assim. Podiam seguir ao longo das margens e acabariam perto da Gruta de Platão, onde se albergariam, de vez que Cir Diz Gracia temia aquela região, pois ali habitava um velho lobo, do qual o meliante tinha medo.

Os meninos foram seguindo, comendo frutos silvestres e ovos de alguns ninhos, bebendo a água pura do rio.

Os dias transcorriam mais ou menos tranquilos e a noite, ao dormirem as noites eram povoadas de sonhos os mais estranhos possíveis.

A impressão que dava era que o contato com os seres do outro mundo se intensificava, diante do perigo e das emoções fortes vividas.

Foram seguindo até que adentraram uma região mais pantanosa, com árvores nas margens, as águas ficavam à sombra e barrentas.

Capítulo IV- O PORAQUÊ

Mariu sentiu que algum perigo se aproximava, mas não sabia bem o que poderia estar à espreita, como se uma sombra também os seguisse de perto.

E não se enganava.

Cir Diz Gracia e sua tripulação haviam conseguido sair da ilha onde o balão caíra e se davam pressa de seguir os rastros dos meninos meio

perdidos, no intuito de causar-lhes mais aborrecimentos e no sentido de ver se podia espoliá-los de algum modo.

Haviam recuperado o barco Zé Pilantra e tinham vindo por um outro rio, que desaguava naquelas paragens, por onde as crianças seguiam.

Deste modo, estavam bem próximos deles, e sequiosos de atacá-los, espreitando à margem, ocultos em meio a vegetação, que se fazia mais densa nas margens, procurando o momento exato do ataque.

Cir Diz Gracia, com seus olhinhos meio oblíquos, chegava a babar na barba branca de tanta satisfação, sentindo a comichão que o acometia, toda a vez que pensava em abiscoitar algum benefício a custa alheia.

Foi numa das curvas da caminhada que as crianças se viram realmente em apuros. Iam seguindo meio tranquilas, quando, de inopino, das margens surgiu o barco aziago com sua tripulação de pilantras, que desceu para as margens a toda brida.

Os meninos não sabiam o que fazer, quando Mariu deu uma ordem inesperada:

-Para a água, todo mundo!

Foi um “pernas pra que te quero.” As crianças correram para a água, onde o barco ficara desprotegido, sem ninguém, e nadaram rapidamente para ele, diante da surpresa dos marujos marmanjos e do capitão Diz Gracia, que não esperava por aquela.

Imediatamente eles nadaram em direção ao barco, que ficara fundeado em meio às plantas da margem, meio oculto.

Foi um espadanar de água para todo o lado.

As crianças a frente e a marujada atrás deles, quase que nos seus calcanhares.

A agitação das águas quebrava a serenidade que havia há instantes e os peixes, assustados com o inusitado, nadavam às pressas, fugindo do local, porém um outro peixe gigante, de mais de três metros de comprimento, que mais parecia uma cobra, justamente se sentiu atraído para o entrevero causado com o ataque súbito do barco Zé Pilantra.

Era um poraquê, peixe elétrico que vivia no Amazonas, mas que fora capturado e trazido ainda quase um bebê-peixe, para as águas de Black

River`s, e que ali vivia tranquilo, na convivência pacífica com os outros peixes e bichinhos subaquáticos até aquele momento.

A ferocidade do ataque dos marmanjos não passou despercebida ao enorme peixe-elétrico, que ficou mesmo indignado com a covardia que acontecia diante de seus olhos, porque já ouvira falar das falcatriuas e maldades do grupo com o qual se defrontava pela primeira vez.

Deste modo, o nobre peixe, temido por todos, mas também admirado, porque parecia uma pilha gigante a armazenar em suas células, os eletrócitos, uma carga que chegava a 600 volt e que podia facilmente matar um ser humano, ou até mesmo um jacaré, se o mesmo se metesse com ele, avançou para os marujos que, ao verem aquele ser comprido, mais parecendo uma cobra, deram sebo nas canelas e nos braços, enquanto Sue Li gritava para o bando:

-Peguem aquele bicho, seus covardes! Quero fazer um guisado com ele! Vamos!

-Você ficou maluca, Tola? A gente vai virar um churrasquinho se se meter com este monstro!- retrucou Ne, dos USA.

Cir Diz Gracia não disse nada, estava sem fala e sem fôlego e viu com o rabo dos olhos seu barco se afastar da margem, dirigido pelos meninos que, em alegre algazarra, foram se afastando, fugindo ao ataque inesperado.

Bem que Mariu não queria se apropriar, nem que fosse provisoriamente de algo que não lhe pertencia, mas não tinham outro modo de fugir dos malvados que não lhes davam trégua.

--Devolveremos seu barco, Cir Diz Gracia.- gritou ela do convés, como a se explicar.

As crianças gratas ao poraquê que os livrara de boa, quando o pilantra já os ia pegar, trataram de apanhar alguns peixes que os marujos haviam pescado e os atiraram, em agradecimento ao poraquê, que nem precisava da ajuda deles para se alimentar, mas que, achando graça no gesto, tratou logo de abocanhá-los, dando uma rabanado no ar, atirando água nos meninos, como que a lhes agradecer.;

Mariu lembrou-se das histórias contadas por sua avó Maria, dos peixes que tinham eletricidade no corpo e que podiam atacar qualquer

presa, armazenando-a no próprio corpo, e como soltavam estas descargas, de dentro para fora, sem intervir na

água, matando apenas aqueles que desejassem, fosse para comer ou para se defender de algum outro predador.

Sua infância sempre fora cheia de histórias de seus pais e da avozinha que a abrigara em sua aldeia, fazendo a cerimônia chamando os mortos, para que a protegessem.

E isto devia estar acontecendo, senão, como se explicaria a reviravolta deles estarem a comandar o barco de Diz Gracia, enquanto ele, novamente, ficara à margem, sem forças, graças ao ataque do poraquê ?

Capítulo V- NO BARCO MISTER ZÉ

O rio aos poucos foi se espalhando, e as margens ficavam mais distantes uma da outra.

Foi recebendo ao longo cursos novos de água e ficou com mais fluidez e limpidez.

Podia-se ver o fundo do leito do rio, e peixes que passavam em cardumes, enquanto pássaros variados voavam nos ramos das árvores ou a volta da embarcação.

Verdade seja dita, o veleiro de Diz Gracia era veloz e tinha sua leveza particular. O homem tinha bom gosto em suas escolhas, pena era a forma como atingia seus fins.

Os meninos estavam felizes. Não conseguiam mesmo acreditar que de caçados como se fossem feras, vilipendiados, perseguidos e injustiçados, estavam agora utilizando o barco para seguirem seu caminho.

Porém Mariu não estava contente com isto. Sabia que não tinham tido escolha, mas não estava se sentindo bem utilizando recursos que não lhe pertenciam.

Precisavam fugir, é verdade, e tudo culminara naquele modo grotesco e inesperado, porém não queria ficar com algo que não lhe pertencia.

Dava tratos a bola, imaginando que recursos usaria para devolver ao dono o veleiro Zé Pilantra, sem colocar em risco sua vida e a dos meninos órfãos.

Sim, porque ela só estava ganhando terreno, descendo o rio, mas pretendia devolver o barco ao dono, mesmo correndo risco de continuar sendo perseguida por ele e sua tripulação.

O poraquê os havia seguido durante um curto percurso, e, quando Mariu percebeu que ele ia voltar nadando contra a correnteza, falou-lhe, sem saber se ele a ouviria e entenderia.

-Bondoso e inteligente amigo, precisamos devolver o barco aos seus donos, mas não sei como fazer isto. Você que está indo de retorno ao local onde eles nos atacaram, por favor, se tiver alguma ideia de como posso fazer isto, me informe, me oriente.

O peixe pareceu entendê-la, porque colocou a cabeça para fora da água, como se fosse falar, levantou parte do pescoço e corpo e deu uma rabada, jogando água na menina.

Vendo que ele ia voltar, mas que não esqueceria do grupo, Mariu ainda gritou:

-Não se esqueça de nós! Muito obrigada! Faça boa viagem!

O dia transcorreu ameno, com a gurizada se revezando no manejo dos instrumentos a bordo, e aprendendo a dirigir o barco, utilizando o vento.

Como houvessem feito uma refeição, nem estavam com fome, mas Johnny achou no camarote abaixo caixas de frutas e legumes e trataram de preparar uma refeição, dentro do barco.

Isto deixou a menina mais constrangida ainda e procurou algo com que pudesse pagar pelo que estavam utilizando.

Lembrou-se que levava um cinto dourado que ganhara há bastante tempo e que era muito apreciado fora do país, e colocou-o no lugar onde haviam encontrado as caixas com as frutas e legumes, com um bilhete:

“Cir Diz Gracia,

Aqui ficam alguns pertences meus, que devam bastar como pagamento pela utilização de seu barco e dos alimentos que ingerimos.

Caso creia que lhe devo alguma coisa ainda, lhe enviarei uns livros, que são muito bonitos e espero que

goste.

Fique em paz.

Mariu.”

Aquele gesto deu à menina um pouco de tranquilidade, enquanto prosseguiram.

Quando a noite chegou e a lua colocou seu reflexo nas águas, todos estavam exaustos e lançaram âncora, para manter o barco sem que ele fosse levado pela correnteza e foram se ajeitando para dormir no convés.

Mariu também sentiu que não podia mais de tão cansada que estava, nem havia feito os meninos orarem, como ensinara antes de mergulharem no sono, mas buscou pedir a Deus sua proteção, ciente que a noite poderia trazer-lhes alguma inspiração de como “tocar o barco”, literalmente.

O dia fora turbulento, cheio de aventuras, a temperatura estava amena, o rio parecia não oferecer perigo, e eles não viam a hora de chegar a Gruta, mas o cansaço se impunha.

E foram adormecendo aqui e ali, uns após os outros, e também Mariu adormeceu.

Nem bem mergulhou no sono e viu a Fadinha Azul sorridente a sua frente:

-Gostou, menina, do auxílio que lhes demos? Nunca pensou em estar usando o barco do homem mau, não é mesmo ?

-Verdade, Fadinha Azul, mas estou preocupada, apesar de tudo, e não quero que me julgue ingrata. Não me sinto bem em estar com algo que não me pertence, e gostaria mesmo era de devolver ao senhor Diz Gracia seu barco Zé Pilantra.

A fadinha fez uma cara que significava que não gostava nada mesmo daquilo que estava ouvindo.

Depois de todo sacrifício para conseguir que o Poraquê atacasse o malvado, de fazer com que os meninos se aviassem na água e fugissem no barco do meliante, a menina vinha com esta ideia de que estava usurpando algo?

-Se você estivesse numa guerra e tivesse que usar os jipes, canhões, aviões ou submarinos dos bandidos para fugir com os meninos, o que você faria?

Mariu lembrou-se de alguns filmes sobre guerras que havia assistido e lembrou-se de como torcia neles para que os mocinhos conseguissem fugir, mesmo que com os meios dos bandidos.

Fadinha Azul tinha razão, mas mesmo reconhecendo sua lógica, a menina ainda pensava em como devolver o barco ao seu dono.

Fadinha Azul fez um muxoxo de desgosto, mas entendeu. Não era fácil agradar

Mariu e, deste modo, convidou-a a viajar pelo espaço, enquanto dormia.

A menina adorava quando a Fadinha vinha ao seu encontro e mais ainda quando podia passear com ela e aprender enquanto dormia.

-Onde iremos esta noite?- perguntou mal contendo a ansiedade.

-Logo saberá.- respondeu a fadinha com um lindo sorriso.

E as duas alçaram voo rumo ao infinito em direção a miríades de estrelas que brilhavam no firmamento.

Parecia que o espaço não oferecia nenhum obstáculo em sua dimensão infinita.

Iam atravessando-o com uma facilidade que Mariu jamais imaginara e logo viam a terra distante, como um lindo planeta azul, enquanto cruzavam por asteróides e poeira de estrelas e de mundos que já haviam existido.

Apesar de não conhecer profundamente a respeito do espaço sideral, a menina percebeu que se distanciavam da Terra e também do Sol, e deveriam estar rumando para um dos planetas mais distantes do sistema solar.

E não se enganava. Num tempo que ela não conseguia definir, percebendo que seu corpo permanecia adormecido ao convés do barco Zé Pilantra, ela e a fadinha pousaram num planeta diferente, com muitas luas, e com anéis magníficos formados por muitos asteróides que giravam em torno dele.

Haviam chegado a Saturno e a paisagem lhe parecia meio familiar.

Por que lhe pareceria familiar, se ela nunca se lembrava de ter antes estado em tal lugar ?

-Não se assuste, menina.- falou a Fadinha. -Este local não é desconhecido a você. Na verdade, você viveu aqui há muito, muito tempo, antes que fosse encaminhada ao planeta Terra.

- Encaminhada como ? Que história é esta?

- É a sua história, Mariu, e queremos que verifique o que aconteceu há muito, muito tempo, por aqui.

- Como é isto possível?- ia perguntando a garota, porém nem teve tempo, por que parecia que no espaço se formara uma tela invisível, como que de cinema, porém com mais recursos, porque as imagens que apareciam nela tinham uma terceira e quarta dimensões.

E a menina se viu mais jovem, uma moça bonita, junto a vários amigos também jovens, todos atarefados, com muita animação, elaborando planos e organizando a construção de uma cidade, a CIDADE AZUL, sob orientação e com licença e materiais cedidos pelos dirigentes daquele planeta.

Ela sabia que o que assistia tinha ocorrido há muito, muito tempo, naquele local onde haviam aportado, naquele planeta.

O ambiente era de muita paz e entusiasmo, alegria contagiante.

Os jovens haviam recebido uma incumbência, uma tarefa que os deixara numa situação de muita vontade e realização.

Um imenso espaço da cidade principal lhes fora cedido, e ali eles poderiam construir os prédios que elaborassem, para as finalidades que julgassem necessárias, os jardins, arruamentos, praças, escolas, laboratórios, centros de pesquisas, governadoria, e todos os conhecimentos seriam colocados a disposição dos moradores, que ali trabalhariam e teriam uma vida útil e realizada.

Claro que o grupo organizador dispunha de todo o material para agilizar o projeto, e tinham liberdade para criar, mudar os cronogramas, priorizar ações, enfim, tinham ampla liberdade para criar e executar seus projetos.

Por primeiro montaram uma comissão, onde os jovens se distinguiriam pelos seus conhecimentos, utilizando-os para fazer o melhor em todos os campos.

Quem possuía conhecimentos na música, estava a elaborar as escolas e os grupos desta área, e também escolhia os compositores, músicos e demais membros que pudessem na inauguração da cidade, participar do mês de festas que se dariam.

O mesmo se dava com o grupo que elaborava a parte artística dos desenhos, cartazes, esculturas, e demais feitos relacionados com esta arte.

Do mesmo modo, os arquitetos, engenheiros, empreendedores, construtores, paisagistas, urbanistas, se reuniam para tornar a vida das pessoas na Cidade Azul o mais agradável e prática possível.

Costureiras, estilistas, maquiadores, cenógrafos, artistas circenses, de teatro, de cinema, e de outras áreas correlatas e afins, também estavam numa azáfama constantes.

Pedreiros, pintores, eletricitas, encanadores, auxiliares, professores, educadores, trabalhadores braçais, artistas, idealistas, enfim, todas as categorias de todas as atividades profissionais, se reuniam, decidiam, elaboravam, votavam e delineavam, dando andamento nas obras,.

Jardins iam surgindo, praças, edifícios, arruamentos, luminárias, iluminação, passeios públicos, locais de assistência a população, a parte de higiene, beleza, educação, cultura, tudo era elaborado, decidido, realizado.

Mariu se viu como um dos jovens que trabalhava com ânimo e idealismo naqueles eventos. Ora era procurada por um jovem que compusera uma peça musical, ora por um outro que trazia uma escultura em projeto, ora algum que tinha plantas exóticas a distribuir nas praças, fantoches, teatro, materiais novos, vitrais, e ela encaminhava aos setores correspondentes, sempre com muita atenção e carinho pelas criações de cada um.

Mariu percebeu que muitos dos jovens que comandavam determinados setores ela já “conhecera” na Terra, através dos livros e da História. Reconheceu Leonardo da Vinci, em um dos jovens que cuidava da área de urbanização, Miguelângelo, músicos como Chopin, Mozart, Litz,

escritores como Dumas, Dante, Camões, e isto lhe causou um espanto enorme.

Todos jovens, todos idealistas, trabalhando no mesmo projeto que ela.

Não dava para ter uma ideia do entusiasmo e do entrosamento que havia entre aqueles jovens, pareciam que pensavam com tal identidade, que não havia discussão. Um propunha uma coisa, outro acrescentava algo novo, alguns propunham mudanças, e eles logo tiravam suas conclusões, dando andamento ao projeto, que era de todos e ao qual todos dedicavam seu melhor em trabalho, participação, num entrosamento que jamais Mariu vira, mesmo no entendimento que tinha com seus meninos órfãos e ela.

Embora ela somente estivesse assistindo os fatos através daquela representação que a Fadinha Azul lhe propiciava, sentia-se como se lá estivesse, como se estivesse vivendo aqueles eventos, participando daqueles dias.

O ar era levemente azulado, e as árvores e plantas do local também tinham as folhas e a coloração azul.

Talvez por isto a cidade tivesse o nome de Cidade Azul, e fosse algo que repercutiria em todas as regiões, era uma excelente oportunidade para todos os envolvidos, de poder agilizar suas ideias e ideais, de poder materializar seus melhores sonhos, materializando-os com a aquiescência e amparo das autoridades envolvidas.

Mariu assistia a tudo, se detendo em avaliar a imensa alegria que sentia ao encaminhar um rapaz ou uma moça aos diversos setores, feliz por poder auxiliá-los e, ao mesmo tempo, colaborar com mais uma criação, a melhorar o quadro geral da Cidade, a acrescentar novos elementos e dar oportunidade a mais jovens desenvolverem seus projetos, enriquecendo o lugar construído de mais sabedoria, de mais cultura, de mais criatividade.

O entrosamento entre os diversos setores era praticamente perfeito. Todos se entendiam, todos completavam os ideias de uns e outros, todos colaboravam e não havia rixa, não havia melindres, disputas, jogo de poder.

Tinha que ser assim mesmo, porque os defeitos de várias civilizações, os sentimentos inferiores, que geravam disputas, ciúmes, melindres, jogo de poder, corrupção, interesses egoístas e mesquinhos já não existiam naquele planeta, tendo sido erradicados de há muito.

Pelo menos era o que ela sentia e percebia, no contato com os demais jovens que participavam do projeto, onde ela era penas mais uma colaboradora, selecionando os projetos enviados, encaminhando-os a cada setor, orientando um ou outro jovem, sugerindo mudanças, aprendendo com cada novo documento apresentado, no contato com os que vinham ao seu posto, oferecer seus préstimos, se tornando uma espécie de relações públicas, de elemento de ligação entre os jovens, auxiliando a maioria dos grupos, como se fosse o amálgama, o elemento de ligação entre os diversos grupos, com os quais se identificava, em amizade, respeito e interação, e que também retribuía sua dedicação, com igual sentimento de carinho e amizade.

A ligação entre aqueles jovens, naqueles dias, naquele tempo que ela sentia ser tão longínquo, mas tão verdadeiro, era algo digno de admiração, e distinguia todos, ao mesmo tempo que mostrava um entrosamento admirável.

Mariu sentia a imensa felicidade que era partilhada por todos, através do trabalho a que se dedicavam, visando a construção de um lugar superior, maravilhoso, que viria a acrescentar a todos os que viessem a usufruir dele, num futuro próximo, muita coisa boa.

Não apenas a cidade, mas os festejos de sua inauguração corriam a todo vapor.

Tudo corria as mil maravilhas, como se diz correntemente, e a alegria e o entusiasmo eram uma constante, junto ao trabalho que seguia animado.

Fazia quase um mês para o término do projeto, que vinha ocorrendo há alguns anos, quando Mariu recebeu uma intimação da Governadoria do local.

Os jovens se reuniram, sem saber a que atribuir aquele chamado tão inesperado, quanto inoportuno.

-Quem sabe é alguma reunião para propor algumas mudanças, no programa das festividades?

-Talvez seja uma reunião para nos parabenizar pelo que temos feito.- sugeriu outro jovem.

-Uma notificação nestes termos- redarguiu Mariu- não parece ser algo agradável. Os termos utilizados sugerem uma intimação, uma pressão do tipo de prestação de contas, portanto, sugiro que todos os setores preparem seus relatórios de atividades, de gastos, de projeções para a utilização pública, uma declaração a mais clara possível, porque, caso tenha havido alguma queixa contra nós, ou qualquer dúvida quanto a nossa atuação, possamos esclarecer totalmente as dúvidas dos dirigentes do planeta.

-Você acredita que esta carta exigindo seu comparecimento a Corte Suprema, tem este aspecto tão terrível de acusação ?- perguntou o jovem Leonardo.

-Não consigo entender o porquê desta notificação há tão poucos dias da entrega do projeto todo e das festas da inauguração, a não ser como algo não muito bom, e me questiono, porque nos obstaríamos a continuidade de tudo, a esta audiência em que nos conclamam?

Quais seriam os motivos de interromper nossos projetos depois de tantos anos, sem que houvesse uma única manifestação da parte deles? Por mais que eu seja otimista e que me veja como vocês engajada no projeto até o pescoço, como se diz, não consigo ver a não ser com muita preocupação, esta carta e esta notificação. Em poucos dias saberemos o que os leva a nos chamar, e, até lá, apresentem as ideias que tenham a respeito do que nos espera e as sugestões da ação que devemos ter. Mantenhamos nosso equilíbrio e ânimo, e oremos com fé, rogando que sejamos intuídos da maneira que temos que agir, seja o que for que nos espera.

Continuarei a postos, para ouvi-los até o dia da audiência, suas sugestões e qualquer notícia que nos possam trazer do andamento das resoluções da Corte Suprema, da Governadoria.

Mariu lembrava-se dos três membros principais dos governantes. Um deles lhe inspirara sempre muita simpatia. Tratava-se de um homem bastante idoso, de cabelos brancos e complexão mediana, de olhos calmos e tranquilos. O outro era um senhor negro, alto, de porte

ativo e olhos firmes e penetrantes, e o terceiro era um homem que ela nunca apreciara e que não entendia porque fazia parte da governadoria. Tinha uma aparência macilenta, era baixo e magro, com barba e bigode ralos e grisalhos e que jamais fitava nos olhos seu interlocutor, e cujo verbo parecia sempre estar a fazer uma defesa prévia de suas sentenças.

Neste momento, ao observar o desenrolar dos acontecimentos, Mariu sentiu uma tristeza muito grande, profunda, e dolorosa.

Era como se vivessem novamente aqueles eventos e sofria não apenas por si mesma, mas também por todos os amigos envolvidos no projeto, todos os idealistas, que haviam dedicado o melhor de seu tempo, de sua inteligência, de seu trabalho a benefício da Cidade Azul.

O que aconteceria a partir daquele momento? Ao mesmo tempo que desejava continuar a assistir o desenrolar dos fatos, tinha também vontade de parar, de não saber de mais nada, de não assistir a sequência do que viria.

Fadinha Azul tocou seu ombro, como a lhe transmitir forças ou sugerir que ela continuasse vendo os eventos. Afinal, fora para isto que a trouxera ali, não é mesmo ?

Queria que ela meditasse sobre o perigo que representavam as leis, submetidas à vontade de poucos, as restrições, ideias e decisões de uns poucos, em detrimento de uma grande maioria, principalmente, quando esta maioria era composta de idealistas.

Fosse como fosse,-pensou Mariu- aquilo já acontecera há tanto tempo, e era melhor saber tudo nos mínimos detalhes, para não incorrer em erros que pudessem fazê-la sofrer ou ao seu grupo.

Melhor ver tudo tim tim por tim tim, e procurar entender o que era aquela história de uma vida em outro planeta, e o que isto tinha a ver com o momento que estava vivendo de tanta confusão gerada por Cir Diz Gracia e sua súcia de pilantras, ou por quem quer que fosse que procurasse prejudicá-la, e aos meninos, e porque o faziam.

Resolveu ver o fatos até o fim, mesmo que eles a desgostassem, como previa.

Como que obedecendo a sua resolução as imagens foram dando notícias da história que projetavam.

Mariu viu e ouviu muitos comentários aqueles dias e mal podia conciliar o sono, preocupada com o que iria suceder, durante a audiência que fora marcada.

Afinal, mais alguns dias de expectativa e sofrimento e num amplo salão circular os jovens se reuniram, num auditório montado como se fosse uma antiga arena, com arquibancadas, onde se distribuiriam e, ao centro uma mesa com os três juízes ou dirigentes do planeta.

Mariu foi colocada numa mesa, diante do tablado onde os juízes ou dirigentes se puseram, e ela não entendeu porque era colocada em local de destaque, e porque fora escolhida para estar ali, quando via tantos jovens, na arquibancada, mais inteligentes e mais atuantes do que ela no movimento. Ela não era nada, não representava nenhum setor específico, não resolvia nada sozinha, procurara apenas colaborar com todos, para que tudo corresse da melhor forma possível, facilitando contatos, apresentando os grupos, elaborando os encontros. Então, por que ela é que estava colocada ali, para falar em nome de todos?

Achou naquele momento, que deveria ter contratado um dos muitos advogados brilhantes do planeta, para responder por eles, porque se sentia como se estivesse numa armadilha, como se fosse colocada nela com uma finalidade específica, que não lhe parecia nem boa, nem correta.

Lembrou-se que Antônio, um dos jovens presentes, lhe aconselhara a contratar um advogado para representá-los. Por que ela, burramente, não ouvira seu conselho?

Naquele momento sentiu que era o que deveria ter feito. Saberia Antônio de algo que ela não sabia?

Olhou-o, mas ele baixou os olhos. Era evidente que sabia de algo e que não contara. Isto tinha um sabor de traição, que ela não esperava e nem podia entender.

O que estava em jogo, naquele momento, era o projeto todo da Cidade Azul, e com ela os sonhos de todos os que estavam trabalhando incansavelmente no projeto.

A audiência foi aberta com o hino do planeta, cantado por todos, com os símbolos do local sendo colocados e reverenciados, e o formalismo e circunspeção do momento contratava profundamente com a reunião que os convocara às tarefas a que vinham se dedicando.

O cerimonial e a circunspecção do momento, lembravam os antigos tribunais inquisitoriais, de longos séculos atrás, quando ainda o planeta tinha o mal superando o bem, e lhe pareceram, então, totalmente fora de propósitos.

O coração de todos estava como que suspenso e não se sentia naquele momento a alegria que tinham partilhado até então, como se uma sombra pairasse sobre todos.

A palavra, após ouvidas as palavras cerimoniais que instalavam ali um julgamento, foi dada ao terceiro juiz, o mesmo homem macilento pelo qual Mariu não tinha simpatia.

Ele se ergueu da cadeira, seguro de si, e fitou-a como quem olha para um criminoso da pior categoria. Em seguida usou a palavra, falando nestes termos:

-Senhores, senhoras, que a paz esteja em nossos corações.

-Trouxe aos nossos corações o medo e o sobressalto e nos deseja paz?-pensou Mariu.

E o homem continuou:

-Estamos aqui reunidos, para avaliarmos a atuação do grupo de jovens na elaboração e concretização da Cidade Azul, dentro da programação que lhes foi deferida e da atuação que vimos assistindo entre vocês.

Queremos parabenizar as equipes pela atuação que têm tido até aqui, porque os eventos estão sendo conduzidos com muita inteligência e equilíbrio.

-Exatamente como ele age sempre.-pensou Mariu- Começa com elogios e palavras sobre si mesmo, que, por certo, virão a seguir, e depois detona tudo, destrói tudo.-Era difícil para ela entender porque aquele homem tinha a fama que tinha e porque lhe creditavam boa vontade e honestidade, que ela não conseguia ver nele.

Os jovens animados prorromperam em aplausos e exclamações de alegria, batendo inclusive palmas, mas a menina não se enganava. Já podia sentir a espada sobre sua cabeça, e os olhares de Leonardo e Miguel também confirmavam seus pensamentos. Mas, porque ela estava diante dos juízes? Por que ela?

E o homenzinho prosseguiu:

-Vocês sabem que eu jamais atacaria ninguém, nem é meu proposito senão que tudo continue a correr as mil e uma maravilhas, entre os membros que tocam o projeto, aqui presentes. Quero ser justo e leal com todos, e devo esclarecer que não estou contra quem quer que seja.

-Então porque estou aqui sentada como se fosse uma ré?- se perguntou Mariu.

-Temos observado a todos e o desenrolar dos fatos.- falou o homenzinho.

E concluímos que a jovem aqui presente, tem manipulado as equipes.

Um vozerio de indignação correu a pequena assembleia e ouviram-se palavras indignadas:

-Não é verdade! Não é verdade!

- Silêncio! Permitam que eu continue!- falou ele manipulando a atenção.

Percebemos que todos os jovens que buscaram Mariu e foram por ela encaminhados

receberam apoio aos seus projetos, como se ela manipulasse as escolhas, como se tudo o que ela indicasse já tivesse uma aprovação antecipada, ou seja, como se o projeto fosse dela!

Novos apupos e reclamações se ouviram na arquibancada, mas a jovem sabia que nada do que pudessem dizer ou comprovar mudaria os rumos daquele julgamento, nem esperava ou queria que os demais ali se arriscassem para defendê-la, porque era claro para ela que a audiência e o julgamento só tinham uma finalidade, desligá-la dos amigos e condená-la.

Novamente o homenzinho pediu silêncio a inquieta plateia e prosseguiu:

-Ela agiu com apego, quando em nosso planeta esta inferioridade já não é demonstrada, porque somos todos desprendidos.

Qualidades inferiores, ou defeitos, se o quiserem, não são mais admitidos em nosso meio. Foi isto que nos fez convocar esta assembleia, para destituir a jovem de seus encargos e sugerir que sejam revistos todas as escolhas feitas, para que, no prazo certo as festividades possam ser apresentadas, e azcidade possa ser inaugurada.

Os jovens se ergueram todos a defender Mariu e a exprobrar com palavras e gestos a alocação do dirigente.

Mariu não desejava que o trabalho de todos fosse prejudicado pela presença dela, e não tinha mais apego, embora sentisse profundo amor pelo que fazia, e achou que se pudesse falar, atrairia para si o castigo que desejavam impor a todos e não mais prejudicaria o projeto.

Pediu a palavra e lhe foi concedida:

-Meus amigos, meus queridos companheiros do projeto da Cidade Azul, juízes que aqui compareceram, para representar uma acusação contra mim. Devo dizer que tudo farei, faço ou faria pelo projeto, mesmo que para vê-lo seguir avante, tivesse que renunciar a minha participação nele. Como todos sabem não tenho cargos no projeto, mas encargos, e procurei solucionar e encaminhar os projetos com lisura e honestidade. Os jovens dos diversos setores é que escolheram e deram prosseguimento as ideias que lhes foram apresentadas, sem que eu interferisse.

Não vejo neles nem em mim apego ou egoísmo, interesses outros ou aproveitamento das oportunidades dadas, a não ser a título de aprender e servir, e o que me parece claro é que há sim um sentimento negativo que permeia esta reunião.

Me entristece muito concluir deste modo. O sentimento negativo que percebo é o ciúme da parte do senhor juiz do tribunal. Ciúme de nossa amizade, de nossa integração, de nossa unidade, enquanto grupo, todos pensando e agindo dentro de um único propósito, de um único ideal, em total entendimento e empatia.

Os jovens se ergueram em expressões de concordância com relação as palavras de Mariu, chorando e rindo de emoção.

Os juízes não esperavam por aquela, mas ela prosseguiu:

-Como não tenho o apego e a dissimulação que me acusam, peço licença para sair do projeto, para não o atrapalhar.

Os jovens se levantaram e um deles falou em nome dos demais:

-Se ela sair nós todos saímos!

Parecia que era isto mesmo que o juiz macilento queria porque concluiu:

-Vocês mesmos precipitaram e deram a sentença. Estão expulsos do planeta. Se acham que estão tão coesos e capazes, terão que construir outra Cidade Azul, sem o amparo de nossos dirigentes, sem os meios para fazê-lo, em circunstâncias adversas até, em outro local.

-Não!-gritou Mariu em desespero.-A sentença é só minha! A acusação pesou sobre mim, e eu é quem repliquei de forma mal educada!

Mas ninguém a ouviu e os dirigentes se retiravam, diante da assembleia admirada que foi cercada e levada aprisionada pelas milícias.

A Fadinha concluiu, enquanto as imagens se desvaneciam:

-Por isso tudo tem sido tão difícil, desde então, Mariu. Seu grupo tentou fazer a cidade em muitas civilizações: Na Lemúria, na Atlântida, em Tel El Amarna, em Machu Pichu, mas daqueles jovens o único que conseguiu foi Juscelino, com a construção de Brasília.

Mariu sentiu um imenso susto com aquelas informações e acordou no barco. Sabiás laranjeiras e bem te vis cantavam e amanhecia.

A menina pensava:

-Então era por isto que tudo era tão difícil?

Capítulo VI- NA CONTRA-MÃO DA SORTE.

Enquanto a embarcação seguia descendo o rio, os príncipes Rama e Lou tudo faziam para, através dos juízes de Black 's River conseguir a devolução das poucas moedas que Cir Diz Gracia roubara a Mariu e seus meninos órfãos.

Com isto tinham tido algumas audiências, nas quais Cir Diz Gracia não compareceu, nem seus marujos, e sua cozinheira Sue Li Van Lendea.

Os dois príncipes achavam difícil entender o que se passava, porque o dono do veleiro Zé Pilantra não comparecia ? Acreditaria ela na justiça dos homens, ou simplesmente já teria gasto parte das moedas e não teria como devolvê-las.

O que os dois príncipes não sabiam é que o pirata se ligara a um outro bandido, tão mau quanto ele, de nome Rei Besta, que tomara conta das escolas de Black's River, onde mantinha os jovens sob seu poder e sob suas determinações.

--É assim que tudo funciona.-explicava o homem com sua carantonha de mau caráter a Cir Diz Gracia.- Não importam as leis, não importam os professores, ou o Ministério da Educação. Aqui quem manda sou eu. Eu escolho quem vai passar de ano nas escolas, e quem não vai.

Eu escolho os dias das provas, ou se não haverá prova.

Argumentos, pedidos, requerimentos ? Nada disto tem valor.

Ideais ?-fez o homenzinho gargalhando.- O que significam? Nada de ideais ou ideias, eu sou o rei do pedaço, quem decide tudo, baseado apenas numa coisa, a minha vontade!

Você acha que cheguei a este posto com facilidade? Que cai de paraquedas, como coordenador de curso ?

Meu amigo, você veio na pessoa certa. Você quer prejudicar quem? Mayliz ? Uma das órfãs, da casa da árvore ou da Gruta de Platão ? Nada mais fácil, meu caro amigo, nada mais fácil.

E o meliante revirava nas mãos algumas moedas que Diz Gracia lhe entregara.

--Escolho as matérias em que a desejo aprisionar, e deixo-a sem prova, sem aulas, sem documentação, sem nada.- e o Rei Besta gargalhou de gozo e satisfação pela maldade que ia perpetrar.- Sequestro seu futuro. Nisto sou demoníaco, meu caro. Mayliz não poderá retornar à escola e isto fará mal a todos, inclusive Mariu, aquela imbecil, que acha que pode acreditar no ser humano. Darei a todos motivos de muita tristeza e desespero, que nisto sou campeão, ninguém me suplanta, ninguém consegue alcançar minha capacidade em prejudicar os outros. Você não sabe como isto me dá prazer, como sinto que tenho poder, como vibro de alegria por poder pisar nos outros, principalmente nestes tais idealistas, estes eu não perdoo mesmo. Estes sonhadores, falando do bem, desejando impor o bem no mundo, a esperança, a amizade.-e Rei Besta gargalhou sinistramente.

Em sua mente doentia lembrou-se de Ewen Cameron, o psiquiatra louco, que trabalhando no Allan Memorial Hospital

em Montreal usou os eletrochoques para perseguir e destruir a mente de centenas de pessoas.

O que rei Besta pretendia era auxiliar Cir Diz Gracia a perseguir os meninos de Black River's e, para tanto, usaria todos os recursos para sequestrar a pequenina Mayliz.

E, se assim pensaram, assim montaram um plano para atingir seus objetivos.

Sem saber disto Mariu estava no convés, pensando em até onde poderia seguir usando o barco do pirata, e onde deveria aportar e seguir com os meninos a pé, rumo a Gruta.

Não via a hora de retornar a ela e tentar, de algum modo, prosseguir com a vida simples e difícil que tinha levado até ali, e agora parecia mais e mais difícil sem a presença física de John Vaz Cello.

Estava imersa em seus pensamentos que nem percebeu que uma ave os seguia de perto.

Quando percebeu o pombo correio do príncipe Rama pousou em seu ombro.

Levou um susto, mas logo reconheceu a avezinha e pegou o bilhete preso a argola que o mesmo trazia no pé direito. Leu:

“Querida Mariu, saudações.

Aproveito a oportunidade para lhe informar que os juízes permitiram que 2/3 de suas moedas lhe sejam entregues.

Não consigo descobrir porque agem desta forma, o certo seria você ter restituído os bens levados indevidamente, com correção, mas não posso passar por cima das resoluções superiores.

Deste modo, tão logo chegue ao seu destino, far-lhe-ei a entrega de 2/3 de suas moedas, das quais sou o fiel depositário.

Boa viagem e cuidado, pois, outro dia, vi Cir

Diz Gracia confabulando com o Rei Besta e isto até me causou arrepios e preocupações.

Conta com seu amigo,

Príncipe Rama.

e Príncipe Lou.”

O pombo ainda trazia fina corrente no pescoço, lembrança da princesa Elia, amiga dos dois.

Mariu lembrou-se do rei Besta. Quanta gente vivia sempre reclamando de suas resoluções, sem saber a quem apelar, para se verem livres de suas maldades e perseguições.

Rei Besta era um homem amargo, meio calvo, com uma expressão que demonstrava o quanto sofria por não ser amado. Era rico e poderoso. Lutara muito para atingir a posição invejável em que estava. Mas, ao invés de se tornar alegre e mais humano, vibrava por pisar nos outros e destruir a todos. Em razão disto, não era querido nem pelos membros da própria família.

Embora ele negasse que desejava ser amado, a imensa ânsia por ser temido e odiado, demonstrava seu sentido íntimo de rejeição. Ele mesmo não se gostava e quanto mais maldades perpetrava, mais passava a ter rejeição a si mesmo.

Era já entrado em anos, mas a idade não lhe granjeara nenhuma virtude, nenhuma simpatia, nenhuma compreensão da vida, e dos largos recursos que armazenara e que usava em prejuízo de todos.

Mariu sabia que Rei Besta era uma daquelas pessoas que fazem estremecer as criaturas de bem, que espalham a dor, a revolta e o desencanto por onde passam, preocupados com uma ação destruidora, na demonstração de poder e de maldade que as caracteriza.

A união dele, com o pirata de Black`s River, não renunciava nada de bom.

Mister falar com os meninos e colocá-los de sobreaviso.

Fariam patrulhamento no convés e nas margens, até que pudessem se por a campo por terra, em direção a Gruta de Platão.

Pensando assim, Mariu esperou que as crianças despertassem e explicou-lhes o que se passava em sua mente, e lendo para todos o bilhete que lhe chegara do príncipe Rama.

O pombo, alimentado e feliz, voou, enquanto as crianças lhe davam adeuses.

Mayliz estava mais preocupada do que os outros. Parecia a ela que o rei Besta tinha por ela uma ideia fixa, um desejo mórbido de fazer-lhe mal.

E não se enganava. A fixação doentia daquele homem quase velho tinha um endereço e este endereço era Mayliz.

A menina era tudo o que ele jamais conseguira ser. Era corajosa, bondosa, inteligente, conseguia suas vitórias sem fazer cambalacho ou passar a perna em quem quer que fosse.

Ela era a antítese dele, jovem, bela, inteligente, amada, cheia de energia e vitalidade, sincera .

Como ousava ser assim e mais ser assim bem diante do seu nariz, como se aquilo não fosse uma afronta ?

Não podia permitir que a menina o vencesse sem esforço, que demonstrasse tão acintosamente a superioridade moral maior que a sua.

Rei Besta tinha sua posição social, tinha seus títulos, tinha seu posto.

Como, então, apesar de tudo o que conseguira não era feliz e a simples presença daquela guria o perturbava tanto?

Ao saber que Cir Diz Gracia teria que devolver dois quartos do que pegara a Mariu o deixou ainda mais possesso.

A importância era irrisória, mas para aqueles seres ávidos de levar vantagem em tudo, de se apropriar dos bens alheios, ter que devolver algo que não lhes pertencia os deixava doentes, causava insônia, irritação, brotoejas, coceira.

E Rei Besta resolveu que dobraria a guria, que a poria a ferros, que se apropriaria de sua alma, de seus desejos, de seu modo de ser e esvaziaria sua alma, deixando apenas dentro dela a incerteza, a tristeza, o desamparo, o desencanto.

Para tanto, tinha que colocá-la sob seu comando, custasse o que custasse.

Sua mente doentia pôs-se a trabalhar 24 horas por dia, com este objetivo sinistro.

E Cir Diz Gracia somou às forças daquele homem terrível, a quem tinham cognominado Rei, porque se seu nome era Reinaldo, sua vontade era lei, as suas próprias maldades, porque não se conformava de Cir Diz Gracia ter tido que devolver parte do que abiscoitara, ao atacar a casa da árvore dos meninos.

Avisada, Mariu orava e perscrutava o horizonte, disposta a tudo fazer para chegar depressa ao seu destino.

O dia transcorreu ameno, mas a noite chegou prenunciando uma tempestade.

O horizonte se fez negro de nuvens carregadas e o rio ficou mais turbulento.

Os meninos correram a buscar cordas, com o que amarrar os pertences no convés e os mais fortes tomaram conta do leme.

Eles não tinham tido tempo de aprender as manhas da embarcação, mas confiavam em que conseguiriam chegar a um lugar onde pudessem atracar e seguir viagem por terra.

Mariu vigiava cada movimento, cheia de apreensão.

Por que que tudo estava tão difícil na volta para casa?

Há dias não via mais a Fadinha Azul e sabia que dois a estavam perseguindo: Cir Diz Gracia e o Rei Besta.

O que fazer diante de tanto ataque gratuito e escorchante?

Mariu não sabia como haveria de resolver estas pendências nem conseguia entender como tudo vinha acontecendo de molde a causar sobressaltos e prejuízos a ela e aos meninos órfãos.

Se há um Deus que conduz o mundo e suas criaturas, como era possível que os maus andassem a fazer tanta coisa ruim a tantas pessoas, sem que nada nem ninguém os pudesse deter?

Uma tristeza feita de cansaço e desânimo a envolvia mais e mais.

Iam seguindo o rio e alguns meninos que tinham dons para a música iam cantando no convés, sem que ela pensasse em mandá-los parar, com receio de que o bulício de suas vozes pudessem atrair os bandidos que estavam a persegui-los.

Em qualquer outra ocasião ela o teria feito, mas como a tristeza era muito densa em sua alma, ela não conseguia naquele momento atender aos pedidos de Vaz Cello que lhe dizia ao ouvido:

--Mariu, faça com que os meninos parem com o barulho, porque isto pode lhes ser funesto.

Inútil. Ela não atentava para o perigo que sem querer eles estavam atraindo sobre suas cabeças.

Iam de vagar por uma parte mais estreita e cheia de curvas do rio, que, embora volumoso, devido a altura das margens e do arvoredo que cercava a área, quando saído sabe Deus da onde, uma barca com motor apareceu de inopino.

Homens fortes e de má catadura vinham a bordo e pareciam saber exatamente o que buscavam e a que vinham.

Rapidamente se aproximaram da embarcação Zé Pilantra e subiram a bordo, segurando Mariu, sem que ela tivesse forças para reagir e dominando os meninos músicos a bordo.

Pareciam buscar alguém especificamente.

E em razão de minutos encontraram Mayliz e a levaram com eles, retornando ao seu barco a motor e sumindo nas curvas do rio, enquanto assustadas as crianças e Mariu ouviam seus gritos se perderem a distância.

Capítulo VII- NA MANSÃO DO REI BESTA

--Porque? -se perguntavam sem entender ou atinar as razões de tal ataque.

Os corações das crianças estavam batendo em descompasso e o primeiro a reagir foi Johnny que falou:

--Meninos, vamos atrás dos bandidos. Vento as velas, havemos de segui-los e encontrar meios de chegarmos até onde levaram Mayliz.

Para Mariu isto seria impossível, porque eles iam ao sabor do vento, e estavam ainda aprendendo a comandar o barco, enquanto aqueles homens tinham uma embarcação menor e mais veloz.

Ela não conseguia atinar com o porquê daquele sequestro vil, daquele ataque tão covarde.

Não se lembrava jamais de ter visto aqueles homens.

A figura daquele que levava nos braços a pequena menina não lhe saía da mente. Onde o vira antes?

Era um homem maduro e calvo, com uma cara má. Não tinha barbas ou bigodes, rosto redondo, com cara de mau amado.

De repente, veio-lhe a certeza:

-Rei Besta!- exclamou em voz alta, sem mesmo dar-se conta do que dizia:

-Quem ?-perguntaram os meninos.

– Rei Besta ! Foi ele quem raptou Maylis !- informou Mariu aos meninos que não conseguiam compreender o porquê daquela atitude.

-Isto torna mais fácil nossa procura pela menina.- disse ela.-Só não entendo o que ele ganharia com isto. Maylis não é rica, não podem pedir resgate, nem serve aos propósitos daquele homenzinho vil.

-Vamos então procurar nossa amiga nos domínios dele.- falou um dos meninos. Sei onde ele mora e sei onde diz que trabalha.

- Certo. Não podemos seguir para nossa Gruta, deixando Maylis nas mãos deste bandido.

- Mudar o rumo !- e os meninos trataram de seguir de volta a cidade de Blak River`s, com lágrimas correndo pelos olhos, só de imaginar que terrível seria o tratamento que Rei Besta infligiria a pequena menina que era alvo de suas maldades.

Nenhum deles sabia o que haveria de fazer, mas, mesmo assim, corriam em direção ao local onde o maldoso homenzinho morava e trabalhava.

Deste modo, em poucas horas dias depois, quando a noite caía aportavam em uma enorme propriedade, onde jovens

trabalhavam sem descanso, tentando fazer alguma coisa que lhes valesse no futuro.

Tiveram que amarrar e esconder bem o barco, pois contavam ainda se valer do mesmo, para fugir e alcançar a Gruta de Platão.

Mariu, com Johnny, Mary, e outros desceram a terra e trataram de se cercar de todo o cuidado, indo ter numa das salas da imensa propriedade, onde ouviram o vozeirão de Rei Besta que dizia:

- Quem você pensa que é? Ninguém faz nada sem minha autorização. Ninguém nesta cidade ou fora dela, consegue um emprego, um estudo, qualquer coisa, se eu não quiser ! Senhor Caiú, -dizia ele se dirigindo a um rapazinho diante de si.- Será que não consegue entender que nem os professores da Universidade, nem os doutores em suas matérias podem ir contra a minha vontade. Sou o coordenador de tudo. Todos me obedecem, não percebe ? Tremem diante de mim !

- Mas, senhor ! Não é justo. Eu e Mayliz só queremos fazer as provas necessárias para continuar nossos estudos.

- O que esta menina é sua ? O que tem a ver com sua vida ? Por que fala em nome de vocês dois ? Acaso está grudado nela ?

-Ela é minha amiga e também está impedida de fazer as provas, e o professor disse que poderíamos fazer.

Ao ouvir aquilo, Mariu lembrou-se que a pequena Mayliz estudava naquela instituição dirigida pelo Rei Besta e fizera uma grande amizade com o Caiu, que estava, naquele momento, por isso, sofrendo as determinações do maldoso homenzinho.

-Meu Deus! Então é isto ! Ele tudo fará para prejudicá-la.
- concluiu Mariu.

Ela e os meninos andaram por todo o canto, a procura da pequena, mas era como se a terra a houvesse engolido.

Entraram em salas, laboratórios, secretarias, vasculharam todos os recantos e nada de encontrá-la.

Mariu estava desolada, e tentava com orações e rogo encontrar a menina, mas nada.

Desanimados voltaram ao barco, para repousar, sempre com receios de que Cir Diz Gracia os encontrasse.

Enquanto isto, Rei Besta dirigiu-se a sua casa, onde, num porão infecto a menina jazia presa pelos seus asseclas.

Chegando a ela, falou com maldade:

- Nada nem ninguém poderá libertá-la, minha bela menina. Todos os meninos estão sofrendo muito ao ver que você sumiu e ninguém vai conseguir encontrá-la.

- O que você deseja de mim ?- perguntou a pequena, arrostando o infrator.

- Sua alma, sua determinação, sua vontade. Quero destruí-la !

- Por que ? O que vai ganhar com isto ?

- Satisfação!- respondeu ele gargalhando.- O que pode ser melhor que isto ? Todos estão sofrendo sua ausência. Veja o que sua teimosia está causando. Dor a Mariu e aos meninos. E eles ficarão andando em círculo, tentando encontrá-la sem conseguir. Veja, só você é a culpada do sofrimento deles. Só você!

- Não é verdade ! Você é que é o culpado do sofrimento que eles possam estar passando e não eu !- respondeu a menina.

- Cale-se ! Quem manda aqui sou eu ! Toda a vez que você me contrariar receberá um castigo !

- Você está louco, não tem controle sobre o que faz ! Por que é tão mau ? O que vai ganhar com isto ?

- Cale-se !- repetiu ele, desesperado ao ver a insistência dela em resistir, mesmo estando presa.- Porque não entende de uma vez por todas, que eu tenho o mando, o poder, as resoluções sobre tudo ?

E o maldoso homenzinho pôs-se a rir de forma grotesca e má.

Mayliz percebeu que, até onde ela podia aquilatar, estava nas mãos daquele Rei Besta e tinha que evitar discutir ou argumentar com ele, porque ele estava imune a qualquer atitude mais digna.

Sem dúvida, era impossível argumentar com ele, melhor lhe fora calar-se e observar o que ele dizia, a ver se conseguia de

algum modo fugir daquela situação tão difícil em que se via, sem possibilidade de reagir ou fugir.

O local onde se encontrava era escuro, e mal conseguia saber se era dia ou noite.

O riso dele não disfarçava a maldade. Ela conhecia aquele riso. Estava sempre em seus pesadelos, como ameaça constante. Não podia tê-lo como amigo, pelo menos era o que percebia naquele momento. Revivendo os instantes em que falara com ele, percebia que mais e mais entrava na vida dele, como algo incômodo. Procurava uma desculpa pela qual pudesse justificar o que ele estava fazendo, as palavras que haviam trocado, e aquela conversa não mostrava um interesse.

As meias verdades que ele dizia, eram um disfarce da maldade enrustida e dos motivos reais que o moviam. Sem dúvida ele era ruim demais, e por isso, não podia discutir com ele, nem sentir-se segura em suas mãos.

Revivia na memória os momentos em que discutira com ele, ela e Caiu.

De nada adiantava manter aquele papo com ele. Desta vez qualquer coisa que ela fizesse poderia prejudicá-la ainda mais.

Sentia-se cansada, mas teria que sair dali, de algum modo, que não sabia qual.

- Ficar calada não vai ajudar. Sei que você está sofrendo e que os meninos e Mariu também estão, e isto me faz um bem enorme.- completou.- Quero te ver dia após dia, até saber que o que faz você diferente não existe. Sou eu quem manda em você. Entendeu, finalmente ?

A pequena não respondeu, fitou-o com perplexidade e pena, mas achou por bem nada dizer. Melhor que ele não soubesse o teor de seus pensamentos. Naquele momento, um cansaço imenso a invadiu. Sabia que não podia dialogar com ele, nem com os homens que ele tinha sob seu comando, e resolveu que usaria todos os seus recursos a ver se podia sair daquela situação.

Lembrou-se dos meninos e como deveriam estar preocupados com ela, pensou se eles atinariam com o mandante do seu sequestro.

Por certo, eles logo haveriam de chegar a conclusão que rei Besta estaria por trás disto tudo, com sua súcia de pilantras.

Como se não bastasse a presença de Cir Diz Gracia e sua súcia de bandidos,

Sue Li e o marujo Ne dos EUA ainda precisava o Rei Besta a prendê-la de forma tão injusta?

Mas ela não desistiria. Sabia que os meninos parariam seu retorno por causa de seu sumiço. Que nada de mal lhes acontecesse, porque nada os desuniria, nem Cir Diz Gracia, nem a morte de Vaz Cello, nem seu sequestro. Haveriam de vencer sobre as adversidades, e chegar a bom termo em suas resoluções, com firmeza e união, ainda que temporariamente separados pela maldade daquele homenzinho.

Rei Besta percebeu que a menina, aparentemente deixara de enfrentá-lo, mas como temia pela sua força e coragem, perguntou:

- Em que está pensando ? Seus amigos não poderão encontrá-la, nem pense nisto. Ninguém poderá libertá-la. Vai pagar caro o ter me enfrentado. Nem pense em fugir. Nada nem ninguém lhe irá valer.

Repetia isto para que ela desanimasse ? Ou temia perder o domínio que tinha sobre a situação naquele momento ?

O prazer que ele demonstrava em tê-la aprisionado era quase tão grande quanto o medo de vê-la fora de seu domínio. Aquilo não fazia sentido. Parecia sem entendimento. Ele não entendia sobre si mesmo, nem sobre ela. Mas era claro para ela onde ele queria chegar, mas estava indo para lugar nenhum. Ele não a entendia, não podia entender a amizade e ligação que havia entre os meninos. O carinho de uns para com os outros era para valer, e isto ele não podia entender mesmo. Teve pena da solidão e da tristeza, da revolta e de como aquele homenzinho estava perdido.

Provavelmente tudo o que ele desejava era ser amado, e como não o era, ficava perdido na inveja que sentia das pessoas que conseguiam amar e serem amadas.

Apesar de ter pena dele, Mayliz sabia que não podia abrir mão de seu espírito de luta, para poder sair daquele local sem danos maiores.

E, para atingir seus objetivos, tinha que ficar centrada em suas certezas e em sua determinação, não dando a ele armas com que a pudesse conduzir, porque ele estava tentando quebrar sua resistência.

- Todos os seus amigos devem estar sofrendo por sua causa, agora! Todos, sem exceção. Você é a desgraça na vida deles! Você só causa desgraça, tristeza, você é um problema sério. Não percebe como é má ? Como causa o mal por onde passa ? Pobre das pessoas que gostam de você.

Mariu percebeu que o homenzinho, rei Besta, estava tentando levá-la a concluir que todo o mal que estava passando e os meninos, devia-se exclusivamente a ela.

-Mentira !- replicou com ênfase.- Todo o mal que estamos sofrendo deve-se exclusivamente a você e ao seu amigo Cir Diz Gracia. Vocês só desejam prejudicar as pessoas, levá-las a sofrer. Vocês são desprezíveis pelo seu amor ao mando e ao dinheiro ! Sempre, desde muito pequena, tenho ouvido sobre suas falcatuas e safadezas. Não há um só aluno na Universidade que dirige, nem nas águas dos rios que não tenham sofrido a atuação perniciosa de suas atitudes. Me deixe ir embora, livra-me de uma vez por todas de sua intervenção na minha vida! O que pode haver de bom em me manter prisioneira ?

Gênios maus, contudo, dominavam a mente e o coração daquele homenzinho de tão má catadura, porque os espíritos maus se servem das pessoas iguais a eles, para perpetrar suas maldades e Rei Besta era prisioneiro daquelas entidades malévolas, que de há muito perseguiam os meninos, Mariu e a pequena Maylis.

Rei Besta gostou de ver que suas palavras eram replicadas por ela, por que era o que esperava naquele momento.

Ele faria, dia após dia, uma lavagem cerebral na pequenina, a fim de que ela ficasse tão cansada mentalmente, tão sem ânimo, que acabasse por acreditar no que ele dizia e continuaria a repetir: que somente ela era a culpada de seu próprio infortúnio, por não haver se dobrado às suas exigências.

A amizade dos meninos e de Caiu eram como um espinho em sua alma.

Por que ninguém o amara em toda a sua vida daquela forma ? Por que jamais sentira a doce afeição de alguém em seu caminho?

Mayliz percebeu que sua resposta era como se aticasse nele ainda mais furor e satisfação doentia.

Responder não o faria raciocinar. Mas também calar-se não iria senão enfurecê-lo ainda mais. Qualquer coisa que ela fizesse ou dissesse poderia lhe ser prejudicial.

- Como era difícil entender a mente das pessoas grandes. -pensou Maylis.

Mesmo assim ela não podia desistir. Os meninos deviam realmente estar sofrendo por causa dela e Mariu também.

Para tudo há de haver um jeito, uma saída, e ela haveria de encontrar a sua.

Nos dias que se seguiram a alimentação que lhe serviram era péssima, nem dava vontade de comer, mas ela sabia que precisava ficar forte, caso houvesse um modo de sair correndo dali para sua liberdade.

Passava os dias em total escuridão, tentava conversar com a pessoa que lhe trazia alimentação, mas o homenzinho baixo e atarracado, mais parecendo um Quasímodo de tão feio, mal lhe dirigia o olhar.

Enquanto isto, os meninos vasculhavam os arredores, a ver quem entrava e saía da imensa casa luxuosa do Rei Besta. Percebiam o quanto estava guarnecida e aos poucos foram dando conta das divisões que havia em seu interior.

Vendo que haviam vários quartos, três salas, vários banheiros, uma piscina, um sótão e um porão.

Sabendo que Rei Besta não haveria de aprisionar a pequena em algum lugar acolhedor, imaginaram que ela estaria presa no porão da casa, que deveria ser o pior lugar, escuro, úmido, mau cheiroso.

Como porem adentrar o recinto, com tanta gente má a guardar a propriedade, e, como se não bastasse, com tantos maus espíritos a fazer-lhe a ronda?

Os meninos percebiam que, embora a casa fosse linda, rica e majestosa, o ambiente parecia a de uma destas casas ou castelos mal assombrados, onde tudo de ruim está a espera.

Uma das crianças foi bater ali, como quem não quer nada, oferecendo seus serviços em troca de um prato de comida.

- E o que você sabe fazer ?- perguntou o porteiro desconfiado.

- Posso varrer e recolher as folhas do jardim, arrancar o mato, arejar os canteiros, molhar as plantas.

- Só isso? -perguntou o homenzinho com má vontade e pouco caso.

- Sou esperto. Posso aprender muita coisa, como cuidar do jardim, como limpar a piscina, como tratar da comida dos cães e gatos.

- Os cães são tão bravios que fariam você de comida deles.- disse o homem dando uma gargalhada.- E, nesta casa, não há gatos.- acrescentou.

- Moço, sou esperto, posso aprender. E depois não cobrarei muito pelos meus serviços...

- Some, daqui, guri. Não precisamos de novos empregados!

O garotinho, contudo, não se fez de rogado e continuou aparecendo e pedindo ajuda, emprego, serviço.

Num dos dias viu que uma placa fora posta fora do portão, anunciando que se precisava de uma arrumadeira.

Tratou de avisar Mary, que prontamente se apresentou a rica mansão, oferecendo seus préstimos.

Foi levada à presença do rei Besta, que avaliou a menina e resolveu aceitá-la como empregada.

Durante o dia os meninos ficavam buscando informações sobre os horários em que rei Besta saia da propriedade, das horas em que ficava na Universidade, maltratando os alunos, dos momentos em que dormia, dos instantes em que desaparecia, e que eles achavam que eram aqueles em que ia atormentar Maylis, com sua presença e suas ameaças.

Conheciam agora todas as atividades do homenzinho e já tinham esboçado um mapa com seu trajeto e um outro com as disposições da casa.

Com a presença de Mary lá dentro, seria mais fácil saber cada movimento do rei Besta e com certeza, onde ele aprisionara Maylis.

Os meninos começavam a ficar mais esperançosos com o que poderia resultar da presença de Mary na casa.

Aos poucos, como tinha acesso a todos os locais, a menina foi fazendo amizade com os outros empregados, e ouvindo conversas, mesmo as de rei Besta ao telefone, percebeu que, como haviam deduzido, Maylis deveria estar presa no porão.

Percebeu também que a porta do mesmo sempre estava fechada e imaginou como seria escuro lá dentro, e como isto deveria estar causando muito mal a pequenina, que não sabia direito se era dia ou se era noite, perdendo seu referencial, perdendo a noção de tempo.

Quanto mais o tempo passava, mais Mariu se desesperava, ao pensar o que a caçulinha dos meninos estaria passando, naquela mansão, provavelmente no sótão, mal alimentada e sofrendo os maus tratos daquele vil Rei Besta.

Com muito custo Mary percebeu o horário em que se levava uma refeição no calabouço do porão. Era o momento em que talvez ela conseguisse ter acesso ao local, mas, se o fizesse, querendo tirar a menina dali, precisaria de toda ajuda possível dos meninos, para que pudessem fugir sem perigo.

Todos os dias, no momento em que o lixo era levado para fora dos portões, Mary conseguia deixar, dentro do recipiente um bilhete cifrado para Mariu, onde dava ciência do que vinha descobrindo.

A mensagem vinha na língua do pe:

Peprepecipeso peque pevopecês pefipequem peapelerpetas.
pediperei peque pedia pee peque pehoperáperio.(PRECISO QUE VOCÊS
FIQUEM ALERTAS. DIREI QUE DIA E QUE HORÁRIO.)

Isto só podia significar que a garota pretendia tirar Mayliz da sua prisão, e isto tinha que acontecer o mais rápido possível, porque a pequena

vinha sendo alimentada tão mal, que provavelmente mal podia se sustentar de pé.

Andando pelo jardim, percebendo que um dos meninos estava do lado de fora dos muros, a esperta Mary pos-se a cantar, como se não estivesse fazendo nada de mal.

PERVOU PEDIPEZER PEQUANPEDO
PEPOPESSO PESOLPETAR PEEPELA
PENUPEMA PETARPEDE PEDESPETAS.
PEFIPEQUE PEAPETENPETO.

Ou seja:

Vou dizer quando
posso soltar ela
numa tarde destas
fique atento.

O menino correu a dar a notícia a Mariu e aos demais. Foi uma alegria e cada um, a partir daquele dia, se posicionou por todo o percurso em que se daria a fuga, guardando os caminhos, atentos a cada sinal, a cada uma das pessoas que passavam, como se fossem mendigos que nada estavam fazendo de mal.

Enquanto isto, rei Besta todas as noites descia a atormentar a pequena que já esquadrihara todo o recanto onde estava, afastando da porta qualquer objeto que pudesse atrapalhar-lhe a fuga, porque não havia uma janela, um vão onde pudesse empreender sequer uma tentativa de escape.

Fosse pelo sofrimento que o cativo lhe causava, fosse pela verdadeira lavagem cerebral que o homenzinho maldoso lhe fazia, fosse pela má alimentação, pela escuridão permanente, pela tristeza da morte de Vaz Cello, ou até mesmo pelo ambiente tenebroso em que se via, junto a entidades do mal, que ali viviam em simbiose com os chamados vivos, Maylis foi ficando fragilizada, adoentada, e mil pensamentos lhe atordoavam a mente.

Como não atinasse como haveria de sair dali, os pensamentos foram ficando cada vez mais tristes, mais pesados, mais

desanimadores, terríveis e a menina começou a desejar morrer, como única saída para aquele empasse.

Nos primeiros dias tentou argumentar com o maldoso Rei Besta, porém a tudo ele rebatia com empáfia, orgulho e soberba, prepotência e maldade.

-- Cale a boca! Nada do que disser vai adiantar! Você vai me pagar caro pela sua amizade com Caiu e com os meninos, com Mariu, ou com qualquer outra pessoa! Pensa que é inteligente ? Que é esperta? Que é melhor do que eu? Você é pior que um verme! Você não é nada ! É a vergonha, a derrota, a perdição.

--Não entendo porque me deseja tanto mal. Se não sou nada, o que você ganha com atormentar-me deste jeito ? Você me tortura física, psicológica e espiritualmente. Isto é contra a lei! Por que precisa me prender, mandar em mim, impedir que eu faça o que sei fazer ? Por que me atormenta e aos meus amigos? Isto é contra a lei, quem age assim, devia ir para a prisão!

O homenzinho gargalhava.

- E quem me vai colocar na prisão, hein ? Você ? Seus amigos? Caiu ? Você me faz rir muito mesmo. Como é tola e burra! Sua sem graça, sua burra! - e ele deitava impropérios, xingamentos cada vez piores.

Mayliz tentou ficar calada, não responder aos ataques verbais dele, e parece que isto o deixou ainda mais furioso. Deitava mais e mais conceitos desairosos, diminuía o valor dela, amesquinhava sua pessoa, enfim, tudo fazia para que ela se sentisse muito mal, como se já não bastasse tê-la aprisionado.

Mary, por sua vez, de decidida que entrara a procurar e livrar a pequena Mayliz, naquele ambiente terrível, começou a pensar que estava se arriscando muito, que todos queriam paparicar e soltar Maylis, mas que ninguém pensava no perigo que isto representava para ela, Mary.

Aquele lugar parecia exercer uma influência malévola sobre as pessoas, modificando sua maneira de ser, atormentando-as e levando-as para um fosso escuro e tenebroso onde os maus pensamentos assaltavam as mentes.

No barco, a espera de notícias, Mariu percebeu que alguma coisa muito estranha e má estava atacando as duas. Ela não sabia

precisar bem o que era, mas só de pensar na maravilhosa mansão do rei Besta, arrepios tomavam seu corpo, sua mente ficava mais e mais confusa e tudo parecia perder o sentido.

Só de pensar no sofrimento da pequena, um mal estar imenso a tomava de assalto. Por que não haviam pego a ela ? Achava que era mais forte em suas determinações, que poderia melhor que os outros reagir a tanta maldade

- Por que parece que os maus sempre têm tanto poder e força?- pensava ela com a cabeça pesada pelas preocupações.

Pensando assim, foi ficando cada vez com a sensação de peso, de mal estar, de confusão mental ampliada, até que, orando, começou a ver algo muito estranho diante de si.

Via uma mulher, com a roupa em frangalhos, parecendo uma cigana, com os cabelos longos meio desgrehados, e sentiu que a mesma emitia muito ódio em direção a Maylis e a todo o grupo, mas mais especificamente para a pequena, aprisionada pelo rei Besta.

A entidade, que era uma pessoa morta, um espírito, ao perceber que estava sendo vista, começou a imprecicar:

-Sua desgraçada! O que pensa que vai fazer ? Vai me impedir de destruir a menina? Pensa que pode ?

O mal estar causado pela entidade era terrível e foi preciso que Mariu se enchesse de muito amor e determinação, porque pensava em Maylis, mas também pensava em que a criatura a sua frente também precisava de socorro.

- O que pensa ganhar com esta perseguição ? Não vê que isto faz mal não apenas a ela mas também a você mesma?

-Pensa que vai me enganar com esta conversa mole? Não adianta nada do que você faça. Vou destruir Maylis e vou destruir você e todos os meninos, você pode apostar nisto, ouviu?

- Não. Você está enganada. Se estou podendo vê-la, é porque estou tendo uma ajuda e, por isto, sei que você vai ser levada, retirada de nosso caminho. Isto é para seu bem. Precisa aprender a cuidar de si mesma e parar de se envolver no caminho das outras pessoas, para prejudicá-las. Isto só traz o mal, não apenas a elas, mas a você também.

A entidade teve um momento de estupefação, de susto mesmo, mas voltou a atacar, com mais raiva ainda.

- Não vai conseguir nada com isto ! Não desistirei do meu intento. Tenho amigos que me ajudam.

Fora do barco, Mariu viu outras entidades tão escurecidas pelo ódio e tão esfarrapadas quanto aquela, mas percebeu que outros entes mais iluminados os impediam já de entrar no barco, portanto, a conversa naquele momento era entre ela e a maltrapilha cigana, que já havia morrido há muito, muito tempo, e que devido a estarem no navio de Cir diz Gracia os tinha encontrado e resolvido prejudicar.

- Está com raiva porque sabe que de agora em diante não vai mais atacar a pequena Maylis, nem ninguém do grupo. Sabe que estes amigos que a cercam não poderão também prosseguir em seus intentos. Sabe que você e todos eles serão levados, para que possam se reeducar, para que se encontrem consigo mesmos, que revejam suas escolhas. Mesmo que para você não seja nada disto, prometo que vocês vão ser ajudados do jeito que for preciso.

- Como pode ter tanta certeza?- perguntou a mulher gargalhando. E como se isto interferisse na natureza, o céu se fez negro a noite ficou mais terrífica, e raios e trovões se viram e ouviram nos céus, enquanto uma chuva torrencial caía, assustadoramente, balouçando o barco.

Mariu sentiu que aquele momento era decisivo para o bom andamento da salvamento da pequenina de seu cativo. Se se tirasse a força do mal da mansão, seria uma luta mais limpa, entre os meninos e o Rei Besta.

Sentiu também que seus avós, Fernando e Maria e mais amigos a seguiam, e junto deles Vaz Cello. Se encheu de mais coragem ainda, enquanto o mal estar crescia e seu coração entrava a bater em descompasso. Um desejo de ir mais além, de se aventurar no que fosse necessário para salvar a pequena e todo seu grupo, Mariu continuou, inspirada pelos amigos que percebia ao seu lado.

- Já lhe disse, nem você nem seus amigos poderão mais fazer mal a Maylis e a todos nós. Chegou seu momento de parar com isto. É preciso se conscientizar de uma vez por todas que nada poderá fazer. Sua atuação acaba neste momento.

Mariu viu que as entidades suas amigas se acercavam da maltrapilha cigana, que empalideceu e foi como que perdendo as forças, mal podendo se sustentar de pé.

Os amigos invisíveis estendiam as mãos em direção a cigana, e de suas mãos partiam ondas de luz muito brilhante que iam em direção a infeliz e odiosa mulher morta, que foi desfalecendo até ficar imóvel caída no chão.

Ao mesmo tempo, nas águas revoltas do rio, seus amigos gritavam, imprecavam e ameaçavam, mas foram também sendo cercados por uma rede, como que de pesca, nimbada de luz, que os foi tomando em cerco, até que ao serem tocados também desfaleceram, sendo levados pelo espaço a fora até sumirem de vista.

Enquanto durara o envolvimento daquela criatura morta, Mariu sentira um frio intenso, como se estivesse congelando, e, no momento em que ela desfalecia, aos poucos, aquela sensação horrível foi passando.

Prouvera que o afastamento daquela mulher tão cheia de ódio, bastasse para que ela e os meninos conseguissem livrar Maylis do sofrimento em que se via.

Mariu se recuperou aos poucos do mal estar que a envolvera. Era como se aquilo tudo fosse irreal. Tanto amor que sentia pelos meninos e por Maylis, mas este amor não parecia suficiente para vencer as arremetidas do mal, que vinham de Cir Diz Gracia, do Rei Besta e de outras entidades que viviam num outro mundo, o invisível, o espiritual.

Agradeceu aos seus avós, aos amigos que vira trabalhando, enquanto percebia que a tempestade, como que por encanto amainava, e a noite se fez cheia de balsâmicas virações, o ar limpo e fresco, as águas mansas e tranquilas.

Mariu não conseguiu, contudo, conciliar o sono, como se estivesse de sentinela num acampamento, atenta a qualquer ataque do inimigo.

Por que tinha que ser assim? Ela e os meninos não faziam mal a ninguém. Tinham uns aos outros, a vida deles era assim, de muito amor e união e não podiam imaginar que, com tantas dificuldades

que passavam, houvesse gente viva ou morta a querer destruí-los, com tanto ódio que não podia entender.

No silêncio da noite sentia como se uma sinfonia tocasse no ambiente, como se estivesse sonhando, sem saber dizer o que percebia e sentia então.

Mariu se sentia entre dois mundos, e o ambiente se tornara ameno e divino.

A música que ouvia no ar, era como se fosse uma declaração de amor romântica, linda, imaterial. Um amor eterno se fez sentir em seu redor, e apesar de se sentir de alguma forma sozinha com tantas preocupações com os meninos e em tanta luta em ambos os planos, era como se alguém a tomasse no colo e a abrigasse com seu carinho, dando-lhe forças.

Estava certa que Vaz Cello, os avós e outros amigos, junto com a fadinha Dourada estavam lhe dando forças.

Sentiu que saía do corpo, e voava cada vez mais alto, até se dirigir a casa do Rei Besta.

Capítulo VIII- VIAGEM

ASTRAL.

Apesar de entidades que guardavam o lugar, desta vez Mariu estava invisível aos olhos deles, e podia atravessar as barreiras materiais com facilidade.

Passou pelos portões da entrada, atravessou os jardins e nem as portas fechadas a impediram de prosseguir.

Como se nada se constituísse de empecilhos, buscou o porão onde a pequenina, alvo de seus cuidados permanecia.

Adentrou o porão que mais parecia espiritualmente a um poço escuro e profundo, onde a pequena tivesse sido lançada, com o fito de acabar com ela.

O ar era irrespirável ali, como se houvesse um gaz venenoso no ambiente. Mariu sentiu que parecia sufocar, mas não desistiu. As forças lhe faltavam, mas não podia desanimar, pois sentia que, apesar de tudo o que acontecera há instantes, Maylis ainda não recebera a ajuda que era indispensável.

A pequena estava adormecida, encolhida como um feto, sem forças e numa atitude de total desamparo, depressão profunda.

Mariu procurava sugar aquelas energias ruins para si mesma, a fim de livrar a pequena e se sentia mais e mais fraca, mas não desistia.

Mentalmente pedia ajuda a Fadinha Azul, a Vaz Cello, aos seus avós, aos negros e índios amigos, porque não desistiria jamais de livrar a pequena.

Um cansaço imenso, e um adormecimento tomavam - lhe as sensações, de forma a causar-lhe uma fraqueza extrema.

Parecia que ia desmaiar ou morrer, mas não desistia, afastando mais e mais os maus fluidos da pequenina, enquanto dizia:

- Maylis, perdoa por não ter percebido o que ia acontecer, o que você está passando, todo o mal que você está sofrendo. Ânimo, minha querida. Confia que logo vamos tirar você daí, e voltará a sorrir de novo e ser aquele nosso encanto, junto aos seus irmãos e amigos.

- Maylis, -dizia tentando dar forças a pequena, que estava inerte, mergulhada em ideias confusas e arredias, totalmente envolvida pelo ambiente terrífico em que se via, meio zumbilizada, sem ter mais reações, apesar de sua inteligência e de sua capacidade sempre demonstrada de superação.- Reaja, volte a confiar e lutar pelo melhor em sua caminhada. Não desista, minha pequena. Tudo passa e isto também passará. Parece até que você está num nó cego, sozinha, mas não é assim. Logo estará de volta conosco. Não pode ficar assim, não te deixaremos aqui, de jeito nenhum. Hoje sinta que não está sozinha, que estamos juntas com você. Você vai fugir deste lugar. Pode parecer que não tem jeito, mas vamos resolver isto juntos, todos juntos.

Nisto Mariu sentiu que não tinha mais forças, estava quase desfalecendo, e então a separaram da pequena e a levaram num quarto onde Mary adormecida também estava como que chumbada no chão, envolta por nuvens escuras. Mariu tentou chegar-se a ela, mas a pequena, como se uma força estranha a comandasse lhe falou:

- Você só se preocupa com Maylis, não gosta de mim, parece que me deseja somente o mal. Não sei se vou ajudar a tirá-la daqui amanhã. Já não sei se quero isto.

Mariu percebeu que o mal que estivera rondando todos, estava deixando marcas profundas nas duas e tentou trazer a menina de volta ao juízo perfeito:

- Que é isto, Mary? Ou nos unimos ou tudo se perderá. Não se deixe envolver por este ambiente onde o mal emana. Sinta o prazer de estarmos juntos. Vamos nos reunir para seguirmos para nossa Gruta de Platão.

A pequena, no entanto, parecia não ouvi-la ou entender o que ela dizia.

Mariu voltou ao convés do barco Zé Pilantra, olhava o ambiente e não percebia com clareza onde estava, como se tivesse vindo de um lugar que não podia entender.

Parecia andar em círculos, não chegando a lugar nenhum. Sentia faltarem-lhe as forças. Era difícil entender os eventos daquela noite meio sinistra.

Tentou levantar-se e percebeu que estava sem forças. Era como se a morte chegasse. O coração batia descompassado no peito. Nunca sentira seus batimentos como naquela hora.

Ela não desistiria, mas se sentia sem forças naquele momento. Quem seria aquela mulher que os perseguia tão atrozmente ? E seus companheiros, que também tinham sido levados ? Aquilo não era o bastante para livrar, ou ajudar a livrar Maylis do Rei Besta, de livrá-los de Cir Diz Gracia, de Sue Li e de Ne dos EUA ?

Se ela e os meninos se amavam tanto, quem os condenava a tanta dor, por que Maylis estava presa, e porque Mary que a princípio se oferecera para ajudar estava se voltando contra ela ? Ela precisava libertar Mary daquele ciúme, daquele envolvimento triste que a fazia desistir da empreitada de salvar Maylis. Era mais do que uma questão entre as duas. O ciúme era vaidade e só causava sofrimento. Ela precisava livrar cada uma delas daquelas ideias tão prejudiciais a todos.

Ela escapara do entrevero da noite, com vida, mas se sentia ferida, sufocando os gemidos, como se estivesse sido atingida no peito. Esquecera os riscos, em que se envolvera, naquela luta, e uma tristeza imensa tomava conta dela, como se fosse morrendo aos poucos por amor a

todos. O coração perdoava tudo, mas não podia esquecer de todos os tormentos que vinha passando.

Depois do vendaval da noite, era como se estivesse profundamente machucada pelas palavras ouvidas. O caso de tanta perseguição teria solução. Estava ferida no corpo, na alma e principalmente no coração.

Era preciso mudar a situação, era preciso vencer toda a maldade para que voltassem a ser felizes, mesmo com a ausência de Vaz Cello.

Tentou erguer-se, com vontade de ir beber um pouco de água, para se sentir melhor, mas estava sem forças.

Foi quando Caiu apareceu no convés e vendo que ela estava passando mal, tratou de ajudá-la a levantar-se e a apoiou para que pudesse se colocar num canto mais confortável, enquanto ia lhe buscar um copo de água.

- Beba um pouco. Que está acontecendo ?

Aos poucos, Mariu foi se sentindo um pouco melhor, depois de tomar um pouco de água e lhe contou tudo o que tinha acontecido naquela noite.

Caiu prometeu que logo cedo buscaria notícias de Mary e que no dia seguinte, sem falta, iriam resgatar Maylis.

Uma chuva fina começou a cair, trazendo um ventinho frio. Caiu disse que ficaria no convés e pediu para Mariu ir descansar um pouco.

Ela sentiu que precisava dormir, estava cansadíssima. Quem sabe, ao dormir, pudesse estar com seus amigos do Mundo Invisível e ganhar forças novas. O dia seguinte prometia muitas surpresas, mas seu coração lhe dizia que, embora até conseguissem libertar Maylis, alguma coisa muito ruim ainda parecia esperá-la nos dias seguintes.

Por que Maylis e Mary estavam se deixando envolver pelos maus fluidos do ambiente em que estavam ?

Era preciso tirá-las o quanto antes daquele lugar sinistro, onde rei Besta dominava com sua maldade, com sua crueldade, com sua desonestidade. E tudo porque não se sentia amado, tudo porque tinha

vontade de dominar tudo e todos, e destruir quem fosse diferente, quem ainda tivesse bondade no coração, fé na vida, e valor próprio.

Viu sua avó Maria e ela lhe falou:

-Minha neta, você é uma menina, cheia de fé e de crença, Deus esteja com você, na saúde e na doença.

- Vovó, porque tem que ser tudo tão difícil ? Que mal fizemos nós aos homens ? Por que temos que ser perseguidos por Cir Diz Gracia e Rei Besta ? Por que Maylis e Mary estão passando por estes momentos difíceis nas mãos deste homem perverso ? O que ganha ele fazendo tanto mal aos outros ? Já não nos basta a morte de Vaz Cello, a perda de nossa casa da árvore, por que temos que lutar com esta gente, se nunca fizemos mal a ninguém, nunca nos apropriamos dos bens alheios? Eu só queria seguir com nossas pequenas tarefas, com nosso amor, nosso carinho, mas estou cansada e não vejo como me sair desta perseguição destruidora. Tudo nos está sendo tirado, nem mesmo o sossego e a simplicidade nossa parece poder ser preservada.

- Minha querida, você é guerreira, você é família, vocês são uma família bonita, cheia de ideais nobres, não se deixe abater, minha querida. Lembre-se, como na brincadeira, “não deixe a peteca cair”. Não percas a tua fé, minha querida.

- Gostaria de entender, avozinha. O que este rei Besta ganha com isso ? Como ele pode fazer tanto mal a nós, a Maylis, o que ele pensa sobre isto ?

- Minha querida, Vou lhe contar uma história que bem ilustra o que está acontecendo.

E a avozinha pôs-se a contar com paciência, como se Mariu ainda fosse uma criança, do tempo em que ainda não passara por tantos transtornos, cheia de vigor e alegria:

Era uma vez uma cobra, que vivia a perseguir um vaga-lume, um pirilampo, daqueles que você adorava ver na infância.

O pobre inseto não tinha um segundo de descanso. Quantas vezes pousava numa folha, no meio da noite, cansado de voar, e ia até tirar um cochilo, quando ouvia um leve ruído vindo do chão, ou do galho mais próximo.

Abria os olhos rapidamente, assustado e lá estava ela, prontinha para o golpe. Ele voava com a maior ligeireza que podia, mas no outro dia, lá estava ela novamente a seguir-lhe as asas. Não lhe dava descanso.

Ele mudou para o outro lado do bosque e nada conseguia. Quando pensava que estava a salvo, lá vinha o réptil silencioso e manhoso ao seu encontro.

O tempo passou e a insistência da cobra foi premiada.

Um dia o animal cercou de tal forma o vaga-lume que ele não tinha mais saída.

Percebendo que ia ser comido, o inseto falou:

- Por favor, não me mate, dona cobra. O que ganharia com isto ? Sou pequeno, insignificante; não vou lhe alimentar, porque quase não tenho proteínas, vitaminas no meu pequeno corpinho.

- Desista, seu inseto insignificante. Nada me demoverá de meu intento. Nada, entendeu ? Vou finalmente fazer o que eu quero !

O pobre e pequeno vaga-lume então perguntou:

- Por que ? Porque insiste em dar cabo de mim ?

- PORQUE VOCÊ BRILHA!- respondeu o réptil sibilando.

Mariu entendeu a lição que a historinha lhe trazia. Era mister vencer aquele réptil com o valor de cada um dos membros de seu grupo, tal como vinham driblando o maldoso Cir Diz Gracia. E no dia seguinte, finalmente, contavam tirar Mayliz daquela prisão sinistra. Ela não podia continuar presa daquele sinistro lugar, daquele invejoso e terrível homenzinho, que exercia sua influência sobre toda a Universidade, maltratando os jovens como se eles devessem adorá-lo com ambos os joelhos.

Mariu faria qualquer coisa pelos meninos, faria tudo o que estava ao seu alcance e até o que não estava, sem pensar nos transtornos pelos quais teria que passar. Morreria por eles, atravessaria aquele momento de solidão.

No céu a Via Láctea brilhava deixando seu rastro de beleza pelos céus. Lembrando-se a história do pirilampo, Mariu falou:

- Daria minha vida pelos meninos!.

O encontro com a avozinha como que a animara, para o dia que principiava a nascer. Era preciso vencer o medo, lembrar de Deus, e tentar por os pés no chão, fazendo o que fosse possível. Como era difícil ser feliz, e fazer os outros felizes.

Os meninos também acordavam e Caiu é que desejava dormir, porque passara a noite em claro.

Tomaram uma refeição leve e trataram de se posicionar, dentro do que haviam traçado e combinado com Mary no dia anterior.

Alguns ficariam no barco, para que ele não pudesse ser encontrado e retomado por Cir Diz Gracia.

Esperaram pacientemente que rei Besta saísse em direção a Universidade, onde iria atormentar professores e alunos, e ficaram a espera do sinal que Mary ficara de dar a eles. A menina acenderia a luz do quarto onde dormia, quando tivesse conseguido as chaves do porão e mais, tirar do caminho o brutamontes que montava guarda ao local.

Eles estavam unidos e sentiam que Vaz Cello estava com eles, todos juntos para auxiliar a libertar Maylis da prisão que a retinha e maltratava.

No entanto, a pequenina, vencida pelo sofrimento, pelo isolamento e sem achar que alguém já a podia salvar, amontoara todos os objetos num canto no porão infecto e deixara-se estar como morta, deitada no chão durante toda a noite, perdendo a noção da realidade que a circundava.

Não conseguia entender o porque do que lhe acontecia. Onde estava o amparo de Deus, no qual ela sempre acreditara ? Por que os maus eram sempre os vitoriosos ? Por que aquele homem perverso vinha, dia após dia, atormentá-la com sua presença, com seus conceitos, com seu xingamento e improperios, com suas constantes ameaças ?

Não fora sempre amor de corpo inteiro, um amor que vinha de dentro para fora, para com todos ? E o que ganhara com isto ? Não queria estar só como estava. Não sentia amparo de lado algum. Gostaria de estar com os meninos, mas eles, por certo, tinham ido embora, e nem se lembravam dela. Mariu devia gostar mais deles do que dela, senão porque a deixava naquele local, porque não tentara tirá-la dali ? Por que não fizera algo para aprisionar o maldoso rei Besta ? Por que deixara que matassem

Vaz Cello. Ela estava morrendo de dor e de tristeza, envolta pelo ambiente terrível em que se via. Vencera suas resistências, como que enlouquecia.

O maldoso homenzinho estava conseguindo aquilo que pretendia, minar a resistência da menina, destruir o cerne de sua alma, seu espírito de luta, seus ideias, suas esperanças.

Mariu sentia que isto podia estar acontecendo e esperava que finalmente conseguissem livrar a pequena da prisão em que se via, até para darem prosseguimento a viagem.

Na casa, na mansão do rei Besta, Mary fora tomada pelo envolvimento do local cheio de maldade e pensava:

- Por que ela devia se arriscar, para ajudar Maylis ? Era certo que Mariu gostava mais da menina do que dela, senão não a colocaria naquela enrascada, não estaria a lhe pedir para fazer o que haviam combinado. Ela não merecia as preocupações de Mariu e dos meninos ? Por que tinha que se sacrificar pela outra ?

Os ciúmes, as tristes ideias preparavam um ambiente terrível, para minar a resistência do grupo e impedir o salvamento de Maylis. Mary pensava em trair o momento, achando que a vida lhe tinha dado menos do que a menina presa no sótão. Ela não sabia que estava sendo traída pelo mal naquele momento, aliciada a fazer e desejar o pior para Maylis.

Sentindo que as coisas não estavam bem, Mariu chamou os meninos, antes de saírem para a empreitada, se deram as mãos e oraram pedindo ajuda a todos seus antepassados, a todos seus anjos da guarda, a todos os amigos que sabiam ter, estivessem eles mortos ou vivos.

Ao seu lado sentiu Vaz Cello que lhe falou:

- Para tudo dá-se um jeito. Mesmo sem querer, vocês mexeram num vespeiro, agora é aguentar o tranco.

Fadinha dourada também se mostrou diante deles e todos ficaram mais animados.

Sentiam que uma paz nova os envolvia, vindo do amor de cada um, achando que poderiam lutar fosse com quem fosse.

Tudo, tudo estava como que mudando. Saíram mais animados, achando que aquele dia, finalmente, resgatariam Maylis.

Fadinha Dourada tratou de buscar os sítios sinistros, onde o maldoso rei Besta dominava. Entrou sem ser vista e procurou animar Maylis e Mary, encontrando-as muito mal, devido ao veneno que absorviam do local onde estavam.

Com muito esforço, usando a luz que trouxera e fora criada pelas preces dos meninos, e um pouco do pó da Via Láctea da noite, a criaturinha conseguiu melhorar um pouco o ânimo das duas.

Com isto, Mary lembrou-se do que haviam acertado e tratou de buscar o carcereiro do porão e ofereceu-lhe um suco de laranja que preparara na copa especialmente para ele, adicionando-lhe o sumo de algumas ervas que conhecia, para adormecer o homúnculo.

Ele a olhou desconfiado, mas, devido ao lindo sorriso de Mary ele acabou por tomar todo o líquido, e ainda agradeceu, o que não era de seus costumes.

Não demorou muito e ele logo recostava num sofá da sala e dormia a bom dormir.

Ainda bem que Rei Besta já saíra e deste modo não veria o homem fora de seu posto e mais a roncar a bom roncar.

Mary puxou as cortinas, deixando o ambiente mais escuro, para que ninguém visse o que acontecia, e tratou de subir e acender a luz da sacada do escritório de Rei Besta, procurando as chaves do porão nos bolsos do homem adormecido.

Verificou que cada empregado estava a postos, e que não poderiam ver o que ela fazia.

Desceu as escadas com cuidado e abriu a porta do porão, deixando que um pouco de luz de fora iluminasse o ambiente.

Encontrou Maylis adormecida profundamente no chão e foi com muita dificuldade que conseguiu acordá-la, mas a pequena estava como que entontecida, parecendo que havia tomado alguma medicação.

-É agora, Maylis, não demore a firmar as pernas. Vamos fugir, os meninos nos esperam do lado de fora. Vamos! Não fiquemos aqui. Tivemos pouco tempo. Vamos fugir. Eu te ajudo.

Nem parecia a mesma menina que há pouco desistira do que tinha que fazer.

Maylis a olhava sem entender e mais, parecia não querer segui-la. Parecia querer ficar ali, pois agarrou em alguns objetos que empilhara a um canto e não arredava pé.

- Você enlouqueceu ?- perguntou Mary, estranhando-lhe a atitude.-Vamos, Maylis!

- Não!- respondeu a pequena empurrando-a.

- E esta agora!- exclamou Mary.- Você não entende ? Venha! Vamos sair daqui!

-Não!- retrucou a pequena.- Não quero!

- Fadinha Dourada, Vaz Cello, me ajudem !-exclamou Mary desesperada.

Imediatamente os dois entraram no porão e envolveram Maylis e ela finalmente se deixou levar, meio entontecida.

Mary foi com ela pelos fundos, saindo pelo portão traseiro, cujas chaves ela também pegara ao carcereiro.

Do lado de fora, Caiu e outros meninos trataram de colocar a menina meio desmaiada, numa espécie de compartimento, preso ao lado de uma bicicleta, e saíram em disparada com ela.

Ao chegarem ao barco, logo se reuniam e Mary com eles, pois viera também na garupa de uma das bicicletas que os meninos haviam conseguido a bordo, fruto dos muitos roubos de Cir Diz Gracia pelas redondezas, porque o homenzinho chegava a tirar “até pirulito de criança.”

Zarpavam bem a tempo, porque Cir Diz Gracia estava por perto, com sua marujada, com Sue Li e os demais, tentando chegar e retomar seu barco.

Finalmente, Maylis estava livre do Rei Besta e poderia retomar longe sua vida e sua antiga alegria.

No convés a menina adormecida era alvo do carinho e da atenção de todos e isto fez com que Mary se refugiasse num local embaixo do convés a chorar, achando que ninguém a valorizava e querendo ir embora, sumir, sem dar mais notícia.

O que ninguém ainda sabia era quanto mal o rei Besta fizera a Maylis, que estava com a mente desarranjada, nem como isto também

acabara por atingir Mary, como se um vírus do mal as tivesse tomado inteiramente.

Somente Mariu sentia que algo havia de muito errado, mas achou que fosse pelos momentos difíceis que vivera e raciocinava que a cobra não conseguira engolir o pirilampo, segundo a historinha da vovó.

Não podia aceitar que viessem mais aborrecimentos dos tantos que estavam passando, agora que finalmente resolvera as questões com o rei Besta e poderiam seguir em direção a Gruta de Platão.

Aquela parada perto da mansão do rei Besta lhes tomara muito tempo e energia, lhes minara as provisões, estavam quase a míngua, mas pelo menos agora podiam prosseguir.

Deste modo, deram-se pressa para retornar ao local de onde tinham vindo, o mais depressa possível.

Quem sabe finalmente pudessem ter momentos de alegria a bordo, e a esperança seguisse com eles.

Mariu olhou a volta, enquanto todos festejavam, e não viu Mary. Onde ela estaria?

Perguntou aos meninos, mas eles apenas disseram que ela subira a bordo, mas que não a tinham visto mais.

Preocupada com ela, Mariu a procurou até encontrá-la sentada encolhida num canto da parte inferior do barco.

- Até que enfim!- falou aliviada.-Estava procurando você. Já zarpamos,como pode ver, e tudo graças a você.

Quis abraçá-la, mas ela fugiu de que a tocasse.

-Mary, o que acontece ?-perguntou sem entender, porque ela não participava da alegria de todos, já que fora ela quem auxiliara até ali para que chegassem aquilo.

Mariu não entendia o que estava acontecendo.

Mary arredia, se segurava a uma almofada e se protegia, como se Mariu lhe oferecesse algum perigo.

- O que acontece? Vamos subir e participar da alegria de todos. Podemos dar prosseguimento a nossa viagem de volta, em segurança e liberdade. O que você está fazendo aqui embaixo ? Venha. Precisamos nos

unir e correr de volta aos nossos sonhos. Pensei muito em ti, naquele lugar horrível e tive muito medo, mas agora estamos todos novamente unidos.

-Volte você para festejar a volta de Maylis. Ninguém se preocupa comigo mesmo. Ninguém se importa se estou bem ou mal.

- Que está acontecendo com você? Isto não é normal, não é seu jeito de ser. Por que fazer estas comparações ? Nossa vida continua e somos todos por um, senão como vai ser ? Como haveremos de chegar a gruta se não nos unirmos ?

Porém Mary a olhou com muita raiva, ressentimento mesmo, e evitou seu toque de carinho.

Mariu ficou admirada e interdita e nisto ouviu um movimento diferente no convés e palavras ásperas entre os meninos.

Subiu rapidamente e o que viu a deixou ainda mais perplexa.

Os meninos seguravam Maylis, que queria por força pular dentro da água, enquanto o barco corria rapidamente para longe do local onde estivera atracada.

Parecia que Maylis perdera o juízo completamente, e que desejava morrer nas águas frias de Black`s River.

Foi a muito custo que conseguiram segurá-la e impedir o gesto extremo.

Quando ela se aquietou a um canto do convés, tomou a mesma atitude de Mary, segurando uma almofada contra o peito e com os joelhos dobrados e seguros pelos braços ela se encolheu a um canto, como se fosse um feto em busca de proteção e aconchego.

O que aquele ambiente e a influência do rei Besta causara as duas ? Ou teria sido a morte trágica e repentina de Vaz Cello que estava gerando aquela atitude de total desamparo ?

Quando parecia que tudo iria começar a dar certo, quando finalmente podiam se dirigir às suas origens, as duas se apresentavam com aquele distúrbio de sentimentos e atitudes ?

Mariu reuniu os meninos e lhes explicou que as meninas pareciam doentes mentalmente, com o envolvimento do local em

que haviam estado e que, em razão disto, era mister observá-las e que fariam turnos entre si, para que nada acontecesse com elas.

Todos concordaram, apesar de não conseguirem entender direito como isto tinha acontecido. Não fora apenas o ambiente, mas as constantes lavagens cerebrais que o rei Besta fizera em Maylis.

Dia após dia aquele terrível homenzinho, cheio de rancor, mal amado e arrogante ficara repetindo suas ameaças, suas arengas e seus conceitos sobre a menina e parecia ter logrado êxito, pois ela não mais se valorizava, nem voltava sua atenção as necessidades de seu grupo.

Tudo parecia irritá-la e usava palavras duras e agressivas quando se dirigia a Mariu. Tudo era crítica, tudo era desaforo e desconsideração. Nem parecia aquela menina sempre pronta a auxiliar a todos, preocupada com os amigos e com o próprio mundo.

Mariu percebeu que as duas meninas estavam doentes, doentes da alma, doentes do desespero, da depressão e da auto confiança e só o tempo e muito esforço poderia modificar aquela situação.

Deste modo o grupo seguiu rio abaixo, tentando chegar ao ponto em que Maylis havia sido raptada pelo maldoso rei Besta.

Ainda bem que aqueles dias foram magníficos e não houve nenhuma tempestade ao longo do percurso e também não sofreram nenhum ataque de Cir Diz Gracia e sua trempe de bandidos.

Apesar disto, como as meninas não mudassem suas maneiras, acintosamente atacando os próprios amiguinhos, Mariu entrou a ficar triste também, sem saber mesmo como haveria de modificar o que vinha acontecendo.

Passaram pelo local onde tinham tido que retornar, devido ao sequestro de Maylis e nada na atitude das duas mostrava que a experiência vivida anteriormente as predispunha a retomar a antiga maneira de ser.

Além desta preocupação, Mariu não estava feliz por utilizar o barco Zé Pilantra, porque não achava certo estar numa embarcação que não lhe pertencia, e pensava num modo de devolver ou abandonar o barco ao antigo dono, achando um outro meio de chegar onde pretendia, à Gruta de Platão.

Por mais que desse tratos a bola, no entanto, não encontrava um meio de resolver aquela pendência.

Aos poucos os víveres começaram a rarear e eles não conseguiam nem pescar os peixes do rio, nem colher frutos nas árvores próximas às margens.

Parecia que o desânimo das duas meninas contagiara os outros garotos e tudo estava como que sendo minado, destruído, sem saída ou esperanças.

Era como se nada valesse a pena, como se tudo fosse um engano, uma luta inglória.

Como que sintonizando o desânimo que tomava conta de todos, o barco entrou num trecho do rio mais largo e volumoso, onde várias indústrias jogavam seus detritos. As águas poluídas por eles não tinham oxigênio suficiente para manter a vida, e detritos boiavam sobre as águas, dando a todo o local um aspecto de deterioração e sujeira.

O ar cheirava mal e urubus pousavam nas margens, enquanto as plantas se viam sem vida, tomadas pelas margens barrentas e sujas.

O barco seguia com dificuldade, porque as bordas do mesmo estavam cheias de lixo que se acumulava e grudava no casco.

-Precisamos dar um jeito de sairmos desta rota de morte e toxidade.- falou Mariu para os meninos, que também estavam quase sem forças e sem vontade de prosseguir.

-Creio que a frente encontraremos um estreitamento do rio e locais mais limpos e menos poluídos, pelo que me lembro desta região.- comentou Johnny.

- Deus te ouça, porque a continuar assim, não sei não.- respondeu Mariu.

Ainda seguiram um largo trecho do percurso, enfrentado toda a série de dissabores e iam até chegar a passar fome, quando uma manhã o rio começou a dar mostras de que estava melhorando sua condição.

Fosse pelas fábricas que haviam ficado para trás, ou pelo natural percurso por áreas menos poluídas, os meninos puderam pegar algum peixe e encontraram alguns frutos, com o que puderam abastecer o barco e comerem, fortalecendo-se.

Mesmo com tudo o que estava acontecendo, contudo, as duas meninas não mudavam sua disposição, será que ficariam daquele modo para sempre ? Quando é que tirariam da cabeça os pensamentos negros que as vinham assediando ?

Finalmente podiam ter água fresca com o que fazer a alimentação e dar conta de cuidar da higiene da embarcação, tanto dentro, como fora, no casco que se enchera de crostas de graxa e detritos.

Deste modo, trataram de parar numa enseada, para fazer a faxina necessária, que o barco pedia, mas enquanto as duas garotas, que não queriam ajudar em nada e, quando chamadas a participar, falavam de forma agressiva:

- Não vamos fazer nada, nadinha de nada! Vocês que façam o que quiserem. Não vamos participar !

Nem pareciam mais as duas meninas dispostas e cheias de vida de antes.

Apesar disto, os meninos continuaram a trabalhar com afinco, e após dois dias o barco estava um brinco de novo, e trataram de armazenar de água e alimentos, dando sequência ao plano traçado.

- Se chegarmos a gruta, quem sabe as duas modificam sua disposição e voltam a ser como eram antes ?- pensava Mariu com a cabeça a rodar de preocupação.

Era preciso ter confiança, tinham que cruzar as fronteiras de Black's River e a cabeça precisava aguentar. Não podia parar, havia um motivo mais fundo no que faziam, e era preciso tentar até conseguir atingir seus objetivos. Nada estava perdido, já haviam vencido muitas batalhas, e haveriam de conseguir vencer outras.

A vida estava difícil, não conseguiam ter paz, e vasculhavam os horizontes que as águas mostravam, desejando chegar cada vez mais perto do local para onde se dirigiam.

Num daqueles dias, perceberam que as noites eram mais inquietas, e a paz parecia rarear no coração deles. Será que as dificuldades eram tantas que estavam solapando as forças dos meninos ? Ou seria pela atitude das duas que se sentiam sem forças ?

Mariu sentia que o ânimo de todos estava ficando cada vez mais abatido e nada do que ela fazia parecia modificar tudo.

Nem pensar em desistir, mas as coisas estavam demais difíceis, e ela se sentia sem forças.

Num daqueles dias, orou sentidamente, lembrando de tudo o que vinha passando:

Era demais a sensação de perda, apesar de bem ou mal eles estarem unidos e seguindo rumo ao seu destino.

- Deus, preciso de ajuda, o mais rápido possível.

Sinto-me sozinha, sem forças e sem ver solução para o que estamos vivendo.

Enquanto há vida há esperança, mas estamos todos cansados e sem perspectivas.

Parece que tudo o que estamos fazendo ainda é pouco, Senhor.

Nosso passado era cheio de luta, mas também cheio de alegria, mas agora as meninas estão sem vontade de ajudar, ao contrário, me agridem o mais que podem.

Os meninos estão desanimados também.

Por um lado desejo devolver a Cir Diz Gracia seu barco Zé Pilantra, e por outro lado, não sei se podemos seguir pelas margens, procurando um caminho alternativo rumo ao nosso destino, sem que voltemos a correr riscos da perseguição do Rei Besta e de Cir Diz Gracia.

Não posso contar mais com Maylis, nem como Mary, nem mesmo com Dredi que também entrou num marasmo.

Sinto-me sozinha e sem forças. Não sei o que fazer.

Nisto, enquanto orava, o barco deu um solavanco forte. Havia batido numa pedra meio submersa e o casco deu de fazer água.

Por mais que Mariu e os meninos pegassem baldes e comesçassem a tirar a água que entrava aos borbotões, perceberam que o barco fazia mais água do que eles podiam retirar e que em pouco tempo ele afundaria.

Deste modo, fizeram o que parecia mais inteligente, naquele momento,. Levaram o barco para perto a margem, onde ele não afundaria de todo e começaram a pensar em como poderiam tampar o rombo que se abria no fundo do mesmo.

Um vento frio começou a varrer as margens e as águas se arrepiavam com ele.

Com muito esforço puxaram a embarcação para fora da água e buscaram madeira para tapar o buraco, bem como pregos e cordas com as quais pudessem ligar nova proteção no buraco aberto.

Foi quando apareceu um mateiro negro e forte, que, ao ver a dificuldade das crianças, amigavelmente se colocou a disposição deles, com muito jeito e capacidade, emendando as partes rompidas e dando um novo ânimo a todos.

Seria aquele homem a resposta as preces de Mariu, já que, enquanto estava orando, as coisas haviam ficado piores ? Não podiam seguir até que a embarcação estivesse a contento.

O homem ensinou-os a pescar de forma a conseguir mais pescado e também a buscar novos alimentos na mata adjacente.

Em pouco tempo eles estavam mais aptos, sabendo onde estavam e como podiam tirar o melhor da região, mais fortes e animados.

Uma chuva fina caiu na região e o frio aumentou, causando alguma dificuldade entre eles, mas o novo amigo os animava a prosseguir.

Sem dúvida ele parecia a resposta de Deus às preces de Mariu. Ela seguiria em frente, assim que o barco tivesse condição de novamente zarpar rumo a Gruta de Platão.

Tanto sacrifício haveria de levá-los a conseguir o que era preciso. Precisavam juntar forças para seguir no momento propício.

Dentro de si mesma ela começou a sentir uma esperança nova, de conseguir retomar a vida com os meninos, no momento em que haviam sido atingidos pelo ataque covarde e violento de Cir Diz Gracia e da morte de Vaz Cello.

Capítulo IX- A VOLTA DO PORQUÊ.

Foi numa daquelas tardes, em que se reuniam à margem, juntando os frutos que haviam apanhado, que o poraquê que os haviam ajudado anteriormente apareceu.

Mariu viu o movimento desusado na água e tratou de procurar saber o que era aquilo. Logo reconheceu o amigo que os havia salvo de Cir Diz Gracia e ficou feliz:

-Que alegria, quando se encontra um amigo ! Seja bem vindo, o que o traz por estas bandas?

- Vim seguindo os rastros que deixaram, para trazer-lhe boas novas.

- Só o fato de revê-lo já é uma boa nova para nós. Mas me deixou curiosa, que boas novas são essas?

- Sei que não se deve desejar o mal a ninguém, nem mesmo aos maus. Porém, como fiquei preocupado com os eventos, procurei com os demais peixes saber notícias de Cir Diz Gracia. Soube que ele teve que lhe devolver parte das moedas que arrecadou. Como não pudesse ficar com tudo, ficou tão triste que passou por um período negro de doença. Sue Li entrou a tratá-lo, mas errou a dose do remédio e ele piorou. Infelizmente já se recupera, mas isto, por certo, o impediu de vir-lhes no encalço.

Também o rei Besta, quando soube que Maylis havia fugido teve um ataque de cólera e por pouco, muito pouco mesmo, não morreu. Botou seus homens atrás de vocês e devem ter cuidado quanto a isto. Percebo que o barco foi avariado e que estão impedidos de prosseguir. Posso com minha energia elétrica soldar partes do casco, derretendo metais que possam servir de junção as tábuas que colocaram. Ficarei muito feliz se puder de algum modo contribuir, para que possam prosseguir.

Mariu que já estava feliz pelo simples fato de rever um querido e precioso amigo, não cabia em si de tanta alegria. Novamente agradeceu mentalmente a Deus pela ajuda e o mateiro que tudo tinha ouvido, deu sua risada maneira:

-Ih! Ih! Ih!! Nunca vi tanta galanteza quanto esta. Um peixe a ajudar a menina e seu grupo é coisa de N. S. Jesus Cristo ou do ajudante dele, o Francisco de Assis, que falava com os peixes. Esses tar de Cir Diz Gracia e rei Besta não deviam se meter cum suncê.

E, se o Poraquê propôs, melhor ainda foi o que ele fez.

Os meninos pegaram o que podiam a bordo, e em pouco tempo o poraquê ia derretendo o metal e o colocava incandescente, tapando o buraco que havia sido feito no casco.

Deste modo logo o barco estava em condições para retomar o caminho sobre as águas.

Ao lembrar dos dois bandidos que os estavam prejudicando, Mariu pensou que aos maus não basta vencer em alguns campos, ter dinheiro e poder, é preciso acicatar, prejudicar a quem invejam, senão não ficam contentes.

Como devia ser difícil ser assim, ter sempre a preocupação com os outros, no pior sentido, o de causar-lhes sofrimento, prejuízo. Ela podia sentir ainda a influência nefasta sobre Maylis, que não retomava sua alegria e suas atividades e em Mary, que vivia mais amargurada que nunca, somente desejando o mal e chafurdando em tanta amargura, que mais parecia um giló, de tão amarga.

Mariu conversou sobre isto com o poraquê, enquanto ele utilizava sua energia para derreter os metais. Ele, naquele seu jeito descolado, ficou pensativo por dias, até que voltou a tocar no assunto:

-Sabe, Mariu, doença é uma coisa muito triste e quando pega a alma, gruda mais do que carrapato e vai causando seu estrago. Vou reunir meus amigos e vamos trabalhar, mesmo a distância, com nossa energia, não a elétrica, mas a magnética, enviando ondas para o cérebro das duas e para o coração, a ver se conseguimos algum tipo de mudança na disposição delas. Sem dúvida adoeceram no ambiente pesado da casa do rei Besta. Dizem até que os próprios guardas e funcionários que lá trabalham vivem como que zumbilizados, pela influência perversa daquele homem.

- Estou confusa com tudo isto. A mudança nas duas é algo assustador. Eram alegres, se preocupavam uns com os outros, verdadeiras guerreiras e agora as vejo sempre agressivas, sem forças nem vontade para nada.

- Quando a esperança morre e a fé vai embora; tudo fica deste jeito que estamos vendo. Mas não desanime. Ainda bem que eles têm você, que mantém o pé no chão, mesmo caminhando pelo rio, como se pisasse nas águas. Devo avisá-la que lá na frente estão construindo uma barragem e parte das águas do rio foram desviadas. Se não quiser chegar na vazante e

ficar encalhada, deve pegar à esquerda quando chegar na divisão do caminho nas águas.

- Que seria de nós sem seu precioso auxílio, meu amigo? Nunca poderia saber o que vai lá na frente, nem esperava mais encontrá-lo, tendo-o deixado lá para trás.

-Se aqueles que desejam o bem não se auxiliam mutuamente, o mundo

acabará nas mãos dos maus, ou dos piores e todos sofreremos. Devemos nos unir e trabalhar uns pelos outros. Infelizmente não posso continuar com vocês. Tenho amigos que me aguardam o retorno, para tarefas que fazemos juntos. Mas, se acaso se virem em apuros, avisa através de algum lambari, porque eles andam em bandos, são rápidos e conseguem coisas que você nem imagina, Mariu. Lembre-se, se acaso se verem em apuros, manda-me um aviso ou por um lambari ou por alguma avezinha que possa chegar até mim. Continuo em Black's River City, atento aos movimentos dos dois pilantras da cidade, porque me preocupo com vocês e eles não descansam em querer prejudicá-los.

Mariu chamou os meninos que se despediram do peixe elétrico com tristeza, porque haviam aprendido a gostar dele e não lhe tinham medo, como a maioria das pessoas.

Assim que o peixe saiu velozmente voltando pelas águas, os meninos trataram de empurrar o barco para as águas mais fundas, com a ajuda do mateiro, que também se despediu, oferecendo sua ajuda a eles, sempre que pudesse ou precisassem dele.

O dia estava esplêndido, o sol brilhava sobre as águas, quase cegando com a beleza do seu reflexo e as águas estavam calmas e tranquilas. Logo perceberam que o barco não fazia mais água e podiam seguir a contento.

Apesar disto, Mariu estava ainda muito preocupada, atenta aos abusos que podiam vir a sofrer ao longo do percurso, já que ainda sentia as negras influências dos dois que os perseguiam só de ver a transformação das duas meninas do grupo, avessas a qualquer aproximação ou suas fugas da participação nos eventos. Nem mesmo quando o barco fez água e ficou encalhado, na hora dos reparos, quando todos corriam de um lado para outro, em busca de recursos com os quais pudessem tapar o buraco, o

rombo no casco, elas tinham demonstrado qualquer preocupação, ou tinham feito um só movimento para auxiliar.

Na despedida do poraquê, quando todos demonstravam seu carinho, elas permaneceram inertes, desligadas de tudo.

Tudo que Mariu desejava era pelo menos um segundo mais feliz, mas olhava para trás com desencanto por tudo o que estavam passando.

Sempre lhe pareceu que tinha um pacto com o destino e conseguia, mercê de seu esforço e da sua união com os meninos algum tipo de felicidade simples e modesta, mas agora tudo parecia uma guerra sem fim, com gente a qual ela mal conhecia e que a estavam perseguindo sem uma razão aparente de ser.

Lembrou-se da história da cobra e do pirilampo que a avozinha havia lhe trazido à memória.

Desta vez queria pensar que estavam bem, que vinham conseguindo vencer a distância para atingir seus objetivos. Não desejava a dor que sentia pra ninguém do mundo. O que lhes faltava era a presença física de Vaz Cello, mas aquele pensamento não adiantava nada, estivesse onde ele estivesse, daquela vez, não iria chamá-lo, nem incomodá-lo com seus problemas ou sofrimento. Sentia saudades, sentia sua falta, mas não iria desistir de trazer as meninas a novas disposições, ao retorno de quem eram antes daquela tragédia toda.

Mariu não chamava Vaz Cello, mas sua tristeza fez com que ele viesse voando até onde ela estava. O sol brilhava nas águas e na areia da margem, e pareceu a ela que o rosto do menino se formava diante de si, mas espantou a imagem, no desejo de não incomodá-lo. O que ele podia fazer ? Tinha sido um esteio até o dia de sua morte, mas agora era melhor deixá-lo, pensava a menina. O problema era dela e as lágrimas não resolviam. A vida era algo sagrado e o tempo precisava ser usado a benefício de todos, para chegarem onde deviam chegar. Sabia que Cir Diz Gracia não os buscaria, nem o rei Besta na Gruta de Platão, pelo que se ouvia dizer daquele local, pelas muitas lendas e até pelo perigo que haviam ao redor dela.

Por isso era imprescindível que chegassem o mais rápido possível ao local, e o fariam, mesmo com as duas meninas na agressividade em que se viam e no desânimo não contribuíssem para isto.

Mesmo que Mariu não registrasse naquele momento a presença de Vaz Cello, mesmo que se negasse a vê-lo, por não querer incomodá-lo com os problemas que a cercavam, o menino estendia suas duas mãos sobre sua cabeça, e lhe enviava forças e disposições novas, para dar prosseguimento as suas lutas.

Mariu suspirou fundo e viu quando a Fadinha Dourada se mostrou nitidamente diante dela, pedindo que ficasse firme e continuasse descendo o rio, atentando para o local onde deveria tomar a esquerda, seguindo um desvio feito pelos homens, mas necessário para chegarem lá na frente, quando o rio voltasse a encontrar as águas represadas.

Com nova disposição, apesar da tristeza, ela saudou a Fadinha Dourada, agradecendo-lhe a presença e pôs os olhos firmes no caminho que estava diante, feliz por retomar seu caminho.

Encontraria indicação do lugar com ajuda da Fadinha, quando chegasse a parte onde o caminho se partia.

Os meninos esquecidos do perigo começaram a cantar, falando que esperavam a hora certa de poderem novamente se divertir e ver o novo sentido para suas vidas.

Ninguém mais iria ficar inerte, tanto fazia que fossem jogados de lá para cá e de cá para lá.

Que eles estavam esperando um futuro melhor e enquanto isto iriam cantando pelo caminho. Que encontrariam a alegria e a realização além da curva do rio.

Aquela era uma saída, uma prova de carinho e de fé. Deixavam para depois a busca do abrigo, para onde seguiam, viam o amanhã ou o depois, até mesmo um perigo de nunca mais chegarem, cantando nas palavras a fé, o trabalho e o tempo, o sossego e o tempo, voltando-se para a determinação e união que tinham.

Mariu viu quando Maylis e Mary subiam ao convés, ouvindo as canções, com um olhar mais vivo, porém ainda sem cantar ou participar do júbilo de todos.

Seria isto uma reação aos fluidos e energias que o porquê dissera que ia enviar com os amigos para as duas ?

Ou seria pela presença da Fadinha Dourada que só ela via naquele momento ? Talvez pela presença de Vaz Cello, que sucumbira ao ataque das pedras e das mentiras de Cir Diz Gracia. Naquele momento ele se lembrava de tantas venturas, dos rastros que deixara, tantas decepções, mas a vida era como um balão, que subia com o amor que curava todas as loucuras, e se havia defeitos e dificuldades, tudo bem, o que importava é que permaneciam juntos. Quantas pedras ele recebera, quantas mentiras, nem sempre era livre para viver, mas o amor curava todas as decepções e todas as loucuras. Ele se encostara, colocando a cabeça no colo de Mariu. Tudo parecia bem, naquele momento, e Mariu sentiu que chegariam a Gruta, e quanto antes melhor.

O sentimento de que estavam indo para lugar nenhum havia passado. Sentia que era difícil entender tantas agruras, de projetar o que desejavam, correndo pelas águas.

Estavam chegando ao local onde deviam adernar a esquerda. Mariu estava atenta, mesmo sem entender bem o que estavam vivendo, enquanto os meninos cantavam, numa alegria contagiante, mas sem tantos propósitos.

O barco corria velozmente agora, o vento batendo nas velas e tudo parecia um céu aberto de luz e alegria.

Mesmo assim, ela ainda sentia muita preocupação, lembrando que o poraquê dissera que os dois bandidos não se esqueciam dela.

Nova esperança parecia alentá-los e era a presença de Vaz Cello que eles não percebiam que intervia naquele momento, mais a fadinha Dourada.

Os meninos haviam soltado umas pipas e o vento parecia levá-los e eles iriam para qualquer lugar do mundo, ao sabor daquele momento de refazimento de energias.

O que ocorria era que o poraquê mais seus amigos em oração vibravam a distância e enviavam novas energias para eles, e eles se sentiam como se estivessem na presença de Deus, e a qualquer lugar onde estivessem seria magnífico, sem redemoinhos, sem perigos, até sem Destino, com o calor do Sol, enviando beijos ao espaço, como se amigos invisíveis os seguissem bem de perto. E assim era.

Cada um sentia a presença do amor naquele momento, e deixavam-se molhar com os espirros da água, o sol a bafejar-lhes no rosto e o vento e enfunar as velas.

Foi quando Mariu viu a bipartição das águas e chamou os meninos a desviar a rota para a esquerda.

E foi o que fizeram no maior empenho e alegria, lembrando as recomendações do poraquê.

O coração deles estava feliz, sentindo que tudo estava melhorando, como se novas portas se abrissem diante deles.

Pararam de cantar um tanto e ouviram o ruído das máquinas dos homens, trabalhando com afinco do lado direito, enquanto velozmente o Zé Pilantra os levava para novas direções.

Aos poucos deixaram de ouvir o ruído das máquinas dos trabalhadores, seus ouvidos atentos agora registravam o cantar de pássaros que seguiam o barco, em alegre algazarra, como se estivessem aplaudindo as escolhas.

Os meninos se deitaram no convés, felizes por poderem partilhar a companhia uns dos outros. O amor parecia que fincara âncora junto deles e o cansaço do esforço despendido até ali nem parecia deixar qualquer marca nos seus corpos.

Era como se deixassem para trás a escuridão. Não se sentiam mais sozinhos, pensavam em Vaz Cello e era como se ele os visse, e os via mesmo, e expressavam a alegria em risos, como haviam feito um pouco antes pela música.

As duas meninas se sentaram também no convés, mesmo que parecessem estar com o pensamento longe dali, ainda imersas na escuridão. Os meninos pareciam seguir os passos e os pés de alguém que lhes marcava o roteiro.

- Espero que estejamos deixando para trás nosso sofrer, galopando as águas, em busca de tranquilidade e menos sofrimento.- pensou Mariu, sentindo que estava mais animada.

O barco seguia rapidamente, sem nenhum empecilho e todos estavam felizes.

Nova esperança inundava o coração dos meninos.

Tinham passado do medo a alegria e que não tivessem a tristeza mais pelo resto do ano. Como Mariu amava aqueles meninos e como isto lhe dava forças para recomeçar. Eles tinham encontrado amigos pelo caminho, e, agora que riam alegres, ela sentia que poderiam retomar logo a vida que haviam tido antes, mesmo sem Vaz Cello.

Precisavam viver e ter recursos para prosseguirem com algum conforto e sossego. Era tão pouco o que Mariu desejava e como estava cansada, mas desejava recomeçar e amar muito seu grupo.

Atenta ao movimento no convés, vendo que estavam um tanto sossegados, ela viu de repente que Maylis se aproximava perigosamente da borda do convés. Tudo o que Mariu desejava era viver um sonho lindo, entre seus amores, mas a menina parecia alheia a tudo ao seu redor. Uma dor da preocupação a encheu de medo novamente.

Maylis continuava se aproximando da beirada de forma perigosa, Mariu levantou-se deu um grito:

-Maylis ! Pare!- gritou com desespero.

Um beija flor passou em voo rasante, e os meninos pararam de rir e brincar e voltaram as vistas em direção a menina, que parecia como que hipnotizada pelas águas.

- Pare!- gritaram Johnny e Caiu correndo para a direção da menina, que agora subira no alambrado que cobria os lados da embarcação, e ameaçava se lançar nas águas, correndo o risco de se machucar com a madeira que tocava as águas do Mister Zé Pilantra.

Mariu também se erguera e corria como eles em direção à garota.

Era como se o tempo marcasse um momento de estacato, tudo fluindo de vagar, como em slow motion.

- Maylis ! -gritava Mariu, como se com o poder de sua voz pudesse impedir o gesto que adivinhavam na menina.

Mas ela não parou antes ia se lançar nas águas, quando um pássaro gigante fez um voo rasante sob ela, apanhando-a em plena queda e levantando nos ares seu corpo voltando e pousando-a no convés.

Fora um segundo de susto e expectativa, mas a garota, meio zozza ainda , sem entender bem o que se passara, jazia no chão sem reação.

Mariu, Caiu e Johnny correram em direção a ela, e a cercaram:

-Maylis, o que você fez ?- perguntou Mariu saindo de seu susto.

- Eu queria morrer!- exclamou a menina ainda meio sonambúlica, como se sua afirmação fosse algo corriqueiro e normal.

Mariu, Johnny e Caiu queriam abraçá-la, mas ela recusava qualquer contato físico, como se o toque das pessoas tivesse o dom de machucá-la ainda mais.

Os olhos de Mariu se encheram de lágrimas que não chegaram a cair, porque ela reconhecia a atitude de total desamparo que tomava a menina, reconhecendo nisto a influência perniciosa de Rei Besta, sobre o ânimo dela.

- Como certas pessoas só existem para trazer malefícios, mesmo quando não estão mais fisicamente presentes ao nosso lado.- raciocinou Mariu com tristeza.

Ela e os meninos conseguiram a custo que Maylis se deixasse levar para baixo, para um dos camarins que tinha conforto suficiente e a colocaram na cama, onde dormiu imediatamente, como se o esforço despendido tivesse o dom de sugar-lhe as energias.

Johnny e Caiu ficaram guardando a porta, para que ela não saísse e voltasse a se comportar daquela forma alucinada de há instantes.

Mariu saiu ao convés, para agradecer ao pássaro que salvara a garotinha, e que era naquele momento alvo da curiosidade dos meninos, que o cercavam com alegria e gratidão:

- Você é o máximo, brother !- falava um deles, sob o aplauso dos demais.

O pássaro era enorme, maior do que tudo o que ela e os meninos haviam visto antes. Era quase um monstro, como o que ficara conhecido pelos índios como ave trovão, porque planava acima das nuvens, acima das chamadas ondas de calor, dos ventos que antecipavam tempestades.

Emitia um grito agudo, semelhante das aves de rapina, águias, condores, quando vão atacar, tinha as penas negras e camadas delas da cor de cobre, um bico encurvado para baixo, e garras

potentes e curvas, capazes de dilacerar o peito de qualquer um deles, somente com a força de seu golpe.

A ave fitou a menina de frente, parecia entender que ela era o líder do grupo que viajava no barco e a respeitava também. Saberla ela o valor do gesto com o qual salvara a vida de Maylis?

Pareceu-lhe que sim, e dirigiu-se a ela com um gesto de cabeça, olho no olho e falou, como se ela pudesse entender:

- Todos lhe somos profundamente gratos, pelo que acaba de fazer. Você salvou a vida de nossa menina e isto para nós não tem preço. Não sabemos como poderíamos lhe agradecer, como também não sabemos porque fez isto.

A ave pareceu entender o que lhe era dito, porque acalmou as asas, juntando-as no corpo e assentou-se sobre as patas, como se quisesse ficar mais baixa, para não assustar os meninos. Também recolheu as garras potentes, piscando os olhinhos.

- Gostaria de ter com que pagar-lhe, mas receio que nada do que levamos conosco poderia ter valor para você.- continuou Mariu, percebendo que a ave a atendia e ouvia com atenção.

Só trazemos alguns objetos a bordo e sementes e comida vegetal.

Não fosse por sua intervenção e provavelmente Maylis teria morrido. Sei que as aves que são suas parentes chegam a comer pequenos animais e até crianças, mas você agiu de forma diferente, como se nos apreciasse, como se nos respeitasse, como se se interessasse por nós.

Fica conosco, se assim o desejar, ou siga seu caminho com nossa gratidão pelo que fez por nós hoje.

A ave continuava a olhar para eles, sem esboçar qualquer reação.

Mariu fez com um gesto com que um dos meninos trouxesse até ela uma cesta, onde se viam muitos frutos.

A ave trincou com o bico potente alguns frutos e pareceu deliciar-se com o sabor dos mesmos.

Os meninos aplaudiram com entusiasmo indo em busca de mais alimento para ela.

- Ela gostou da gente !-falou um dos meninos, se aproximando do enorme pássaro gigante.

- Eu vim para ajudá-los.- falou a ave, causando admiração a todos.- Sou amiga do poraquê e ele me pediu que os seguisse, para qualquer emergência. Quando vi que a menina ia se atirar nas águas, não tive dúvidas, dei um voo rasante e a apanhei no ar, a tempo de impedir-lhe a queda.

Então era isto, o poraquê mandara um amigo para auxiliá-los.- pensou Mariu.- A amizade era algo poderoso e inigualável. E como era difícil de se encontrar entre os seres humanos.

Após conhecer de perto Cir Diz Gracia, o rei Besta e outros da mesma espécie, Mariu entendia que os animais as vezes sabem ser mais fieis e companheiros que muitos seres humanos.

Quantas vezes os seres humanos se aproximam, se fazem de amigos, para depois mostrarem suas reais intenções, de se apropriarem de algo ou até mesmo das ideias daqueles que cativam.

Ela e os meninos eram exemplos vivos da falta de amizade entre os seres humanos. Eles jamais tinham tido o auxílio das pessoas, poucas eram aquelas que realmente tinham feito diferença em seus caminhos.

As crianças cercaram a ave com alarido e alegria, porque ela se mostrava sua amiga, e também porque lhes lembrava o poraquê, que também os tinha ajudado sem pensar em recompensa, num momento de difícil socorro.

Queriam saber de onde o enorme pássaro tinha vindo, porque nunca antes tinham ouvido falar de sua existência, onde morava.

A todas as perguntas o pássaro respondia com paciência e boa vontade.

- Na verdade, moro ao Norte, perto das geleiras eternas do Polo Norte, mas recebi o recado de que meu amigo precisava de mim e vim voando, como se diz, através das florestas e dos mares, para chegar bem a tempo de poder interferir de algum modo.

Eu e minha família, de há muito nos escondemos dos seres humanos, porque eles, se soubessem a nosso respeito, haveriam de tudo

fazer para nos capturar ou mesmo matar.

Temos conseguido ficar ocultos, tidos como lenda dos indígenas do Norte, que nos chamam de pássaro trovão.

-Porque ficaram conhecidos com este nome ?- perguntou Mariu, que já tinha ouvido de sua avó Maria histórias a respeito deste pássaro e também da mitologia, sobre o pássaro Roca.

- Porque é mais fácil para nós nos deslocarmos a grande altura, por cima das nuvens, quando as correntes dos ventos nos levam a participar de enormes tempestades no continente. Vamos à frente das nuvens, acima delas, nos deslocando com rapidez, chegando antes dos temporais, em meio aos raios e trovões. Daí o nome de pássaro trovão foi uma assimilação perfeita do que fazemos.

Eu os seguia meio de longe, porém pronto para intervir, quando percebesse que era necessário.

- E não poderia ter chegado em momento mais propício. Você não pode imaginar, meu amigo, as duras atribulações que vimos sofrendo, e de como isto afetou as mentes de Mayliz e de Mary.

-Bem posso imaginar, já que a maioria dos animais evita se aproximar da Mansão do Rei Besta, porque suas emanções são de maldade pura, como há muito tempo eu não tinha tido a oportunidade de perceber ou encontrar, e olha que eu viajo muito, quase sempre evitando que me vejam ou que possam me filmar ou fotografar, porque isto iria por em risco não somente a mim, mas a toda minha família.

- Bem posso entender isto. O homem é o ser mais predador que surgiu na face da Terra. Se soubessem de sua existência, não descansariam até encontrá-los e acabariam por dar cabo de suas vidas, fosse em nome da ciência, do conhecimento ou de qualquer outro nome que pudessem inventar para perpetrar mais um crime.

- Por isto não poderei desfrutar da companhia de vocês por mais tempo. Se me virem das margens ou se alguém me viu no momento que mergulhei, estou perdido! Não me darão descanso.

- Nós esconderemos você. Vamos usar uma camuflagem perfeita, como se você fosse uma alegoria carnavalesca, destas que as maiores cidades criam, para participar dos seus concursos, mais do que viciados.- falou Caiu.

- Sim.- concordou prontamente Johnny- Vamos agora mesmo juntar tudo o que tivermos a bordo ou até das margens, para transformar você num aparente boneco gigante das festas de Carnaval.

- E os meninos saíram correndo de um lado para o outro, pegando tudo o que podiam encontrar, com o que criar uma camuflagem gigantesca, para esconder o pássaro trovão, que dava risada de ver a pressa e a atividade dos garotos, todos mergulhados de cabeça na ideia surgida, pelo muito que estavam gostando do pássaro, querendo mante-lo mais tempo com eles.

Pegaram baldes de limpeza, panos, redes, cobertas, uma vela rasgada, um saco de penas, um balde de cola, pedaços de papelão e de tecido, pedaços de vassouras e arames, numa rapidez estonteante, que levava o pássaro a rir mais e mais.

Nem ouviam os reclamos da Mariu:

- Esperem ,garotos. Vocês nem sabem se ele quer realmente ficar, não podem ir tomando decisões pelos outros.

Mas ninguém queria saber de ponderações ou de raciocinar de forma mais coerente. Haviam adorado o pássaro e queriam a todo custo, que ele permanecesse junto deles.

Em pouco tempo o tombadilho estava entulhado de objetos os mais díspares e variados. Nem era crível que os meninos tivessem conseguido reunir tanta tranqueira e material diferente no curto espaço de poucos minutos.

O pássaro estava até emocionado com aquela espontânea demonstração de carinho e afeto, mas Mariu ficou preocupada com o apego dos meninos, porque isto demonstrava o quanto eles eram necessitados de afeto e como estavam mal preparados para os embates da vida.

Ela sabia que a ave teria forçosamente que buscar outro refúgio que não fosse aquele barco, que estava já sendo perseguido por dois facínoras da pior espécie e que ainda podiam conseguir outros mais, tão maus quanto eles, para destruí-los.

-Estou lisonjeado e emocionado.- falou a ave olhando para os meninos e se abaixando ainda mais para estar mais perto

deles, mas não posso realmente ficar. Minha vida tem sido esta, fugir do homem, para me manter intacto.

- Fica! Fica!- pediam os meninos em coro.

Mas a ave não mais os fitava, parecia perceber com sua visão aguçadíssima, e seus ouvidos atentos, algo mais que eles não tinham ainda percebido.

Um movimento desusado nas águas dava conta que alguém os seguia de perto, algo ao mesmo tempo assustador e inesperado.

Enquanto a ave se erguia, batendo as asas e subindo a uma altitude muito muito alta, os meninos perceberam que homens, pilotando jet esquis, vinham no seu encalço. Traziam roupas de mergulho e também armas com as quais se puseram a atirar sobre a embarcação.

Foi um Deus nos acuda, mas logo eles começaram a se entrincheirar atrás da barricada de objetos que haviam amontoados, para usar como camuflagem para preservar a ave, e também começaram a usar os mesmos objetos como armas improvisadas, contra aqueles novos piratas maldosos que antegozavam o prazer de os aprisionar.

Logo um caía abatido por um bule bem atirado, outro se enroscava no tecido de uma rede, um terceiro era atingido por um pedaço de hélice, e a cada pirata abatido, os meninos batiam palmas e riam com felicidade pura.

Não demorou muito e eles começaram a ser bombardeados pelo ar, porque o pássaro trovão, vinha lançar sobre eles quantas pedras havia podido segurar com suas patas potentes.

Atingidos por todos os lados foram perdendo o posto sobre os jet esquis que perdiam a direção e iam se esborrachar nas margens, chegando a explodir algumas vezes, enquanto os pilotos dos mesmos quase se afogavam nas águas do Black's River.

Mariu ainda pode a ouvir a voz esganiçada de Sue Li a gritar a pelos pulmões:

- Peguem aquela menina ! Quero fazer um guizado com ela!

Chegou até a sentir um arrepio na espinha. Que mania tinha aquela dona de querer transformá-la em pitéu !

Mas tão rápido quanto tinham atacado, logo o barco deixou para trás aquele bando de bandidos e a embarcação, já mais liberada do monte de tranqueira que levava, cortou as águas em direção a Gruta de Platão.

O pássaro trovão deu um voo rasante e jogou muitas flores sobre as crianças, como se se despedisse deles. Precisava se esconder o mais rápido possível. Aquele entrevero podia ter sido visto por muita gente que trabalhava nas redondezas e isto constituía um perigo mortal para ele.

Os meninos entenderam e se conformaram, apesar de alguns até terem chorado um pouco.

Logo não o viam mais no céu, nem os piratas na água.

-Meninos, chega de aventuras ! Todos nos seus postos de trabalho, vamos !

Meio desanimados os garotos foram retomando seus postos.

Parecia que aquela viagem não terminaria nunca. Mariu tinha que ficar atenta a Maylis e a Mary, porque ambas ainda estavam sob o domínio das emanções deletérias do rio Besta.

Ainda bem que não estava um clima de chuvas, como aquelas pelas quais já tinham passado e podiam se dar ao luxo de irem sob o sol em direção às suas metas.

Escolheram uma escala para que pudessem dar conta de verificar as duas meninas, que estavam em desequilíbrio.

O que estaria por traz do Destino, que mudava os cenários e as situações de um momento para o outro ? Por que as pessoas se atravessavam no caminho dos outros, na maioria das vezes para trazer prejuízo e dolo ?

Por que tinha que existir pessoas como Cir Diz Gracia e Rei Besta ?

Mariu, no tombadilho, meditava nos revezes que tinham atingido seu grupo e não sabia mesmo como haveria de resolver tantas pendências.

Achava que se chegassem na Gruta de Platão, ao menos teriam um abrigo onde ficar e algum meio de subsistência, onde estariam a salvo de tantas artimanhas dos maus. Afinal tinha conseguido algumas moedas de volta, e estavam juntos, mesmo com as dificuldades que vinham enfrentando ao longo do percurso.

Imersa em seus pensamentos, não deixava de perscrutar as margens, atenta para não serem surpreendidos por algum ataque.

Teria o rei Besta desistido de fazer mal a Mayliz ? Por que Cir Diz Gracia não parava de assediá-los.

Atenta, observou que no horizonte se formavam nuvens escuras, e isto podia indicar chuva à frente.

Pássaros vermelhos cortaram o céu, em algazarra típica e isto punha um pouco de alegria em seu coração atribulado.

Observou que a situação exigia um esforço maior de todos, porém via que os meninos estavam desanimados, como se esperassem que ela resolvesse sozinha todas as pendências, coisa que sabia que não podia acontecer.

Estariam as emanções deletérias dos maus atacando de forma invisível a disposição, o ânimo e o humor dos meninos ? Sim, era o que parecia, não apenas as duas meninas tinham sido atingidas, mas, a longo prazo percebia que todos estavam sendo envolvidos, como se uma nuvem densa tomasse suas mentes e seus corações.

Como não percebera isto antes ? Estava em tantas lutas para dar prosseguimento a viagem, que não percebera como todos estavam, de algum modo, sendo minados pelas emanções tóxicas dos locais onde haviam passado.

-Como lutar com isto ?- se perguntou tomada de tristeza e angústia.

Como era seu hábito começou a orar, pedindo a Deus, aos seus amigos do outro lado um meio de sair daquela situação, que

percebia tão perigosa quanto a dos ataques materiais até então sofridos.

Sua prece como que criou um arco iris maravilhoso no ambiente, como que confirmando a sustentação contra o mal e mais, um tempo bom que se prenunciava.

Mariu não podia prever até onde conseguiria seguir, caso todos ficassem mal, como as duas meninas. E era isto que de repente ela visualizava. Sua prece trouxe ao tombadilho entidades invisíveis. Amigos negros, índios, e de vários aspectos, japoneses, chineses, e crianças, jovens, mulheres e homens, atenderam as preces de Mariu.

Aos poucos eles foram como que fazendo uma limpeza em todo o barco.

Admirada, Mariu via que seres estranhos apareciam como que tivessem brotado do chão, com aspectos de escorpiões, com suas carapaças e seus tentáculos, e ferrões, moluscos semelhantes a águas vivas, e um enorme charuto negro, como se fosse feito de pano, iam sendo retirados do barco aos poucos, aparecendo no tombadilho.

Até um enorme balão feito de couro, inflado flutuava logo acima do solo.

Mariu mal podia crer no que os olhos espirituais lhe desvelavam. Aquele era um ataque diferente, um ataque psíquico, aparentemente inacessível aos olhos humanos, como se aqueles “bichos” invisíveis, pudessem atacá-los de forma tão sutil, que eles mal percebiam.

Via seus amigos trazendo à tona aquela visão terrível e também atacavam aqueles seres , trazendo um ambiente melhor à embarcação.

Mariu sentiu um alívio na tensão que percebera, e nos ataques invisíveis a que estavam sendo submetidos.

Mas ficava também a certeza de que cada um dos meninos tinha sua tarefa na vida e sua função, e ela não podia assumir por eles suas responsabilidades.

Foi ter com Mayliz, mas esta ainda estava, apesar da interferência espiritual em estado de alienação.

- Vamos cuidar da vida, elaborar planos para os dias que vêm à frente.- falou Mariu, com carinho

A pequena olhou-a com estranheza.

- Planos ? Que planos ? Eu si quer tenho vida! Você destruiu a minha vida! -falou a pequena com agressividade.

Mariu percebeu que apesar de toda ajuda que tinha recebido, apesar dos seus esforços, a menina continuava a prisioneira do rei Besta, mesmo fora de seus domínios. Percebeu também que um ente maléfico tinha vindo com ela, da casa ,da mansão do rei Besta e que ele dominava a mente da pequena, insuflando-lhe não apenas o desânimo, frente a morte de Vaz Cello, mas a revolta contra tudo e contra todos, numa atitude de profunda agressividade e violência.

Não podia intervir, porque a vontade da menina não reagia, deixando-se levar por uma dormência e inatividade prejudicial.

Os meninos, contudo, tinham voltado a apresentar alguma alegria e disposição e o barco seguia, sua rota nas águas, conduzido por eles com maestria, era como se eles sempre tivessem vivido e trabalhado com aquele barco, Mister Zé Pilantra.

Mariu percebeu que a luta prosseguia e que ela ainda não vencera os inimigos visíveis ou invisíveis que assaltavam a embarcação e seu grupo.

Mas não podia desistir. Jamais fizera isto antes e não o faria agora, apesar da tristeza imensa que sentia, como se seu coração tivesse sido varado por punhais invisíveis.

Tratou de verificar a alimentação do grupo e quando se sentaram para o almoço percebeu como os ânimos ainda estavam meio animosos de uns para com os outros. Mesmo assim alimentou-se e percebeu que a tarde prometia ser amena, e a noite chegaria com eles ainda no caminho das águas.

Tomou a rede e jogou-a, quando fizeram uma parada, na intenção de conseguir apanhar algum peixe que os pudesse alimentar, já que os víveres estavam acabando.

Cada movimento era de preocupação agora e a contagem para que o caminho ficasse cada vez mais certo, e eles mais próximos de seu esconderijo na Gruta. Era esta a meta, o que importava.

Assim se passaram alguns dias em constante trabalho e atenção, o que lhe causava um cansaço imenso e, a cada dia em que acordava, não via saída para o impasse de perceber a tristeza e o desânimo minando o caminho de todos.

Quando as pessoas desistem de lutar, de atingir metas, de querer atingir seus objetivos, é como se já tivessem perdido a batalha. E era isto que parecia estar acontecendo com seu grupo. Ela também se sentia bem cansada, quase desanimava, mas com os olhos voltados para o futuro e o desejo de atingir seus fins, reunia forças para a empreitada.

Permaneceu algum tempo avaliando todos os fatos ocorridos e decidiu que haveriam de chegar a Gruta e, em lá chegando, as coisas, por certo, se modificariam. Enquanto isto, nada faria para tentar um diálogo com as duas meninas, porque era perder tempo.

Pôs-se a cuidar da limpeza do tombadilho, e da arrumação dos objetos, como a dar exemplo para que os meninos também se animassem a cuidar do que tinham diante de si. Só Maylis permanecia como que presa a uma situação de desmazelo.

A rede mostrava movimento e ao ser recolhida, trouxe a bordo muitos peixes, o que deu ânimo novo aos meninos, que trataram de os limpar e armazenar com sal para a alimentação dos dias que ainda teriam pela frente.

Para ajudar, uma brisa olorosa tomou conta do barco, eram flores das margens, que exalavam um perfume delicioso, que punha mais ainda um sentido de limpeza e ordem a tudo.

A Fadinha Dourada se mostrou no tombadilho e os meninos correram ao seu encontro. Ela trazia notícias de Vaz Cello, que os seguia com preocupação e estava tentando de algum modo ajudá-los no andamento daquela aventura nas águas.

Com isto os meninos buscaram seus instrumentos musicais e esquecidos de que não deviam fazer barulho e atrair os inimigos, puseram-se a tocar e cantar no tombadilho.

Será que a alegria iria retornar ao convívio deles ?
Prouvera aos céus !

A alegria atraiu os olhares de um homem que estava à margem. Ele estranhou ver o barco de Diz Gracia nas mãos de um bando de meninos e assim que a embarcação passou por ele, tratou de buscar uma canoa e com ela foi subindo o rio, para procurar saber do meliante o que houvera ocorrido.

Capítulo X- NOVIDADES

Teve que viajar muitos dias até encontrar com a marujada de Diz Gracia, que ficou feliz por ter notícias de por onde os meninos andavam. Como se ele não tivesse adivinhado que eles seguiam rumo a Gruta de Platão ! Era tão óbvio.

Tratou, pois, de arregimentar gente para poder alugar um barco, e ir a caça do seu, o barco Zé Pilantra que permanecia nas mãos dos garotos.

Chegou a oferecer um prêmio a quem lhe desse indicações corretas de onde seu barco estava.

Com isto a notícia logo correu mundo e quando os meninos aportaram numa praia, para fazer uma coleta de frutos, com o fito de armazenar mais alimento, um homem os observou com cautela. Aproximou-se da embarcação e ofereceu-se para ajudar Mariu , indicando que conhecia bem a região e poderia com jeito auxiliar na coleta. Ela ficou surpresa com a gentileza do estranho e aceitou, movida pela ingenuidade própria dos bons, que não percebem as armadilhas dos estranhos. Por horas eles subiram morros e andaram em trilhas, catando frutos e levando-os em cestos que tinham carregado do barco, para este fim.

O homem disse chamar-se Junior, porque tinha o nome do pai, cujo nome não gostava muito e, naquelas horas, logo fez amizade com ela e os meninos.

Na volta, armazenaram os cestos à margem e tomaram um barquinho para levar os mesmos a bordo.

Tudo ia bem, quando numa das idas e vindas perceberam que vários cestos não estavam mais a margem, nem Junior, que os levava para si, roubando de forma descarada o alimento que haviam colhido.

Com profunda decepção Mariu logo percebeu que aquele estranho não os quisera ajudar, mas se servira deles e, por certo, ia a vender os frutos do trabalho da gurizada a seu próprio benefício. Mal sabia ela que, além disto, ele também iria demarcar os percurso deles, tentando ganhar o prêmio oferecido por Cir Diz Gracia.

A cada trecho do caminho eles encontravam pessoas dispostas a qualquer coisa para prejudicá-los. Onde andariam os amigos do Outro Lado que antes os tinham auxiliado ?

Olhando os poucos cestos que haviam trazido a bordo Mariu sentiu vontade de chorar, mas isto desestimularia os meninos e, por isto, tratou de guardar a mercadoria, enquanto os animava a levantar âncoras e seguir viagem.

Era preciso ter mais malícia daí para a frente, antes de aceitar a proposta de ajuda de terceiros. Na maioria das vezes eles estavam dispostos ao assalto e não ao auxílio desinteressado.

Julgar os outros pela boa vontade que não tinham seria desastroso. Os meninos e ela tinham percebido isto, mas pelo menos, tinham feito um bom armazenamento de suprimentos.

À frente o rio se mostrava cada vez mais volumoso e largo. Era preciso manobrar com cuidado o barco nas águas mais profundas e fortes. Toda atenção era pouca. Os perigo os cercava das margens.

Mas a distância diminuía hora a hora e isto era bom, logo chegariam ao seu Destino.

Com esta disposição, Mariu concluiu que Junior e outros deveriam estar no seu caminho para alertá-los do perigo dos ataques dos estranhos, e da necessidade cada vez maior de união entre eles.

Pretendia chegar ao seu destino e devolver o barco Mister Zé Pilantra ao seu legítimo dono, mas queria também, de algum modo, ressarcir o inimigo pelo uso de sua embarcação e para tanto, estava a pensar num modo de conseguir algum dinheiro. Até mesmo daria a ele as poucas moedas que ganhara com a intervenção do príncipe Lou e príncipe Rama.

Mariu estava divagando sobre o que deveria fazer, quando uma embarcação se aproximou daquela que os meninos iam manobrando.

Dela logo foi descendo um casal muito simpático, que parecia não oferecer nenhum perigo aos meninos, pelo menos foi o que todos pensaram.

A mulher muito clara e alta, loira, de olhos claros e um jeito de criança logo se apresentou com um lindo sorriso, espremendo os olhinhos:

Meu nome é Xu, para meus amigos.

--Sou artista e viajo pelo mundo procurando fazer os outros felizes.

Uma luzinha vermelha se acendeu na mente de Mariu. Aquilo de fazer os outros felizes, era o discurso mais manjado e mais antigo do mundo, e geralmente vinha de malandros e vigaristas, gente que iludia a boa fé pública, com discursos doces e promessas mentirosas.

Se a princípio tivera uma boa impressão do casal que subira a bordo, agora que os meninos os cercavam, cheios de curiosidade e, por que não dizer, cheios de encantamento, ela começou a se arrepender de havê-los deixado subir no barco de Cir Diz Gracia.

-Que bom gosto tem a senhora.- comentou o rapaz, feioso e magro, com os dentes muito a mostra.

-O barco não é meu, nem minha a decoração.

-Ora, e a quem pertence, então? -Perguntou Xu.- Meu amigo Li gostaria de saber.

-É de um conhecido nosso. Estamos utilizando -o por pouco tempo e ,e Deus quiser, logo o devolveremos.

Os dois visitantes se entreolharam de forma cúmplice e Xu falou:

-Meu amigo Li é um moço muito simples, pobre e sem cultura, mas se sentiu atraído pelo barco, que tem uma aparência muito nobre, e ele quer demonstrar seu bom coração, tirando algumas fotos, para sua exposição de arte, pois que ele é, apesar de modesto, muito famoso, pela bondade que faz a muitos.

Li sorriu-lhe e começou a fazer perguntas e a fazer também promessas:

-A senhora é muito simpática e acolhedora. Gostaria de fazer um filme com seus meninos e de poder torná-los famosos. Agrada-me principalmente aquela menina ali.

E ele apontou para Mayliz, o que fez Mariu estremecer ligeiramente. Por que ele estava justamente escolhendo Mayliz?

Como se respondesse a sua pergunta mental, ele continuou:

-Acho-a muito parecida com a senhora, minha querida, e gostaria de mostrar esta semelhança em todo o mundo. Sabe tenho viajado pelo mundo, estive nas maiores capitais europeias, mas sempre procurando ajudar as pessoas e só fazendo o bem.

-Ele é muito desprendido e simples, um amorzinho. -comentou Xu, lançando seu olhar por todo o convés, como se estivesse a procura de algo.

O envolvimento dos dois era muito grande e os meninos já estavam cercando-os, querendo ser fotografados, querendo de algum modo atrair a atenção dos dois. O pequenino Ademar foi o que mais ficou encantado com ambos, e aproximando-se de Mariu, perguntou, como quem não quer realmente ouvir a resposta:

-O que você acha disto, Mariu ? Podemos viajar com eles? Podemos ir no barco deles? Podemos trazê-los para a Gruta de Platão?

- Gruta de Platão ? Que nome exótico, meu menino lindo. -falou Xu, demonstrando um carinho que não sentia.

-São ideias malucas de criança!- falou Mariu, procurando mudar o assunto. -Voltem aos seus lugares, crianças, senão o barco não segue viagem.- e voltando-se para os dois, já preocupadíssima com a mentira com que haviam envolvido as crianças e, ao mesmo tempo, sentindo o cheiro de mentira no ar.

Ela tinha este sentido que a avó lhe havia deixado como herança, sempre que alguém vinha com muita doçura, se a chamavam de “querida” ou a achassem “interessante”, isto fazia com que a luz vermelha de perigo brilhasse em sua mente.

- Minha querida, achei muito interessante seu grupo e gostaria de partilhar suas ideias, conhecer seu roteiro, saber o que pretendem fazer e se podemos segui-los nos próximos dias...

-Nada temos de interessante para lhes oferecer, somos apenas um grupo fazendo sua volta para casa. Também não merecemos a companhia de gente tão distinta, quanto generosa, porque nada temos a oferecer, nem somos pessoas de destaque que lhes possa interessar.

-Deixa que eles viajem com a gente. -pediu Ademar, mas Mariu foi peremptória:

-Não é possível, porque eles têm seu próprio barco para conduzir e nós ainda estamos escolhendo nossa rota.

-Nos daria imenso prazer poder ajudá-los em algo.- falou Li com um jeito aparentemente desprendido e despretenso.

Mariu sabia quando identificar um lobo, aliás tinha alergia a eles, e já começava a sentir comichão em seus braços.

-Mariu deixa eles ficarem com a gente. -pedia Ademar e os meninos.

-Tenha pena das crianças. Elas são tão boazinhas, nos cativaram. -falou Li.

Mariu podia sentir o cheiro de urubu daquelas palavras falsas. Eles queriam pegá-los, queriam se aproveitar deles, mesmo na maior dificuldade em que estavam.

-Mariu, deixa que eles fiquem com a gente. Tenha pena! -pedia um dos meninos.

Pena ? Mariu se lembrou de alguns amigos que fizera na aldeia.

Gaviões mantidos por sua avó, para espantar os urubus e outras aves que pudessem infestar com sua presença o local onde os curumins brincavam.

Quando a vó Maria queria deixar as crianças protegidas, mantinha alguns gaviões nas proximidades da aldeia.

Ah, se ela tivesse alguns gaviões por ali, poderia, sem dúvida, por a correr aqueles dois pilantras.

Como que respondendo ao seu pensamento ouviu um grito estridente no ar. Olhou para o alto e viu um gavião, com seu bico adunco e suas asas redondas, pairando sobre o barco. Outro e mais outro o seguia, como se algum espírito da natureza os tivesse atraído.

Seria coisa da Fadinha Dourada, ou dos antepassados que acompanhavam o barco?

O grito do gavião atraiu Xu e Li e ambos olharam para cima e logo ficaram mais brancos de medo.

Mariu podia sentir o que eles pensavam, por que não se deixara enganar por eles. Só não conseguia entender o que eles pretendiam no barco, já que não tinha nada de valor que pudesse atrair os dois malandros.

-A senhora tem razão, querida. Precisamos cuidar de nosso próprio barco. - falou Li, se preparando para retornar ao local de onde surgira do nada.

-Sim, sim.- completou Xu.- Mas estaremos por perto, se precisarem de alguma coisa é só chamarem por Li ou Xu.

Os meninos fizeram um Oh! De desilusão, mas Mariu deu-se pressa de que eles saíssem do barco, enquanto os gaviões pousavam na amurada, como a dizer que era melhor os dois malandros se aviarem.

-De onde eles vieram?- falou Ademar muito zangado, pois ficara impressionado com a gentileza e aparente bondade de Li.

-Eles vieram do céu.- disse Mariu com um sorriso.- Você não viu? Estas avezinhas vieram do céu.

-O que eles vão fazer com nossas fotos?- perguntou Johnny.

-Boa coisa não é.- respondeu Mariu, dando-se pressa de sair dali, enquanto podiam.

-Que pena!- falou Ademar.- Eu gostei deles.

-Isto eu sei, Ademar. Malandro que é malandro mesmo, nos tapeia e nós ainda agradecemos. -falou ela, lembrando-se de que ouvira de seu pai estas sábias e oportunas palavras.

Foram deixando o barco dos dois para trás, já que eles temiam retornar por perto, com os gaviões a bordo do Mister Zé Pilantra.

Continuaram e em breve os gaviões levantaram voo, seguindo-os ainda voando baixo, como a protege-los.

Mariu se lembrou de já ter visto Li em algum lugar, mas onde ? Aos poucos foi se lembrando, ele não era o jovem feio e simples que aparentava. Era um produtor e ilustrador, fazia filmes com efeitos especiais, para divulgar a si mesmo, e já o vira antes, quando ainda estavam morando na casa da árvore.

Ele não era a pessoa inculta e simples que quisera parecer. Ele viajara pela Europa, estivera em diversas capitais, visitara museus, com um amigo e ela já vira suas fotos . Por isso lhe pareceu já conhece-lo. O que desejaria dela, dos meninos, e de Mayliz?

Por que subira a bordo ?

Olhou em torno a ver o que poderia ter atraído a dupla, mas por mais que desse tratos a bola não descobria. Mas haveria de encontrar a resposta aquela pergunta? Qual interesse atraía Li e Xu ?

Lembrou-se de que, quando moravam na casa da árvore aquele mesmo rapaz, o Li, havia estado uns dias com eles, muito solícito, ajudara mesmo Mariu a terminar de arrumar alguns quadros que ela estava produzindo, ficando ao seu lado a observá-la em tudo quanto fazia.

A lembrança veio nítida.

No dia em que ela fora levar o produto de seu trabalho numa feira, Li a tinha acompanhado, mas ao chegarem na loja, ele a chamara de lado e comentara:

-Este senhor Robson, você não tem ideia do que ele faz. Eu já lhe entreguei quadros e fotos artísticas minhas, e ele nunca me pagou. Ele sempre me usou. Aliás ele e seu bando de safados, o Leo, Marcos e Rô. São uma verdadeira quadrilha. Se eu fosse você não deixaria estes quadros com eles. Provavelmente vão mostrar como se fossem deles e mais, vão aprender o mecanismo de sua arte e o utilizar.

Mariu, apesar do que ouvira, tratou de vender seus quadros, e voltou a Casa da Árvore.

Na loja ela tinha visto um senhor que muito mal lhe fizera no passado, fazendo e levantando calúnias sobre ela e seus meninos. Ele chegara até a distribuir panfletos, falando mal dela e a criticando em tudo quanto fazia.

Por causa da maldade dele, algumas pessoas lhe haviam virado a cara e fechado as portas.

Devido a isto Mariu pedira a um amigo escritor que a defendesse e ele escrevera lindo artigo, defendendo item por item as acusações de Jorge.

Mariu havia registrado aquele documento em cartório e mostrara a Li, quando retornaram, pedindo-lhe que não contasse a ninguém sobre o libelo que tinha seu amigo escrito para defendê-la, porque pretendia usar seus argumentos se se visse em alguma enrascada maior, pela maldade de Jorge.

No dia seguinte, contudo, ela foi procurada pelo dono da loja, Robson, que desejava saber o que ela teria em pendência com seu amigo Jorge.

Por conta disto nunca mais conseguira deixar seus quadros na loja. Percebeu que Li havia contado, através de carta anônima sobre seu libelo, e que Robson e Jorge eram amigos, e Li não era digno de confiança.

Aprendeu, a partir daí, que, quando quisesse testar a amizade de alguém era só lhe contar algo e pedir sigilo, silêncio, tendo o cuidado de ser algo que não prejudicasse ninguém nem a ela, que o outro, se não fosse amigo, por certo, iria dar com a língua nos dentes.

Depois disto muito dos seus conhecimentos haviam sido mostrados em público por Robson, como se fossem descobertas dele. Nisto Li tivera razão, Robson estava usando suas técnicas e informações como se fossem dele, aliás muita gente que ela conhecera fizera isto também.

Ele alcançou alguma notoriedade com os conhecimentos dela, e foi preciso até que ela viesse a público desmascará-lo.

Mas, se Robson não era honesto, também Li não o era. Pareciam frutos da mesma árvore, ou farinha do mesmo saco, como dizia sua avó, pois Li passou a vender seus quadros nos locais onde ela estivera, tentando afastá-la daqueles lugares.

O que Li desejava em seu barco, ou melhor, no barco que ela estava usando, e que pretendia devolver sem dano e com total pagamento?

Queria fazer mais alarde de si mesmo, ou roubar-lhe as ideias tal como Robson fizera ? O emburro de Ademar, com a negativa dela de levar Xu e Li a bordo, mostrava como o envolvimento de Li podia causar danos ao grupo, mas ela não podia mandar na cabeça de ninguém, e não podia fazer nada, se Ademar e os outros não percebiam a falsidade e aparência enganosa dos dois pilantras.

Pensando nisto, olhou para trás, preocupada se os dois malandros não os estavam seguindo com seu barco.

Mal sabia Mariu que eles tinham fingido seguir embora, mas haviam voltado durante a noite e Ademar os tinha escondido numa das cabines.

Os dois pilantras estavam elaborando um jeito de tomar o barco para si mesmos, e tudo o que os meninos haviam armazenado e impedir, a qualquer custo, que eles chegassem a Gruta de Platão.

Mas Mariu não sabia e só passou a estranhar os modos arredios de Ademar, que parecia fugir dela e, quando vinha procurá-la, era para reclamar pelo fato dela não ter atendido seu pedido, deixando que os dois malandros os seguissem ou ficassem com eles.

Por que ela não se lembrara do que Li lhe havia feito de mal no passado, dando a conhecer a Robson o que ela tinha contra Jorge ? Como não o reconhecera de pronto ?

Afinal ele não mudara tanto assim, só tinha usado aparelho nos dentes salientes e tomara um banho de loja, passando a balir como um cordeiro.

Por onde ia, contudo, ele usava tudo o que aprendera com ela, durante sua estadia na Casa da Árvore, utilizando a técnica dela, como se sua fosse e até o que aprendera naquele curto espaço de tempo, porque continuara depois a segui-la e a procurar tomar conhecimento de

tudo quanto ela fazia, procurando, tal como Robson, utilizar os conhecimentos dela a seu benefício.

Mariu não podia imaginar quanto mal estavam os dois imaginando fazer na cabine, escondidos que estavam por Ademar, e Ismael, que fora aliciado pelo menino, na ideia brilhante de manter por perto os dois meliantes, que faziam qualquer coisa para subir na vida e para ganhar dinheiro.

As preocupações com Maylis, que não dava sinal de mudança, e de Mary tomavam o pensamento de Mariu, e ela jamais podia imaginar que levava com eles os dois malandros, por isso, olhava para trás, em busca do barco deles, sentindo que eles ainda lhe ofereciam algum perigo, que não sabia qual seria.

Seu pressentimento não estava errado, porque, quando Ademar e Ismael iam conversar com os dois, eles faziam tamanho enrosco, que os dois meninos passaram a pensar mal de Mariu:

-Ela quer mandar em todo mundo, manipular, tirar proveito e não valoriza nenhum de vocês, nem o que vocês fazem.

-Verdade.-confirmava Xu com sua vozinha infantil empostada.-Mariu só pensa nela mesma, e em dinheiro. Processou Cir Diz Gracia por umas moedas, e tomou-lhe o barco para fugir. Se fosse honesta, não levaria vocês nesta aventura. Mayliz e Mary já perceberam...

Ismael e Ademar, sob as orientações dos dois, começaram a procurar em todo o canto onde poderia haver tesouros, e passaram a tratar Mariu com palavras falsas, e cortesias que nunca haviam antes usado, por que tudo era de todos e todos lutavam por um mesmo ideal, que era viver em harmonia, sem deixar que qualquer pessoa de fora interviesse em suas vidas.

Mariu sentia que havia alguma coisa estranha no ar, que os dois parecia que lhe escondiam algo, mas como podia si quer imaginar o que eles estavam fazendo, levando aqueles dois meliantes a bordo?

Mariu continuava lembrando. Como fora mesmo que Li a envolvera, pela primeira vez?

Ele chegara dizendo que era produtor de filmes e peças teatrais e que desejava fazer algo sobre a vida de Mariu, de

Mayliz e dos demais meninos, que desejava mesmo tornar público as aventuras das crianças, escrever e filmar sobre Vaz Cello e sobre a perseguição de Cir Diz Gracia. Chegou a sugerir que poderia fazer uma biografia de Mariu, expondo sua luta.

Será que Li pensava que eles tinham dinheiro para pagar por seu trabalho, por sua produção ?

Como poderia si quer pensar que eles tivessem algum tesouro, se estavam sempre em luta para sobreviver e seguir adiante?

Li não era burro, para se iludir daquele modo ! Não ! Esta não deveria ser a causa, o motivo.

O interesse fora outro, mas qual? Mariu concluiu que oferecer seus serviços era a isca com a qual se aproximara. Afinal, ele deveria acreditar que Mariu ficaria lisonjeada, gostaria de ser alvo de peça ou filme a seu respeito, e de seu trabalho. Ele a tentara seduzir, aliciar ou aproximar-se, usando a vaidade que todas as pessoas têm de aparecer, ou o desejo de ver seus trabalhos reconhecidos.

Como pudera ser tão burra que não percebera antes o que ocorria? Li mentira, pensando usar o desejo dela de reconhecimento, para tirar algum proveito, mas qual? Além de aprender maneirismos e técnicas de seus trabalhos, o que mais ele poderia ganhar ?

Li não estaria apenas atrás de conhecimentos que pudesse subtrair dela, fingindo-se prestativo, e agora se apresentando como humilde, simples e ignorante.

Não ! Alguma coisa mais devia estar por trás do retorno dele, buscando aproximação. Mas o que seria?

Por mais que desse “tratos a bola” ela não conseguia descobrir o que estava por trás do interesse dele., mas boa coisa não prometia.

E por que o Ademar e o Ismael estavam diferentes?

Os dias seguintes foram tranquilos, de certa forma.

O barco ganhava as águas com facilidade e eles estavam cada vez mais perto da Gruta de Platão. Ah! Que Mariu não via a hora de chegar e se estabelecer com os meninos e acreditava piamente que

isto bastasse para por tudo no lugar, com Mayliz e Mary melhorando o comportamento.

Contudo, enquanto isto, Li e Xu não perdiam tempo. Conseguiram que os meninos lhes entregassem as ferramentas principais do barco, iludidos com o jeito maneiroso dos dois. Também se apropriaram das poucas moedas de Mariu e começaram a aliciar mais dois meninos que lhes ouviram as promessas, Isis e Neemias.

Passaram mensagens aos seus outros amigos, através de um bando de pardais, informando a posição de Mariu e do barco Zé Pilantra.

Mariu não percebia a presença dos dois e como aos poucos estavam minando seu grupo e mais, se apropriando de muitas coisas que eram do grupo e estavam a bordo.

Deste modo, a mensagem de Li e Xu chegou as mãos de Cir Diz Gracia, e eles se uniram como uma NOVA CONSCIENCIA, fundando entre si compromissos para atingir seus fins tenebrosos, de por fim a união do grupo dos meninos e impedi-los de chegar a Gruta de Platão.

Deste modo, alguns dias depois, um bando de araras sobrevoou o barco em alegre algazarra. Era lindo vê-los sobre as árvores , dando seus gritos altos e voando com suas penas coloridas sobre a embarcação.

As crianças ficaram felizes ao vê-los, impossível não se contagiar com aquela alegre presença. Até Maylis e Mary ficaram a olhar as aves, e Mariu sentiu uma alegria nova invadir seu coração. Ela estava tentando esquecer as tristezas da morte de Vaz Cello, mas estava difícil tocar a vida, sentiu a presença dos amigos invisíveis e da fadinha Dourada e achou que chegariam a bom termo.

Naquela noite, Mariu saiu do corpo e teve um sonho estranho. Se via em terras diferentes do local onde se via, e era uma época de império. Estava sobre um local muito alto, e este terminava num precipício. Amigos preparavam cordas, amarravam panos, lençóis, dando nós fortes e mostravam que ela precisava se pendurar naquela corda improvisada, para poder descer até o fundo do vale.

Mas ela sentia que não tinha forças nos braços para sustentar o corpo e que, apesar dos nós fortes, a corda improvisada poderia se romper e, com isto, ela iria cair da altura e, por certo, acabaria por morrer da queda.

Acordou e o mundo girava ao seu redor, como se o coração estivesse aberto no peito, exposto, batendo rápido. Desejou não estar naquele barco, mas em outro lugar, onde não vivenciasse tanto sofrimento.

O pesadelo, por certo, tinha um significado e não prenunciava nada de bom para ela.

Estava desperta, a noite avançava e sentia que não era perfeita e talvez não pudessem fugir da forma como ela estava imaginando. Como entender aquele sonho estranho, não era uma coisa tola ou fútil, parecia mais um aviso que lhe viesse daquele jeito.

O que ela poderia fazer ? Não sabia o que pensar. Amava tanto os meninos, mas será que amar era o bastante? Será que bastaria chegar na Gruta de Platão e tudo se resolveria? Já não tinha tanta certeza e não sabia porque pensava em Li, em Xu, em Ademar e Ismael, em Isis e Neemias, que também demonstravam uma certa animosidade para com ela, como se fingissem ser do grupo, mas parecendo não fazer mais parte dele?

Sem querer pensou no Rei Besta e em Cir Diz Gracia e ao mesmo tempo lembrou-se de uma pessoa, que vivia aparecendo na TV e nos noticiários. Por que aquele homem, “El Diablo”, como ela o denominava vinha à sua mente? Seu sorriso forçado, os olhinhos espremidos, os gestos medidos e controlados, sua imagem vinha tão claro na sua memória ?

Quando viviam na Casa da Árvore, lembrou-se de repente, um dia o homem os tinha visitado. Oferecera seus préstimos e queria comprar a casa. Vaz Cello e Mariu não a quiseram vender e ele respondera, medindo as palavras, naquele seu modo particular de se expressar, falando de vagar, como se quisesse hipnotizá-los:

-Meus queridos, eu sempre procuro fazer o meu melhor, em nome da caridade cristã. Meu desejo é auxiliá-los, esta casa não tem grande valor agregado, mas eu poderia ajudá-los comprando a mesma.

Estou imbuído de profundo sentimento fraterno. Meu amor por vocês é profundo, quero ajudar vocês e os meninos...

Mariu olhava para ele e parecia que ele sibilava como uma cobra, dos desenhos animados, com aquele sorriso permanente, com aqueles olhinhos espremidos.

Também que mania tinha ela de olhar para as pessoas crescidas e ver em seu lugar animais que as representassem ? Parecia loucura de sua cabeça, uma gargalhava e lembrava logo as galinhas a cacarejar, outras olhavam e pareciam ratinhos a coçar os bigodes, outra parecia um enorme rinoceronte, com um bigodão na cara lisa, outros lembravam macaquinhos coçando a cabeça, outros cachorros. Por isso denominara aquele homem de El Diablo. Mal de lembrava do nome dele. Seria Franco? Como é que esquecera o nome dele?

Mas quando falara a Vaz Cello sua impressão sobre a oferta dele e mais sobre ele, o amigo se saíra com esta:

-Ora, Mariu, um dia você vai ver que ele só quer nos ajudar mesmo. Que ele ainda vai nos apoiar.

-Desta dor de barriga você não morre! -respondera ela, rindo.

Por que se lembrava do tio El Diablo ?

O que ela não sabia era que Cir Diz Gracia, Rei Besta , Li, Xu e Isis, Neemias eram tudo farinhado mesmo saco, todos de algum modo querendo algo que ela possuía, e que eles não estavam atrás pelo valor que havia nele, mas porque desejavam destruir. Eles não suportavam o amor, a sinceridade, o desapego que havia nela e nos meninos. E El Diablo dera as coordenadas para que Cir Diz Gracia derrubasse a casa da árvore, já que não a haviam entregue a ele.

Ele usava o raciocínio raso daqueles que pensam assim:

“Se não posso ser como você, então eu te destruo.”

Mariu incomodava pelo simples fato de existir e ser como era. Como dizem a gente é terra, fogo, ar e água, apenas, mas o outro quer nos anular.

Se ela acreditava no amor, e que a felicidade está ao nosso alcance, então precisava perdoar aquelas pessoas, embora tivesse que fugir delas, evitando que pudessem fazer-lhes mal.

Talvez por isto ela sonhara que estava no alto e precisava descer, sem morrer na queda. Talvez não houvesse mesmo outra saída, não dava para não compartilhar a vida com aqueles seres abjetos, que os queriam destruir.

Era como se houvesse um anjo do céu que houvesse baixado a terra, para lhe explicar o que a inocência não a deixava ver. Era como se ele lhe contasse o que ela não conseguia entender até então.

Era como se houvessem pessoas boas na terra, mas que elas, pelo simples fato de serem boas, se tornavam alvos da maldade daqueles que não conseguiam ser como elas.

Por que tinha que ser assim ? Estavam a poucos quilômetros da gruta, mas também estavam diante de um precipício. E como haveriam de sair de tamanha enrascada ?

Quase amanhecia, e o barco parou. Mariu levantou-se estranhando e foi para o convés. Viu Ne, dos EUA, Sue Li e Cir Diz Gracia no convés. A marujada dominara os meninos e tomara o barco. Eles haviam sido feito prisioneiros e quem disponibilizara o assalto fora Li e Xu, escondidos num dos camarotes , por Ademar e Ismael. Ela não podia crer. Então o sonho lhe mostrara isto, uma traição e uma abordagem.

Dirigiu-se ao homem dono do barco e falou com sinceridade:

-Melhor assim. O barco lhe pertence e eu o ia devolver mesmo. Vou lhe entregar as moedas que me pagou, pois elas pagariam o aluguel da embarcação. Não quero levar nada do que não me pertença. Deixe que eu lhe pague e nos coloque em terra, para que possamos seguir viagem.

-Pensa que é assim ?- disse Cir Diz Gracia gargalhando. -Eu lhe dou umas míseras moedas e você nos deixa ir embora? - falou imitando-a.- Não, minha cara. Não, não será assim. Você vai me pagar caro tudo o que me fez passar. Vai pagar muito caro.

Mariu fez sinal a Ademar e Ismael, para que fossem buscar as moedas, mas eles não mais as tinham no lugar onde fora guardado, pois Xu e Li haviam se apropriado das mesmas.

Vendo Li e Xu subirem, vindo da parte de baixo do convés, Mariu olhou com tristeza para os meninos, que baixaram os olhos. Se ela tinha ainda qualquer dúvida do que estava acontecendo, naquele momento, era como se a precipitassem num abismo, tal como no sonho.

Com sair-se desta enrascada? Mariu viu um a um dos meninos serem manietados e levados para baixo, enquanto ela mesma também era levada amarrada, mas levada para outro compartimento, como se não a quisessem com as crianças, porque poderia falar com eles e os animar com seu verbo, e eles queriam que todos ficassem sem chão, cheios de horror, desanimados, sem saída.

Se o que estava acontecendo tinha a ver com seu pesadelo da outra noite, então ela teria que descer até o vale, por uma tereza (nome vulgar de uma corda feita com tiras de pano, que os detentos fazem para fugir dos presídios.) Isto era muito estranho, porque ela nem pensaria em fugir sozinha, sem os meninos. E para fugir com eles, seria preciso que pudessem se soltar e dominar a tripulação, que se apossara do barco Zé Pilantra. E como poderiam fazer isto ? E porque o bando de araras os brindara com sua alegre algazarra, como se prenunciasse algo de bom, quando o que acontecera quase em seguida fora uma tragédia, que ela jamais imaginara vir a acontecer, quando já estavam tão próximos do local para onde se dirigiam.

Capítulo XI-A SALVO

Ela sempre pensara que Cir Diz Gracia, Rei Besta, Li, Xu, tio El Diablo, Jorge, Robson não tinham nada a ver uns com os outros, mas agora duvidava que tudo não fosse um plano sinistro feito por seres que ela não via para destruí-la e eles eram apenas os agentes do mal.

Como não lhe viesse nenhuma inspiração pôs-se a orar, pedindo a Deus, a Fadinha Dourada, a Vaz Cello alguma ideia, com a qual pudesse se por a salvo daquela situação, bem como os meninos.

Deitada no porão do barco, num local escuro e mal cheiroso ela demorou a pegar no sono, cansada não apenas fisicamente, mas também mentalmente, de tanto tentar espremer uma boa ideia na mente.

Não via Vaz Cello, nem a Fadinha, nem ninguém e isto a fez sentir-se ainda mais abandonada.

Como poderia sair-se bem daquela situação? Por que tudo contribuía para sua perda, e como Ademar e Ismael tinham se deixado enredar por aqueles bandidos, bem como Isis e Neemias?

Mariu estava tão abalada que nem conseguia chorar. E como estariam Maylis, que só pensava em morrer, e Mary, agora sem ninguém para cuidar delas ?

Não era justo, ah, que não era justo mesmo. Por que eram alvo de tanta maldade, se jamais haviam tido qualquer atitude de prejuízo, a quem quer que fosse, e só tinham ido à luta, porque sua casa havia sido derrubada, pondo-os ao desabrigo?

Ela não sabia como sair daquela dificuldade, mas apesar de tudo não desistia. Seus olhos se haviam acostumado a escuridão, do local onde se encontrava, mas agora percebia que o dia estava chegando, pois alguma luz vinha de uma abertura pequena no casco.

Mariu se arrastou como podia, o corpo dolorido por estar amarrada, procurando chegar o mais perto possível da pequena abertura.

Precisou empurrar alguns fardos com os pés, e subiu neles, para ficar sentada a altura ideal para poder observar com um olho pela abertura.

Via as águas batendo no barco e imaginou que o mesmo estava voltando ao local de origem, mas o que a surpreendeu, era que uma sombra pulava como se a quisesse alcançar aquela abertura, como se seguisse a embarcação e a quisesse encontrar ou falar com ela.

Ouviu uma voz já sua conhecida dizer:

-Mariu! Mariu! Onde você está?

Era o amigo peixe elétrico, que parecia seguir a embarcação e que, por certo, percebera que os meninos e ela não estavam mais senhores da situação.

-Meu amigo! -falou ela com a boca na abertura. Que bom que está aí fora. Estamos prisioneiros de Cir Diz Gracia e não sei para

onde vamos, Imagino que estamos de volta ao local onde tudo começou.

-Verdade. Estão de volta.-falou o peixe.- Mas não desanime, pois vamos dar um jeito. Você ainda tem amigos, Mariu. Não desanime.

Ela olhou novamente pela pequena abertura, mas não viu mais o peixe. Ele como que sumira por encanto.

Seria ele a resposta a Mariu das preces que fizera? E por que não via mais a Fadinha Azul, nem os outros amigos ? E como estariam seus meninos ?

Como poderia avisá-los que aquele amigo tão especial estava seguindo-os e prometera ajuda ?

O peixe estava justamente naquele momento tentando adivinhar onde os meninos estavam, pois percebera, pelo que ele se lembrava do barco, que Mariu estava no menor cubículo da embarcação e, que, com isto, por certo, estavam tentando minar a resistência dela, e também afastá-la dos meninos, para que estando eles afastados uns dos outros, fosse mais fácil quebrar seu ânimo.

Dando voltas no barco, passando por baixo do casco e ouvindo os sons que vinham lá de dentro ele chegou a conclusão que os meninos estavam num outro compartimento debaixo, perto do casco, exatamente o local onde antes havia sido aberto um rombo e que ele, o peixe elétrico, ajudara a consertar, derretendo metais e ligando tábuas, lá atrás, quando os ajudara pela segunda vez.

Ah, que ele desejava mesmo era dar um choque pra valer em Cir Diz Gracia e em quem mais estivesse prejudicando os meninos, mas para isto precisava tê-los em algum lugar onde pudesse atingi-los.

Vendo que a manhã raiava e que um bando de araras em alegre algazarra sobrevoava o barco e pousava nas árvores da margem, foi até elas e as incumbiu de levar um seu recado a alguns amigos que conhecia. Elas, por certo, com aquele jeito fácil de se exprimir, podiam ser suas mensageiras com aves, peixes e outros animais.

E como ele precisava aliciar mais amigos, para executar um plano que estava brotando em sua mente.

Se tudo desse certo, ele já antegozava a alegria de conseguir deter Cir Diz Gracia, Rei Besta, Li e Xu e quem mais pudesse interferir na vida dos meninos e de Mariu.

Enquanto ele dava andamento a seu plano, Sue Li e Neusa desceram para atormentar Mariu:

-Finalmente vou poder fazer uma guisado com você!
- dizia a cozinheira dos pilantras, pondo os dentes saltados para fora, como se antegozasse poder trincá-los na carne macia de Mariu.

A este simples pensamento, Mariu sentiu um frio lhe descer pela espinha, como se tivesse febre.

-Você está louca!- deixou escapar Mariu, percebendo que ela falava sério, que a queria matar, cozinhar e comer! E se fizesse isto com ela, o que não estaria tramando fazer com os meninos?

-Sentiu agora em que está metida?- perguntou Neusa dando uma risada diabólica.

Nem assim Mariu pode chorar. Ela estava matutando o que seu amigo, o poraquê, estaria fazendo. Fosse o que fosse, que ele executasse seu plano logo.

As duas saíram rindo e Mariu chegou a duvidar que pretendiam mesmo matá-la e comê-la. Provavelmente só haviam dito isto com a finalidade de assustá-la, de minar seu ânimo já tão abatido.

Ela ainda tentara saber dos meninos:

-Onde estão as crianças ?- perguntou.

Mas as duas saíram rindo, sem dar a resposta.

Fosse pela situação difícil ou pelo que as duas haviam dito, ou pelas emanções ruins de ambas, Mariu começou a tremer de frio, e percebeu que estava com febre.

Também não se alimentava desde que o barco fora tomado. Os meninos também não, e isto a punha mais e mais preocupada. Se o amigo poraquê ia armar alguma, era preciso que todos estivessem com forças para secundar a ação dele, ou pulando na água ou fugindo para a margem, ou, o que parecia mais difícil, retomando o barco.

Ela não podia ficar doente, de jeito nenhum. Pôs-se a tentar exercitar os braços presos e as pernas, com dificuldade.

Retornou a abertura no casco, pensando que ainda bem que as duas não tinham percebido a mesma, nem que ela havia empurrado alguns fardos até lá. O ambiente era pequeno e talvez elas nem tivessem visto o local antes, para se darem conta de alguma mudança no cenário.

-Poraquê ! Poraquê!- chamou a menina, com receio de que os outros a ouvissem e ele não.

Mas, para sua alegria, logo uma sombra se via ao lado do casco, e indicava a presença do amigo peixe elétrico.

Ele logo se aproximava e falava com ela.:

-Calma, Mariu ! Tenho um plano e estou tentando conectar amigos aqui de fora e avisar os meninos sobre meu plano. Logo que tudo estiver pronto prepare-se para correr.

-Estou amarrada! Como vou poder correr? Acho que os meninos também devem estar amarrados.

-Por ora vá tentando se soltar.- falou ele, sumindo, mergulhando nas profundidades.

Falar é fácil.- pensou Mariu. -O difícil é conseguir fazer isto. E começou a procurar algo no local, onde estava, que pudesse utilizar para tentar soltar pelo menos as cordas dos pulsos.

Se conseguisse isto, usaria as mãos para poder soltar os pés, e depois veria o que podia fazer, sem que percebessem sua manobra.

O que estaria tramando o amigo? Ela não sabia, mas pelo menos isto lhe dava uma esperança.

Logo encontrou um gancho pendurado a um canto e como ele estivesse preso, esforçou-se até que prendeu nele a parte de um dos nós nos pulsos.

Aos poucos foi-se soltando. Não era fácil, mas como ninguém entrou no local, acabou por se soltar. Depois foi a vez de desamarrar os pés. Deixou as cordas por perto, porque se alguém entrasse no ambiente, fingiria ainda estar presa. Ouviu um ruído no casco e correu para olhar pela pequena abertura. O poraquê perguntava :

-Já se soltou?- perguntou ele.

-Sim.- respondeu ela.

-Este barco tem uma abertura, justamente neste compartimento. Procure-a e saia para fora presa pelas cordas que a amarravam e deixe o resto por minha conta.

Mariu pôs-se a apalpar as tábuas até encontrar um trinco e uma abertura no casco.

Não foi fácil, mas encontrou. A abertura era pequena, mas podia passar por ela.

Tratou de emendar a corda, lembrando-se de novo do sonho da véspera. Fazer uma “teresa” para descer...Seria este o símbolo do sonho?

Finalmente conseguiu abrir a abertura, amarrou firme a corda no gancho que encontrara, e saiu, descendo para a água. E agora? O que faria? Não tinha ideia.

O poraquê apareceu ao seu lado e falou. Suba ao convés e avise os meninos que saiam de sobre a emenda que fizeram no barco, e façam algo para que os bandidos fiquem exatamente na emenda. Deixem o resto por minha conta.

Mariu não tinha muita força nos braços, mas, mesmo assim foi subindo pelas emendas do casco, sempre com medo de cair, segura à corda emendada, até que logrou chegar ao convés. Escondeu-se atrás de alguns fardos e foi de vagar até a abertura da parte de baixo, descendo até o local onde os meninos estavam presos.

Nisto, ouviu um barulho estranho no convés, mas tinha que fazer o que o poraquê lhe pedira.

O que acontecia é que o barco estava sendo bombardeado por um bando de aves, que traziam pedras as mais variadas e as jogavam nos marujos no convés, procurando derrubá-los.

Mariu chegou a parte do compartimento onde estavam presos os meninos e falou-lhes:

-Gritem! Chamem os marujos.

-Os meninos começaram a gritar a plenos pulmões.

Cir Diz Gracia, Sue Li, Ne dos EUA, Li, Xu e um bando de marujos desceram para ver o que acontecia. Os meninos gritavam a plenos pulmões e Cir Diz Gracia abriu a porta, sem ver Mariu que se

encolhera a um canto, e entraram dispostos a lanhar os meninos se preciso fosse, para que parassem.

Eles haviam se encolhido perto da parede do compartimento e quando os bandidos entraram, ficaram sobre a emenda do barco, juntada através do metal derretido pelo poraquê.

No mesmo momento em que puseram os pés sobre o metal, levaram um choque terrível, dado por baixo do casco pelo peixe elétrico.

A confusão no barco era terrível. Marujos gritavam do convés, alvos de uma saraivada de pedras, e os que haviam descido ao compartimento prisional das crianças, gritavam e desmaiavam embaixo pelos choques havidos.

Mariu chamou-os da porta:

_ Venham.

Ela sentia que precisavam sair do barco, nadar para a margem, e fazer o resto do caminho até a gruta por terra.

Os meninos não se fizeram de rogados, trataram todos de sair, pulando por cima dos marujos desmaiados e subindo ao convés, onde os demais marujos eram alvos das pedras dos pássaros.

Correram para a murada da frente e pularam na água, sem nem mesmo pensar se teriam força para nadar, na correnteza que estava forte no local. Mas, a medida que pulavam, peixes boto cor de rosa, vindos não se sabia de onde, se deixavam galantemente cavalgar pelas crianças, levando-os em segurança para as margens.

Era uma alegria geral, todos se abraçavam felizes, e logo davam adeuses aos peixes, enquanto as aves continuavam a bombardear o barco, sem parar.

De longe viram que a ave trovão vinha com pedras maiores que lançadas balançavam o barco, e em pouco tempo, ele quase submergia.

Neste momento, o poraquê deu um sinal as aves, soltando uma faísca elétrica na água até o barco, o que deu um último choque nos marujos, que desmaiaram.

As aves pararam de lançar as pedras, e o barco ficou ali, preso pelo peso, mas sem afundar, como se o poraquê tivesse calculado aquela estratégia somente para por todos fora de combate, e dar-lhes trabalho para aliviar a embarcação das pedras, dando tempo para que os meninos fugissem.

Ele veio até a margem e deu adeuses aos meninos, desejando que voltassem sãos e salvos para sua Gruta e, caso precisassem dele para alguma coisa, quem mandassem um aviso pelas aves ou pelos peixes de algum rio que ele daria um jeito de chegar até eles.

Feliz, Mariu agradeceu ao peixe tudo quanto fizera, dizendo:

-Você é e sempre será nosso herói. Não temos como lhe pagar por tudo quanto fez. Agradeça as aves e aos outros peixes.

-Não tem do que me agradecer. Se precisarem de mim, e eu puder ajudar, ficarei feliz. Aproveitem a confusão em que os marujos estão e fujam o mais rápido que puderem. Lembrem-se meninos, quem acumula amigos, acumula poder.

Todos sorriram da sabedoria do peixe .

Mariu e os meninos se despediram do amigo peixe e trataram de caminhar, buscando alguma trilha pela qual pudessem se dirigir ao local que já conheciam, e onde pensavam pudessem estar em relativo conforto e segurança.

Enquanto isto, no barco, Cir Diz Gracia e os demais acordavam do choque que tinham recebido e das pedradas, e viam o desastre que havia ocorrido e como precisavam de muito trabalho, para retirar as pedras e consertar os estragos.

Além disto, não podiam navegar. Haviam conquistado o navio e aprisionado os meninos, mas agora não podiam utilizar o barco, e nem correr atrás dos meninos.

Tinham que se livrar das pedras e, enquanto isto, os meninos estavam fugindo, em direção à Gruta de Platão.

Cir Diz Gracia deixou a marujada a retirar as pedras, que eram lançadas na tarde de trás da embarcação. Até Li,Xu tiveram que arregaçar as mangas.

Rei Besta e Sue Li, mais Ne dos USA, com mais alguns marujos desceram às margens, na tentativa de alcançar os meninos, e de aprisioná-los de novo.

Mas ainda estavam entontecidos com os choques havidos, mal das pernas, e sem muita força.

Mariu e os meninos também não estavam bem, porque o tempo em que haviam sido feito prisioneiros, ficado amarrados e mal alimentados os havia debilitado um pouco, mas sabiam que não podiam ficar parados, que cada metro de chão conquistado os aproximava mais e mais do local onde estariam ao abrigo.

Em meio a vegetação, longe das emanções deletérias do barco Zé Pilantra, eles sonhavam com o momento em que finalmente adentrariam a Gruta. Sabiam que todos tinham medo terrível do local e que lá estariam a salvo das maquinções daqueles que desejavam seu mal.

Mary e Maylis tinham melhorado de atitude e Ademar, Ismael e Dredi seguiam o resto do pessoal, envergonhados de terem sido enganados por Li, Xu e todos os demais. Só tinham coragem de admitir, e não sabiam o que dizer.

Ainda bem que o tempo estava ameno e podiam caminhar com relativa segurança, mas não podiam facilitar. Tudo indicava que estavam sendo seguidos e isto não prenunciava nada de bom.

-Sei que estão cansados, mas é preciso que nos esforcemos ainda mais um tanto, senão seremos alcançados.

Um dos meninos ia no rabo da fila do grupo, apagando com galhos os sinais de sua passagem e outro ia jogando obstáculos no caminho com que retardar o bando de marginais que teimavam em segui-los, como se todo o mal que lhes houvessem feito fosse ainda pouco.

Tendo encontrado arbustos de uma capacidade de urtiga, Mariu apanhou com uma faca galhos dos mesmos, e juntou num saco de aniagem que levava, e depois, foi soltando-os ao longo do percurso, porque sabia que os mesmos, ao serem tocados, causariam grande mal estar nos bandidos e isto os retardaria um pouco mais, dando-lhes chance de ampliar a distância que os separavam dos seus perseguidores.

Caio e Ademar providenciaram armadilhas e envergaram galhos, prendendo-os com pedras, que seriam lançados, quando se pisasse neles.

Mas tudo isto era pouco, e eles se esforçavam para ampliar a distância que os separava dos bandidos que os queriam perder.

Nisto Mariu lembrou-se de certa vez, em que estavam sendo perseguidos por um bando de catetos e Vaz Cello lhes ensinara a irem pela copa das árvores, saltando com os cipós, até atingirem um outro lugar, de onde puderam descer as encostas em tobogãs, feitos de cascas das árvores.

Comentou isto com os meninos e eles se lembraram do acontecido no mesmo instante, e passaram a subir nas copas e a pular de um lado para o outro, com a rapidez indispensável a quem foge.

Deste modo, começaram a se distanciar dos marujos que nem de longe imaginavam o que ocorria, porque perderam seus rastros no chão e não conseguiam saber o que estava acontecendo:

-Eles não podem ter criado asas!- dizia aturdido Cir Diz Gracia.

-Sinto ainda o cheiro daquela guria. Eles não podem estar longe!- reclamava desesperado Rei Besta.

- Ai, gente, estou tão cansadinha!- dizia Xu, fazendo beicinho.

-Quando vamos comer?- repetia Sue Li de forma lamuriosa.

E ficaram um bom tempo dando voltas em busca de pistas, sem imaginar como os meninos pareciam ter evaporado.

Enquanto isto, as crianças chegavam no alto de um monte, de onde avistavam uma linda planície lá embaixo e sabiam que isto os levaria cada vez mais perto de seu objetivo.

Felizes, trataram de pegar folhas de bananeira e forraram as cascas que haviam se desprendido das árvores, e improvisaram espécies de trenós, pondo-se a sentar sobre eles e deslizar, um atrás do outro, pela encosta arenosa, em direção a parte de baixo.

Foi uma alegria geral, iam um a um ou em duplas, cientes que os bandidos jamais imaginariam onde estavam e como estavam se transportando.

Tinha valido a pena o esforço nos galhos e a Fadinha Dourada e Vaz Cello os seguia de perto, ampliando-lhes as forças.

Parecia, afinal, que iriam conseguir o que almejavam. Voltar ao lar e terem um pouco de tranquilidade e sossego.

Mariu percebia que as coisas tinham dado uma guinada, em direção ao melhor para eles.

Lembrava do longo percurso havido, das dificuldades, das perseguições, da morte de Vaz Cello, da traição de Ademar e do engodo de Li, Xu, do aprisionamento de Mayliz na mansão do Rei Besta, das perseguições havidas, desde a fuga daquele local, de suas incursões pela aldeia indígena de seus avós, do reino da Índia, da bela história do Taj Mah all, da ajuda do príncipe Lu e do príncipe Rama, do pombo correio, herói da Guerra Mundial, do querido amigo poraquê, do barco de Cir Diz Gracia, da casa da árvore, do julgamento, do pássaro trovão, do bando de botos cor de rosa, e sentia a alegria de ter passado por todos os obstáculos até ali com seus meninos.

Prouvera Deus que eles chegassem sãos e salvos a Gruta de Platão.

Quem não busca o seu porto seguro ? Quem não necessita de segurança em meio a tantos bandidos, que, movidos pela inveja atacam sem caráter e com violência?

E eles tinham tão pouco, para gerar tanta inveja. E aquela mulher Sue Li Van Lentea, mais conhecida por Tola, que teimava em querer fazer um guizado com ela ? A este simples pensamento estremeceu.

-Vamos, meninos, não podemos parar! Vamos entrar na selva de pedra e logo estaremos em casa.

-É isto, estamos quase lá. - falou Johnny.

- Logo estaremos livres dos piratas .- secundou Mary.

-Temos que chegar antes que anoiteça.- comentou Mayliz, tão animada que ninguém via nela a menina tão perturbada que

tentara encontrar a morte.

Mariu ia a frente, mas as vezes parava a ver se não faltava nenhum deles e acabava por ficar no final da fila.

Estavam cansados, é verdade, e não tinham quase nenhum alimento também, mas não podiam parar um só momento, porque temiam que os maus os alcançassem e os destruíssem.

Entraram na selva de pedras, que eram tão altas e pontiagudas que nada se via de longe, e poucos arbustos nasciam aqui e ali, e no meio das rochas.

Enquanto isto, os marujos perceberam que os meninos tinham ido por um outro caminho que não aquele do meio do mato, e resolveram seguir na direção da Gruta de Platão, a ver se descobriam no meio do caminho, alguma pista, algum sinal dos meninos.

Andaram meio a roda e se perderam pelo caminho, mas retomavam, até que um deles achou um boné que era de uma das crianças, e aí tiveram a certeza de que haviam passado por ali.

-Mas como chegaram até aqui ? Só se tivessem asas!- comentou Sue Li coçando a cabeça.

Nisto um macaquinho passou por eles, pulando de galho em galho e se lançando pelos cipós nas copas das árvores.

- Foi isto!- concluiu Cir Diz Gracia.-Eles foram pela copa das árvores, pulando e se lançando pelos cipós como os macacos1 Por isto, não lhes encontramos os rastros.

A marujada tentou imitar os símios, mas não tinham a mesma agilidade deles e não haviam tentado isto antes, nem tinham o costume de conhecer aquela região. O jeito foi seguir pelo chão mesmo, buscando aqui e ali pistas do trajeto que os meninos teriam feito.

Não foi nada fácil para eles, mas acabaram por chegar no morro e viram a encosta de areia, mas nem atinaram com a possibilidade de descerem como os garotos, de forma a parecer que vinham por um tobogã.

Com isto, não conseguiram diminuir a distancia que os separava das crianças, que, animados pela proximidade da antiga moradia, sentiam mais força para prosseguir.

Já antegozavam o aconchego da gruta, a segurança que ela oferecia, a água fresca que terminava num lago subterrâneo, esementes e grãos que haviam armazenado ali.

Também podia colher frutos do outro lado do túnel que ela possuía e tinham seus locais favoritos dentro dela, onde dormiam, onde lanchavam, onde brincavam e onde aprendiam.

Podia não ser um palacete, mas era seu lar, sua morada, seu aconchego e não havia nada no mundo que valesse mais do que isto.

Na selva de pedra tinham sombra, mas estavam famintos. Mariu lembrou-se de uns arbustos que tinham um fruto muito parecido com a fruta pão e falou aos meninos que andando olhavam a ver se encontravam os vegetais a lhes propiciar alimento.

Um dos meninos acabou achando e eles pegaram com certa avidez, porque estavam famintos do esforço e do tempo que haviam ficado sem se alimentar no barco.

Logo também encontraram um fruto semelhante a uma cabaça, que guardava água em seu interior e adiante, numa clareira umas bananeiras a lhes dar bananas maduras e saborosas.

Comiam mesmo andando, e foram ficando mais animados do que nunca.

De longe, na tribo de vó Maria e Fernando, os índios haviam se ajaezado com o melhor em colares, plumas e contas e sabendo por um sexto sentido que as crianças estariam passando por dificuldades, eles improvisaram uma dança da ajuda, pintando os corpos como em dias de guerra, usando maracas e flautas, para providenciar a chuva das colheitas fartas, e máscaras e cocares que os faziam parecer mais altos, a fim de espantar o mal e atrair o bem.

Embora estivessem distantes, sua intenção foi alcançada, dando mais ânimo aos meninos, que nem sentiam o cansaço, movidos pelo desejo de se verem finalmente em casa, na antiga casa onde haviam habitado, antes de construir sua casa da árvore.

Assim avançavam cada vez mais animados, já antegozando o local onde

teriam um pouco de felicidade e paz.

-Ânimo! Precisamos chegar antes que a noite caia.-
dizia Mariu.

Havia uma razão para isto. Se a noite chegasse e ainda estivessem na selva de pedra, o frio poderia enregelá-los e eles sabiam disto.

Mal se via o sol, porque já estava baixo no horizonte. Mas a gruta não devia estar longe.

Deste modo, lembrando as dificuldades havidas em Black Rriver`s os meninos se davam pressa, rumo a saída do bosque de pedras, tão lindo e acolhedor de dia, quanto dantesco e tenebroso a noite.

Nisto, Johnny, que ia a frente torceu o pé e pôs-se a manquitar. Ainda insistiu tentando andar novamente na trilha, em meio as rochas, mas percebia-se que não conseguia, que havia machucado algum tendão ou coisa pior.

Os meninos arrumaram uma espécie de muleta, feita de um galho de árvore. E ele seguiu com dificuldade.

Num trecho do caminho ele quis que o deixassem para trás, mas Mariu chamou os meninos e fizeram com tiras uma espécie de maca, e eles se revezavam para o carregar.

Um vento frio começou a soprar e Mariu teve medo que não conseguissem sair a tempo do bosque. Uma coisa ela tinha certeza, se os marujos, os bandidos os estavam seguindo, caso seu grupo conseguisse sair, eles não lograriam tal proeza, provavelmente morreriam enregelados no meio as rochas.

Saberiam eles disto?

Ela não poderia ajudá-los infelizmente.

O menino que ia a frente gritou com alegria:

-Estamos chegando, estamos chegando!

Ele avistara o grande jacarandá que demarcava o caminho, logo após a saída da selva de pedra.

Mariu não pode impedir a gritaria de alegria que se seguiu a esta informação.

-Crianças, assim acabarão por dar nossa localização!
Os meninos riam e as meninas choravam, mas era também de alegria.

Finalmente logo estariam em casa, são e salvos.
Eles se abraçavam e beijavam, em expansões de pura satisfação.

O pior parecia ter ficado para trás. Quantas perdas e quanta luta, mas podiam agora respirar um pouco aliviados.

Mariu abraçou Mayliz e Mary e Johnny quis tentar seguir com a muleta improvisada.

Logo, logo avistavam ao longe a Gruta de Platão, no final da trilha, no local mais alto, em meio a montanha de pedra, onde a vegetação teimava em nascer.

Bandos de pássaros chilreavam no ar, voando em busca de seus ninhos, como se saudassem o dia que ia embora.

O sol lançava seus últimos raios e começava a escurecer.

Parecia mentira que tanta coisa acontecera em tão pouco tempo.

Parecia mentira que eles estavam ali, a poucos passos de casa, são e salvos, apesar de tanta desgraça e perseguição.

Tudo tinha valido a pena, e Mariu só sentia que Vaz Cello não estava mais com eles, que haviam perdido sua casa da árvore e que tinham sofrido muito e errado também.

Olhou para trás, e avistou a enorme selva de pedra, com suas montanhas pontiagudas, mais parecendo uma paisagem surreal ou até mesmo de outro planeta.

Apesar do céu estar ainda claro, a lua já principiava a se mostrar no céu, enquanto o sol se despedia.

-Estamos chegando em casa!- pensou Mariu com gratidão por tudo aquilo que estavam deixando para trás.- Pena, Vaz Cello que você não está mais conosco.

seu lado. -Isto é o que você pensa!- ouviu claro uma voz ao

-Olhou e não viu ninguém.

-Estou ficando maluca!- tornou a pensar assustada.

Nisto as crianças pararam e todas olhavam para ela.

Mayliz chorava e a olhava admirada e surpresa.

-Não precisa mais correr!- ouviu novamente a voz de Vaz Cello.-Caminhe devagar. Ninguém mais os persegue.

-Por que eles estão me olhando deste jeito ?- perguntou ela notando que todas as crianças a olhavam como que assustadas, e caminhando na direção da gruta que se via ao longe.

Chegou perto de Mayliz e Mary e passou por elas.
-Ele está com ela!- ouviu-as dizer.

-E também a Fadinha Dourada!

Ela ia passando pelos meninos e sentia ao olhar para eles, que todos estavam vendo Vaz Cello e a Fadinha Dourada. Talvez até estivessem vendo mais espíritos e seres que normalmente ficam invisíveis. Ela sentia que devia seguir, que eles iriam atrás.

Era preciso entrar na Gruta, antes que a noite caísse de uma vez.

Logo estava diante da Gruta e os meninos a seguiam. Agora ela podia sentir-se segura. Deixava para trás todo o mal que os havia perseguido.

Era o momento de agradecer.

Mariu ajoelhou-se diante da gruta e fez uma oração sentida, na linguagem espiritual intraduzível na linguagem humana:

Desde que aprendi a caminhar contigo,
desaprendi de caminhar comigo.

Toda ausência tua é solidão.

Meu passado sorri para o presente
e o futuro desata suas tranças

sobre o colo nu das bem aventuranças.
Tu és o companheiro, o doce abrigo,
onde meu coração repousa e sonha,
a vontade febril que me impulsiona,
a ser mais forte, para ser melhor.
És tudo o que eu quis,
Es tudo ao que me dou, és o porque
daquilo que hoje sou,
és sobretudo, enfim, o meu amor.
Saibas, pois, que o lugar mais encantador,
é aquele onde nós dois estamos,
é o enfrentar as dificuldades,
que a vida e o tempo forem criando.
O que eu quero pra nós,
é um cantinho,
o cantinho ponderado do bom sendo,
onde possamos entender o imenso,
o incomensurável prazer de existir.
Quero sentir o nosso ser suspenso,
longe das puerilidades egoístas,
completamente humanos, mas libertos,
de todas as ideias pessimistas.
Quero sentir-te e assim compreender-te,
e te explicar o que não sei de mim
e nem de nada,
minha razão de vida acumulada,
quando te esperava,
julgando que não vinhas,
para unir as tuas mãos às minhas...

Os meninos e não podiam crer no que viam. Mariu estava diferente, com outra roupa muito mais bonita e havia tanta luz em volta dela que mal a conseguiam visualizar.

Porem viam também Vaz Cello e a Fadinha Dourada

Ela se levantou e entrou na gruta e a luz permaneceu com ela.

As crianças saíram do torpor que as envolvia e foram entrando na gruta.

Logo encontravam as tochas para acender e iluminar a caverna, e os corredores longos que já conheciam e os cômodos que haviam gerado lá dentro, com seus objetos de uso, suas camas.

Estavam cansados, mas também estavam alegres e falavam ao mesmo tempo, querendo contar a Mariu o que tinham visto, enquanto ela caminhava para entrar na gruta, e como haviam ficado felizes ao verem Vaz Cello, e como ele estava muito mais bonito e sorria, como se estivesse também satisfeito.

Então era verdade, ninguém estava só ou desamparado e os que nos amavam continuavam conosco, sempre.

Ela não podia duvidar, já que os meninos haviam visto.

Capítulo XII- GRUTA DE PLATÃO E IDA AO CÉU.

Depois de tanto tempo iam ter uma noite tranquila e poderiam retemperar as energias. Como era bom ter um canto para morar, um local onde nada nem ninguém pudesse prejudicá-los, e pudessem viver unidos no amor e no trabalho. Mariu nem podia acreditar que haviam finalmente chegado ao seu local, ao seu lar, à sua casa, e mais, que os amigos invisíveis também estavam ali com eles.

Agora tudo o que acontecesse não tinha mais importância, porque eles estavam onde deveriam estar, e , mesmo que ela partisse como Vaz Cello para aquele outro mundo diferente, onde as pessoas se tornam invisíveis, ela continuaria a amá-los e a estar com eles, sempre que lhe fosse possível.

Demorou a dormir e foi levada em espírito longe, lá na entrada da selva de Pedra que haviam atravessado.

Lá encontrou uma enorme Naja branca a guardar uma das entradas.

Engraçado que nunca antes vira a enorme serpente no local, nem jamais ouvira falar que ela lá morava e guardava a entrada.

-Como nunca antes eu soube desta cobra no local?- perguntou a quem a acompanhava.

Um velho de longas barbas brancas lhe respondeu:

-Ela sempre esteve ai, embora você nunca a visse antes. Sabemos que você se preocupava com os malvados que os perseguiram, e achou que eles poderiam ter morrido enregelados, ao entrar na selva de pedra. Mas nós os protegemos, fazendo com que a serpente se mostrasse a eles e os assustasse, e salvando-lhes as vidas., deste modo. Só a trouxemos aqui, para que soubesse.

-O mais difícil é livrá-los da própria maldade.- comentou Mariu em malícia.- Não queria me sentir responsável pela morte deles.

-Como é isso?- perguntou o velho.-Você não seria responsável pela morte deles pelo frio, se isto acontecesse, Mariu, a culpa disto seria deles mesmos. Você distorceu as coisas pela visão de sua bondade e responsabilidade, mas atualmente é isto que todos fazem, sem o perceber, culpam os bons, os honestos, os que trabalham, pelas maldades dos que são maus, desonestos e não trabalham. Esta visão distorcida tem gerado muitos males, tem tirado de cada um a total responsabilidade pelos seus atos. Isto acaba com qualquer sociedade organizada, com qualquer grupo, com qualquer país, Mariu. Não haja assim, porque nesta maneira de agir repousa todo o mal, ainda que pareça bem, nisto está o cerne da destruição, da perda de valores, do descaramento e da falta de vergonha, entendeu?

Não era fácil para ela assimilar o que o velho lhe dizia, porque sempre tivera pena dos infratores, dos mentirosos , dos aproveitadores e até dos violentos, mas agora vira como andara enganada. Sofrendo a perseguição de Cir Diz Gracia, de Sue Li, a tola, do rei Besta, de Li, Xu, El Diablo, Rob, e todos os que encontrara no curto espaço de tempo,

em que tentara voltar para a Gruta de Platão, ela, com o sofrimento, se dera conta do descaramento, da falsidade, da maldade mesmo daquelas pessoas, e aprendera a se defender e a se precaver contra eles.

Ah. Que isto não tinha sido nada fácil. Era como se tivessem lhe sugado as energias, era como se ela se sentisse de repente sem forças, mesmo com a alegria de ter chegado sã e salva a gruta e de ter os meninos se recuperado e estarem, de certa forma, em paz.

-Meu amigo, foi difícil aprender a perceber aquilo que eu gostaria de nunca ter descoberto num ser humano.

-Foi difícil para você aceitar e perceber a maldade alheia?- perguntou o velho rindo da ingenuidade dela.-Sabe por que ? Porque ao ver-lhes a maldade, você se julgava má, você acreditava que ver o mal era um erro, que todos os seres humanos são naturalmente bons. Mas não fique triste por isso. A maldade é filha da ignorância, e os maus, cedo ou tarde, perceberão como a própria maldade lhes faz mal, e se arrependerão de suas ações.

-E aí vão sofrer.- deixou escapar ela.

-Precisa parar de sofrer por aqueles que não merecem.-falou o velho com segurança e profundidade.-Isto lhe causa um desgaste maior do que você pensa. Esta preocupação com quem não merece lhe rouba as forças e encurta o tempo que teria de vida na terra.

-Você quer dizer que meu modo de ser diminuí minha vida, me desgasta, é como se eu estivesse me matando aos poucos ? - perguntou ela admirada com as conclusões a que chegava. -Mas como posso evitar de me preocupar até com aqueles que não merecem? Que me desejam o mal, que me dilapidam ?

- Precisa aprender isto. Para amenizar seus cuidados é que a trouxe aqui.

-Vocês não viram a cobra quando entraram, porque ela não se mostrou a vocês, não havia necessidade disto. Mas agora eu a mostrei a você. Seu desejo de partir do mundo, é como esta cobra que você não via, mas agora você sabe de sua existência. Não deixe que os maus lhe causem tristezas, não permita que a fraqueza dos meninos a deixe fraca. Como você acha que chegou até aqui? Como acredita que atingiu os objetivos? Todos nós a ajudamos até aqui e sabemos seu valor e dos

meninos. Não foi fácil. Agora repouse e alegre-se, descanse e não desista. Sempre encontrou soluções, sempre viveu para os outros e eu a admiro por isto, mas deve pensar pelo menos um pouco em você também.

Nisto Mariu sentiu que a puxavam de volta a Gruta, voando rápido, cada vez mais rápido de retorno ao seu corpo.

Queria ficar mais um pouco com o velho, aprender com ele, agora que retornara à gruta, não desejava mais ter que lutar, ter que trabalhar tanto como até então. Sentia-se cansada, sem viço, sem projetos, sozinha, muito, muito sozinha.

Maylis e Mary a haviam decepcionado, também Ademar e Ismael, parecia que seus meninos não tinham aprendido nada com ela.

O espaço onde se acolhera estava às escuras. A perda de Vaz Cello e da casa da árvore doíam de forma diferente em seu peito. As lágrimas corriam de seus olhos, como os rios em direção ao mar. Ela gostaria de ter morrido no lugar dele. O que percebia é que sempre estivera só. Todos contavam com ela, mas ela não contava com ninguém, a não ser com aqueles amigos que as vezes só ela via.

Nisto a Fadinha Dourada se fez visível, inundando o aposento de luz.

-Obrigada por ter vindo.- falou Mariu tentando sorrir.

-Sempre estarei com você.- falou a Fadinha, procurando confortá-la.

-Eu sei. Obrigada!- repetiu Mariu sem forças para dizer mais alguma coisa. Era como se lhe tivessem roubado a própria alma, sentia-se totalmente sem energia nenhuma, sem vontade para nada.

Mas a Fadinha não viera sozinha. Sabia que a luta de Mariu tinha sido longa, desde a morte de Vaz Cello e cada dia fora uma nova dificuldade, uma nova aventura, vencida com muita galhardia e vontade. Não queria que ela se entregasse a esta tristeza, a este desânimo, a esta apatia.

-Você precisa reagir. -falou a Fadinha, mas percebeu que a menina a ouvia sem ouvir.

Era como se nada mais importasse. A Fadinha e os outros seres que haviam vindo com ela perceberam. Mariu desejava morrer.

E não podia haver no mundo nada pior do que isto. Este sentimento dentro do peito, leva o coração a parar, ou a cabeça a explodir, como se fosse uma bomba. Este sentimento, todos sabiam, tira todas as forças de qualquer pessoa.

-Todos precisam de você.- falou a Fadinha Dourada, sentando-se a beira da cama e afagando-lhe os cabelos.

-As crianças precisam de você.- confirmou Vaz Cello em pé ao seu lado. O velho com quem ela estivera há instantes, na entrada da Selva de Pedra ali também estava naquele momento e falou:

-Mariu, reaja ! Não tanto pelos outros, mas por você mesma!

Ela queria falar, responder, sentar-se a cama, levantar-se, por-se em pé, mas não conseguia.

Um só pensamento vinha à sua mente:

Ela queria morrer, partir, já levava os meninos até ali, e eles deveriam agora viver sem ela, sem Vaz Cello, com o próprio esforço, por conta própria.

Sentia-se sem forças, sem desejos, sem ideais, sem sonhos, sem nada de nada, de nadinha.

Nisto André chamou :

-Mariu, você está acordada?

- Sim, porque ?

-Pensei ter ouvido um barulho vindo daqui.

- Não tem ninguém aqui.- respondeu ela.

Ela ouviu os passos dele indo pelo corredor e novamente o silêncio encheu o quarto, apesar da presença da Fadinha Azul, de Vaz Cello e de outros.

Ela começou a imaginar onde estaria, naquele momento, se não estivesse ali, se tivesse morrido antes de chegar a Gruta.

- Para onde teria ido, caso houvesse morrido?

Como se seu pensamento fosse mágico, deixou de se sentir no seu quarto, no cômodo onde tantas vezes sonhara e planejara a vida de todos.

Sua alma, sem peso, e sem dificuldade atravessara as paredes rochosas do local onde se acolhera, e saíra fora da Gruta, no espaço pelo qual viera. Via os desfiladeiros, a vegetação, a selva de pedra, Black River's, os marujos, o poraquê, o pássaro trovão, os pássaros, os bandidos que a haviam perseguido, frustrados por não a terem destruído, nem as crianças, até retornar a casa da árvore, que ela sabia já não existir, porque fora destruída.

Havia na visão do caminho percorrido uma saudade e uma fé profunda, que ela não mais sentia e era como se tudo não tivesse valido a pena, e de que nada dali para afrente valeria novamente a pena.

Mariu ganhara a luta, atingira seu principal objetivo, que era estar num paraíso como que perdido, onde haviam vivido e onde voltavam a viver, um local que os demais temiam, porque desconheciam, e as pessoas costumam ter medo daquilo que não conhecem...um local perfeito, seguro, só deles.

Será que a luta fora tão grande que Mariu esgotara sua fonte de energia vital?

Estava leve e solta, pairando entre o passado, o presente e podendo até tocar o futuro, como se ele fosse um objeto, uma bexiga gigante, presa por uma corda, no lugar de um barbante.

Se aquela bexiga era o futuro, e ela não via futuro para si mesma, porque não deixar-se levar por ela?

Pensando assim, segurou com força a corda que prendia e a enorme bexiga, pensando que ela a levaria ao futuro e que se ela tivesse morrido, então a mesma a levaria ao local para onde teria ido.

Como se esperasse aquela atitude dela, assim que tocou a corda, a bexiga começou a subir, levando-a pendurada às alturas.

Pensou nas lendas que ouvira do pássaro Roca, mas não sentiu medo.

Estava leve, praticamente imponderável, não sabia para onde a levavam, mas sentia desejo de ir, e foi subindo, subindo, subindo tão alto, que já quase não avistava mais o chão, tinha

ultrapassado as nuvens que estavam prateadas pela luz da lua e continuou subindo.

Num dado momento, sem saber exatamente como haviam atravessado um chão de terra, e estavam agora num imenso gramado muito verde, percebendo-se que havia um jardim, árvores e casas brancas próximas dali, com luzes acesas nas janelas.

Mariu se sentia estranha, muito calma, percebendo que não estava sozinha, não voara até ali sozinha, e um homem muito formoso foi se delineando à sua frente.

-Todos têm um anjo da guarda.- raciocinou ela- Eu também devo ter um, e deve ser este homem que me aparece, mesmo que não tenha asas.

-Quem é você ? -perguntou ela, sem sentir nenhum temor, porém com uma emoção forte em seu coração. -Por que me trouxe aqui?

-Você não desejou saber onde estaria, caso já houvesse morrido?- perguntou o ser que a fitava muito sério e compenetrado. -Provavelmente estaria aqui, neste lugar comigo.

-Quem é você?- tornou a perguntar Mariu, percebendo que ele não respondera a pergunta, nem lhe explicara com clareza, que lugar era aquele.

-Este lugar é onde eu moro atualmente. E eu sou o ...seu anjo da guarda.

Mariu olhou aquele ser belo, sem dúvida, mas tão humano, sem asas, como alguns anjos que ela já vira não apenas em gravuras, mas em sonhos ou até quando entrava naquele estado espiritual de mexer e ver e sentir e interagir com coisas que os outros dificilmente participam, e achou graça na situação.

Então os anjos vivem em locais tão semelhantes aos locais bonitos da terra, com jardins, alamedas, casas, flores, lua e tudo o mais ?

-Meu anjo da guarda? -repetiu de forma meio estúpida, pelo inusitado da situação.

- Por que? Achas que eu não sirvo?- perguntou o homem a sua frente, como se estivesse zangado.

Mariu tornou a rir daquele momento tão diferente em toda sua vida, mas falou como se aquilo fosse a coisa mais natural do mundo:

- O senhor me desculpe, vejo que não tem asas, talvez isto explique porque na minha vida passei por tantos maus momentos e o senhor, tudo parece indicar, não estava por perto.

- Você está reclamando da minha atuação, acha que eu não a protegi não estive ao seu lado?

-Quer que eu seja sincera?- perguntou Mariu sem se dar por achada.- Tenho visto na minha curta vidinha tanta gente má conseguindo tudo, tanta gente desonesta vivendo no que se chama de bem bom, tanta gente canalha mesmo, feliz da vida, que acredito que o anjo da guarda destas pessoas são muito mais capazes do que você tem sido.

O homem, ou anjo da guarda, como queiram, arregalou os olhos de espanto, mesmo conhecendo de sobra Mariu e a forma dela ser e de agir.

- Quer dizer que você, Mariu, está reclamando da ajuda que tenho lhe dado?

- Ajuda, proteção o escambau, o que você acha que fez, tem sido uma grande porcaria.- falou ela, dando vazão ao aborrecimento que sentia.-E se morrer é estar com você, neste lugar bonito, sem dúvida, que causa um grande bem estar, sem dúvida, mas que é só melhor do que o local onde eu estou, porque, ao que parece, aqui não se vêem os pilantras que tenho encontrado, lá embaixo. E eu digo lá embaixo, porque me vi subindo um bocado para chegar até aqui.

- Então você está descontente com meu trabalho?- tornou a perguntar estupidamente o anjo.

- Você me desculpe, não é muito delicado da minha parte, mas você, como meu anjo da guarda, já devia saber de sobra como me sinto, não é mesmo? Pelo menos é o que pensamos, que os anjos da guarda sabem tudo, sabem de nós até mais do que nós mesmos sabemos .

- Sim, eu imaginava, sabia, até uma vez recebi um recado seu, que nem quis acreditar.- falou o homem, andando de um lado para o outro, como se estivesse nervoso.

-Que recado?- quis saber Mariu sem se lembrar.

-Me disseram que você mandou me dizer que eu não estava dando conta do recado, e que procurasse um arcanjo, querubim ou serafim, para te proteger. Fui conferir e era isto mesmo que você estava pensando...e dizendo!

-Agora me lembro. Foi isto mesmo. Então, se recebeu o recado e foi conferir, porque ainda continua no posto ? Estão todos tão ocupados que ninguém pode te substituir, ou não quiseram?- voltou Mariu perguntar.

O homem, ou o anjo, a olhava com uma cara tão desconsolada que dava até peninha dele, mas respondeu:

-Pensei que você estava apenas brincando ou um pouco zangada além da conta.

-Como anjo da guarda devia saber que eu falava sério, como também estou falando sério em partir, mesmo que seja este o lugar que me espera.

-Este é um lugar excelente. O que lhe desagradou neste lugar?

-Não estou reclamando nada, só que parece um lugar comum, bonito, mas comum.

-Pelos deuses!- falou o homem.-Em que lugar você imaginou que iria? Nas nuvens, com anjos tocando harpas?

-Eu não imaginei nada. - retrucou ela, com um muxoxo.

-Bem, vou ver se tem um arcanjo para me substituir, se permitirem.-retrucou ele fazendo um gesto como se fosse desaparecer dos olhos dela, que rapidamente gritou:

-Preferia um serafim, mas já que tem que ser arcanjo, que seja o Miguel.

Nem teve certeza de a que ele ouvira, porque mais rápido do que ela pensara, ele já sumira dos seus olhos.

Chateada, cansada, Mariu sentou-se na grama, lembrando que sua cama era mais confortável.

Afinal, pensava, o que estava ela fazendo naquele lugar, e o que aconteceria ali, se o senhor Deus sabia de tudo e desde que se lembrava, sua vidinha tinha sido bem dura, com perdas, perdas, perdas e mais perdas, por mais que ela se dedicasse e lutasse o tempo todo.

Afinal, se um anjo da guarda não dera conta, porque um arcanjo, querubim ou serafim fariam algo melhor? E quem se importaria com o que ela pensava a respeito, e o fato dela se sentir tão cansada, que achava que estava chegando na reta final?

Olhou ao redor e viu uma bela árvore adiante. Levantou-se e foi até ela, porque ali poderia se sentar e recostar as costas e a cabeça no tronco, ficando melhor acomodada.

Sentou-se novamente, e a tristeza foi tomando conta de sua alma, a tal ponto, que ela se sentia uma tristeza só, única, inteira, tomando conta de tudo.

Lágrimas correram-lhe dos olhos e ela pensou o que ainda teria de fazer para auxiliar seus meninos, porque pelo menos havia conseguido se livrar daquele bando de bandidos, que jamais os poderia atingir, no local onde estavam naquele momento, e de onde talvez fosse melhor nunca ter saído.

Para que sonhar, para que ter ideais, se tudo ficava como que perdido no tempo e no espaço, sem meios de realização? Para que acreditar num mundo melhor, se a maioria que parecia vitoriosa, aos olhos do mundo, eram apenas e quase sempre apropriadores indébitos das ideias alheias, verdadeiros mentirosos e ladrões, sem caráter? Para que ter vontade de realizar o bem, estender auxílio, expandir o amor e o conhecimento, se a viagem empreendida, o caminho era juncado de armadilhas terríveis, e a vida terrena era tão curta, que nem dava tempo de aproveitar um pouco, a não ser as lições aprendidas, e o bem que se espalhou por aí?

Se ela partisse, o que seria dos meninos sem ela? Se deixavam levar nas ondas dos acontecimentos, como se não pudessem intervir. E poderiam ? Ela tinha podido fazer alguma coisa? Era provável

que fizera, mas tão pouco que até se envergonhava de tanto esforço para tão pouco resultado.

Estava tão cansada que os pensamentos pareciam sempre os mesmos, como se a cabeça fosse um carrocêl, girando sem parar, mas sem sair do lugar também.

Lembrou-se de sua avó Maria e seu avô Fernando, lá na aldeia deles. Por que quando lá estivera se sentira tão bem, tão protegida? Devia ser porque ali ela era a criança, para seus avós e agora ela era a responsável pelos meninos.

-A vida não devia ser tão complicada. -pensou ela .

Aos poucos foi fechando os olhos e dormiu. A princípio achou estranho que sonhasse, ou como que sonhasse que estava num outro lugar e mais dormindo. Mas a gente também pode dormir, quando já está como que dormindo?- perguntou estranhando o que sentia e percebia.

Saiu daquele corpo e foi andando em direção as casas, pensando:

-Se meu anjo voltar com o arcanjo Miguel ou outro, ele me acorda e vamos ver como tudo fica. Mesmo porque eles devem saber mais das coisas do que eu, e, neste caso, logo verão para onde eu fui, e o que estou fazendo.

As casas estavam cada vez mais perto.

Logo se viu numa alameda, onde havia uma praça e um lindo jardim, com árvores e flores.

Havia uma iluminação na rua e as casas tinham cercas baixas, que pareciam apenas demarcar o terreno.

Sem saber porque, sentiu-se atraída para uma casa térrea, muito bonitinha, com um jardim a frente, e um caminho no meio dele, e dirigiu-se a porta de entrada, ampla e simples. Não sabia se devia tocar a campainha, mas tentou encontrar a mesma, sem achar. O jeito seria bater palmas, ou bater com o puxador em forma de leão pendurado na porta, na madeira da mesma.

Porém, mesmo sendo noite, o que devia indicar que as pessoas estavam dormindo, como se alguém a esperasse, a porta se abriu

e viu um senhor idoso à soleira, chamando-a pelo nome:

-Entre, Mariu. Estávamos esperando por você.

Ela estranhou a fala daquele senhor, porque ela não sabia onde estava, nem com quem, então como estavam esperando por ela?

Ele sorriu, como se tivesse lido seu pensamento e entraram, dando numa sala ampla, com poltronas e uma mesa de refeições e mais estantes com livros e enfeites, tal como na maioria das casas na terra.

-Desculpe, meu senhor...-falou ela. -Disse que me esperava, mas eu, de forma alguma, esperava estar aqui esta noite.

-Faz parte da vida, Mariu, as coisas nem sempre são como a gente deseja ou programa, e você sabe disto, mas daqui acompanhamos todas as aventuras que você e os meninos tiveram que passar, sob a sanha do Cir Diz Gracia, do Rei Besta e tantos outros. Foi uma viagem fantástica, com lances os mais diversos, todos muito proveitosos. Você pode se considerar uma pessoa vitoriosa, pena que não veja as coisas por este ângulo.

O senhor indicou-lhe uma poltrona e convidou-a a sentar.

Mariu estava curiosa e preocupada.

-Por que estava ali? O senhor dizia que a esperavam, mas como era isto, se somente ele estava ali. Quem eram as criaturas que a esperavam e por que? Ela não era importante, sua vida era uma sucessão de dificuldades, em cima de dificuldades, perseguições, injustiças. Além disto, se seu anjo da guarda a procurasse, ia acordá-la e ela não veria o final do que estava acontecendo.

Nisto começou a ouvir vozes vindo lá de dentro da casa, e achou estranho que, sendo de noite, houvessem pessoas acordadas, e mais, pareciam muitas.

A porta da sala se abriu e também a que levava ao interior da casa e pessoas começaram a entrar na sala, pareciam pessoas que ela conhecia, mas não podia ter certeza.

Uma senhora franzina, aproximou-se dela, com um brilho do olhar e estendeu-lhe as mãos:

- Você é Mariu?

Mariu se lembrou que estivera antes com aquela mulher, há muito tempo num salão, onde se ajudavam pessoas que haviam perdido os entes queridos. Que Mariu vira o parente daquela senhora que partira e dera notícias dele. Que isto tinha dado um ânimo novo na vida dela.

-Você se lembra de mim?- perguntou a senhora.

-Sim. A senhora frequentava o Lar.

-Durante muito tempo Mariu saía da gruta para ajudar as pessoas que iam procurar auxílio, pela tristeza que sentiam da morte de um ente querido, neste lugar, que chamavam de Lar. E ela, Mariu, falava com os mortos e trazia suas notícias.

Ela já não se lembrava disto.

Aproximou-se um jovem e perguntou:

-Você se lembra de mim?

Como se fosse mágica, ela se lembrou. Ele e outros que ali estavam tinham se beneficiado das coisas que Mariu desenhava, através dos mortos. Havia construído creches, asilos, centros, auxiliado famílias, e muitas outras coisas, com aquilo que Mariu lhes dera, durante o tempo em que estivera na casa da árvore com Vaz Cello e os meninos.

O que aquela gente estava fazendo ali, na casa daquele senhor que ela não conhecia, como se houvessem vindo de propósito, para lembrar as coisas que ela conseguira para os outros, durante sua vidinha tão curta?

-Sim, eu me lembro de você e da maioria das pessoas que aqui estão. Já nos cruzamos antes, em várias circunstâncias e situações.

-Em situações em que você nos ajudou, de muitas formas diferentes.-falou o rapaz. -Com ajuda de dinheiro, porque você dizia que na matemática de Deus a gente pode dar, mesmo sem ter, com conselhos no momento certo, impedindo suicídios e assassinatos, separações e discórdia, desequilíbrio e insensatez.

-Por que vocês estão aqui?- deixou escapar a menina assustada com o número de pessoas, que ela percebia serem tantos, que

estavam até do lado de fora da casa e mais e mais chegavam, sem parar. Ela nem se lembrava de tanta gente, de tanta coisa que ela fizera, com esforço, mas com tanto amor, que achava naquele momento que não havia mais nada para dar, já que se sentia tão sem forças e sem ânimo e até sem bens pecuniários.

O rapaz, tal como a senhora, a abraçaram com alegria.

Ai, começaram a chegar uns seres muito diferentes. Um ,enorme com chifres e rabo, com patas de bode, e olhar forte , meio homem e meio bicho, entrou na sala e era tão grande que sua cabeça batia no teto.

-Você se lembra de mim, Mariu ?

- Como poderia esquecer?- perguntou a menina. - Você vivia de fazer maldades, com o seu bando, e aí conversamos, você estava com muita gente, mas nunca vi alguém tão sozinho como você. Achei que você precisava de uma irmãzinha e me ofereci para ser sua irmã, e aí, você mudou, mudou muito, porque então aparece como era antes?

-Só apareci deste jeito, para que você se recordasse. -falou aquele ser estranho, se transformando num lindo moço diante de seus olhos.

Outros iguais a ele, que olhavam pelas janelas, também foram se transformando em homens bonitos e gentis.

Crianças passaram em meio as pessoas com cestos de flores e foram entregando a Mariu:

-Você nos ensinou coisas boas.- disse uma.

-Você nos contou histórias. -disse outra.

-Você nos ensinou a estudar e a trabalhar, a respeitar os pais, animais, e plantas.- disse outra.

-Você nos ensinou a cantar, músicas lindas.

-Você nos deu de comer.- falou outra.

-Você fez festas, teatro, roupas para nós. - comentou outra.

Nisto um bando de pessoas mal vestidas adentrou e traziam uma cesta cheia de pães.

-Lembra-se de nós, Mariu ? Você nos servia lanche e comida nas ruas.

Junto com eles, vinha um frade franciscano, cuja luz quase cegou os presentes. Era Francisco de Assis.

Sorrindo ele falou:

- Lembra-se de quantas vezes pedimos ajuda de porta em porta, para alimentar as famílias?

Mariu se lembrava, mas como podia ser isto, se sua vidinha era tão curta e sempre achara que não fizera nada ?

Nisto entrou um homem moreno, de grossas sobrancelhas, e um outro loiro, vestido como um príncipe dos contos de fada e disseram:

-Você nos recebeu em sua Gruta e deixou que escrevêssemos nossos livros.

Mariu estava muito emocionada, mas ficou a pensar o que significava tudo aquilo.

Sabia que estava lá fora, dormindo no jardim, esperando o retorno do seu anjo da guarda, com o arcanjo Miguel, e que, também estava em seu quarto, sem forças nem para tirar a cabeça do travesseiro, com muita vontade de morrer, porque achava que não tinha saída para as dificuldades que a espreitavam e aos seus meninos, e porque toda aquela gente aparecia, como se fosse do nada, uns vivos, outros já mortos, para lembrar de algumas coisinhas que fizera?

Isto só podia ser coisa de seu anjo da guarda, que sabia o quanto ela estava zangada com ele, e estava, daquele modo, tentando diminuir sua zanga, ou ampliar sua disposição.

Era um truque muito safado aquele, parecia coisa de criança quando faz travessura e vem pedir desculpas, ou oferecer alguma coisa, como recompensa.

Mas isto não ia diminuir nem um pouquinho a dor que ela sentia, a tristeza, e o fato de se ver num beco sem saída. Livrara-se dos maus, porém como viver na Gruta sem meios de subsistência, ela e os

meninos? Era verdade que ajudara muita gente, e agora, eles não a podiam auxiliar.

- Seus livros me ajudaram, me fizeram entender muita coisa.- falou um senhor.

- Não são meus.- falou ela.-São dos mortos. Eles me deram e eu passei adiante.

- Por que não vê quanta coisa boa você já fez na sua vida ? Por que não quer aceitar a gratidão destas pessoas? - perguntou o senhor, que parecia ser o dono daquela casa.

- Não fiz isso para receber gratidão. - falou Mariu zangada.- Gratidão não enche barriga, e vamos morrer de inanição, naquela gruta de Platão, onde moramos, e de onde, quando saímos, percebemos o quanto havia de perigo e de maldade por ai. Se não posso continuar a ajudar os outros, se não posso si quer cuidar dos meninos, se não tenho mais forças para fazer nada, queria sumir de uma vez, virar fumaça, nuvem, estrela, qualquer coisa, porque vejo que os maus tomaram conta do mundo lá fora de minha gruta, e falei para meu anjo da guarda, que se eu não vejo saída e nem ele, melhor seria buscar com alguém que saiba mais do que ele, porque de onde estou assisto eu o Lu, a Dil, o Li, Xu, Diablo, Rob, e muitos outros, como Cir Diz Gracia, Rei Besta se dando bem, aprontando todas, e quem é bom morre na praia, depois de atravessar o mar a nado, como se diz.

- Calma, Mariu.- falou o senhor dono da casa.

- Calma? -falou ela.-Tive calma minha vidinha inteira, e o que ganhei com isto ? Estou morrendo, vocês não vem ? Morrendo sem atingir os altos objetivos da minha vidinha, morrendo assistindo uma súcia de pilantras dominar o mundo, minha terra, e até os meios mais, digamos, ditos espiritualizados. E não posso fazer mais nada, além do que já fiz, e que considero uma merreca, algo pequeno, mas que foi feito com muito sacrifício, vontade, coragem e destemor.

- Reconhecemos o que você fez.- falou o senhor com firmeza.

- -E dai? - falou muito zangada Mariu. - O que isto adianta? Quer saber? Quando é que os que são bons vão governar este mundinho, hein?

- Todos estavam admirados com os modos da menina, por que haviam vindo ali, para festejar tudo de bom que haviam recebido dela, mas, naquele momento, ela parecia uma bomba prestes a explodir.
- -Vou sair daqui, vou pegar meu corpo dormindo lá fora e vou retornar a Gruta de Platão, para morrer na praia, como já disse, para perder tudo o que tenho e tudo o que sou. Por que vocês são muito bons, mas eu não posso viver de lembranças, de agradecimentos, ou seja lá do que for. Se não posso fazer nada para mudar a situação, então prefiro mesmo morrer, entenderam?
- - Você não pode fazer isto!- falou o jovem escritor, que mais parecia um príncipe.
- - E quem vai me impedir?- perguntou Mariu furiosa. -Você ?
- -Ele não !-falou o senhor dono da casa.- Ele não, mas eu sim!
- E aquele senhor foi se transformando, explodindo numa luz , como se fosse um mágico extraordinário, e todos viram que ele criava asas enormes, que sua roupas se transformavam como que a de um legionário romano, que em suas mãos aparecia uma espada flamejante, estava de sandálias romanas e aquela saia de couro que eles usavam, seus cabelos ficaram castanhos, e todos estavam espantados com a mudança que se operara nele.
- - Você me chamou, Mariu ? A avaliação de tudo o que fez não é o bastante ? Você quer fazer mais ? Pois aqui estou, para tentar ajudá-la. Meu nome é MIGUEL !- falou ele com uma voz possante e diferente.
- Mas ela não se assustara. Olhando seu anjo da guarda que também chegara e se transformava, ela falou:
- -Pois, então, Miguel, meu anjo não deu conta do recado? Vamos ver se com você ainda faço alguma coisa!
- E dando adeuses as pessoas que ficavam, Mariu segurou na mão do arcanjo e voou até seu corpo espiritual adormecido, e voltou ao corpo de carne, acordando e dizendo ao arcanjo Miguel e ao novo autor:

- Obrigado Ryuno. Você escreveu uma linda história e me ajudou a superar alguns momentos. Vamos ver o que conseguiremos fazer daqui para a frente!

- FIM.
- Saiu por uma porta,
- entrou pela outra,
- quem quiser
- que conte outra.

INDICE

-	introdução.....	04
-	capítulo I.....Entre piratas.....	05
-	capítulo II....Na aldeia indiana.....	11
-	capítulo III...O balão.....	16
-	capítulo IV...O poraquê.....	
-	capítulo V....No barco Mister Zé.....	
-	capítulo VI.....Na contra mão da sorte....	32
-	capítulo VII....Na mansão do rei Besta....	37
-	capítulo VIII..Viagem astral.....	46
-	capítulo IX.....A volta do poraquê.....	57
-	capítulo X.....Novidades.....	70
-	capítulo XI.....A salvo.....	80
-	capítulo XII..Gruta de Platão e ida ao céu.	92

- **ESCREVA AQUI O SEU FINAL E ENVIE PARA A EDITORA.**